



Lara de Araújo Luzente

**Geografar a partir da ação:
contribuições das insurgências para a produção
do espaço**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau Mestre em Geografia
pelo Programa de Pós-Graduação em
Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio.

Orientador: Prof. José Borzacchiello da Silva

Rio de Janeiro,
Maio de 2023



Lara de Araújo Luzente

**Geografar a partir da ação:
contribuições das insurgências para a produção do espaço**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau Mestre em Geografia
pelo Programa de Pós-Graduação em
Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio.

Prof. José Borzacchiello da Silva

Orientador

Departamento de Geografia e Meio Ambiente – PUC-
Rio

Profa. Anita Loureiro de Oliveira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profa. Regina Célia de Mattos

Departamento de Geografia e Meio Ambiente –
PUC-Rio

Prof. Timo Bartholl

Pesquisador Autônomo

Rio de Janeiro, 16 de maio de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora.

Lara de Araújo Luzente

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Realiza pesquisas sobre Movimentos sociais vislumbrando compreender suas dinâmicas de organização no Espaço Geográfico.

Ficha Catalográfica

Luzente, Lara de Araújo

Geografar a partir da ação : contribuições das insurgências para a produção do espaço / Lara de Araújo Luzente ; orientador: José Borzacchiello da Silva. – 2023.

135 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2023.

Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Movimentos sociais. 3. Cartografia da ação. 4. Favelização. 5. Produção do espaço urbano. I. Silva, José Borzacchiello da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. III. Título.

CDD: 910

Ao Prof. Dr. José Borzacchiello, grandioso para ciência geográfica,
orientador e referência.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço, primeiramente, a minha mãe. Me levou, esperou e buscou várias vezes na PUC. Para quem não sabe, em fevereiro de 2022 passei por um momento bastante conturbado devido a um acidente de bicicleta, fui submetida a uma cirurgia no joelho e fiquei um grande período com o deslocamento comprometido. Por sorte tive minha mãe ao meu lado, me carregou, literalmente, para todos os lugares e possibilitou a conclusão do mestrado. Te amo por isso e por muito mais!

Simultaneamente a ajuda da minha mãe, tive o apoio irrestrito da minha irmã, foi amiga, “psicóloga”, companheira e escudeira, mesmo vivendo um período difícil da sua vida, não largou a minha mão em nenhum momento. Tatuxa leu várias vezes esse trabalho, deu algumas dicas, mesmo não sendo geógrafa, sempre se interessou pelo meu desenvolvimento intelectual, e se orgulhou das minhas conquistas. Te amo, minha irmã.

Meu pai é a pessoa que sempre viveu nesse lugar, ele construiu minha casa com a ajuda do meu avô e dos meus tios. Todas as histórias que ele me contou sobre a esse espaço são importantes para tomar coragem de escrever esta dissertação. Meu pai, mesmo não tendo uma formação acadêmica, leu um artigo que escrevi e conseguiu compreender perfeitamente o que eu gostaria de transmitir. Nesse dia percebi que estava escrevendo corretamente.

Agradeço ao coletivo COE, Clara, Jocemir, Eliane e Elisete, vocês são força, garra e muito mais do que resistência, vocês são existência, vida e dignidade. Sem a ajuda de vocês nada disso teria existido ou feito sentido. Sou grata pelo esforço, pelas trocas, diálogos (algumas vezes bastante acalorados), lanches, e, sobretudo, abertura dos portões.

Agradeço aos meus amigos, pois são refúgio, abrigo e afago, sou muito grata e abençoada por desfrutar a vida boa ao lado de vocês. Em especial: Eloá, Gabriel, Lucas, Natássia e Yan. Sem esquecer da Thayná, minha grande parceira de pós-graduação, o nosso reencontro foi uma surpresa maravilhosa, sou muito grata pelo seu apoio e escuta.

Agradeço a CAPES por fomentar a pesquisa, acreditar e fortalecer os sonhos de tantos brasileiros que querem ser pesquisadores. O Brasil precisa investir na ciência, na pesquisa e no desenvolvimento intelectual do seu povo!

Agradeço a cada criança e adolescente que participou e acreditou que plantar, ler e estudar pode ser uma maneira de transformar a realidade. Obrigada pela presença na biblioteca, no quintal e na FLICC. Eu acredito tanto na rapaziada!

Agradeço ao meu orientador, José Borzacchiello, pelas reuniões, conversas, mensagens e por ter acreditado que era possível escrever sobre o meu lugar. Até hoje é difícil acreditar que tenho como orientador um dos maiores Geógrafos do Brasil, tenho muito orgulho de tudo que a gente pode desenvolver durante esses poucos anos trabalhando juntos.

Agradeço a banca, Anita e Regina pela presença na minha qualificação, vocês transformaram o rumo da minha pesquisa, abriram novas portas, obrigada pela leitura atenta. Ao Timo eu agradeço por ter escrito o livro que é base dessa dissertação, o seu trabalho inspira muitas pessoas.

Agradeço a todas as pessoas que acreditam e não desistem de lutar pela educação como ferramenta essencial para o combate da desigualdade. Como uma boa sonhadora continuo acreditando num futuro potente para o nosso país, e tenho certeza de que ele surgirá a partir do momento em que a educação for, de fato, uma prioridade. Enquanto isso, a gente vai fazendo como pode. Essa pesquisa demonstra algumas formas de fazer isso, se você quer descobrir, continue lendo e se envolvendo.

Queria finalizar dizendo que hoje estou feliz e grata, sou a primeira mestre da minha família. Espero não parar por aqui, que esse seja o início de uma longa jornada acadêmica. Até logo.

Resumo

LUZENTE, Lara Araújo, SILVA, José Borzacchiello. **Geografar a partir da ação:** contribuições das insurgências para a produção do espaço, 2023, 135 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação traz para o campo teórico os processos relativos à ação social, enxergando seu potencial de transformação do espaço urbano a partir da metodologia da cartografia da ação (RIBEIRO, 2001), seguindo a linha da investigação/participação ativa. (BARTHOLL, 2018) Desse modo, o trabalho tem como objetivo geral: discutir o espaço da Favela do Final Feliz a partir do diálogo com o Coletivo COE. Ao longo da construção teórica, caracterizo o espaço da Favela do Final Feliz dissociado da visão do “sobrevoo” e discuto sua inserção no processo de produção da cidade do Rio de Janeiro. A partir das ações cotidianas em comunidade, através de uma pesquisa-ação participativa, demonstro as formas de apropriação do espaço pelo Coletivo COE e como elas moldam as experiências do espaço vivido nesta favela. Este trabalho produz um entendimento mais aprofundado e fidedigno da Favela do Final Feliz e do Coletivo COE, o que demonstra a relevância da Geografia e da pesquisa-ação para compreender os movimentos sociais em favelas.

Palavras-chave

Movimentos sociais; cartografia da ação; Favelização; Produção do Espaço Urbano.

Abstract

LUZENTE, Lara Araújo, SILVA, José Borzacchiello (advisor). **Geographing from action: contributions of insurgencies to the production of space**, 2023, 135 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation brings to the theoretical field the processes related to social action, seeing its potential for transforming urban space from the methodology of cartography of action, following the line of investigation/active participation. In this way, the work has the general objective: Discuss the space of Favela do Final Feliz from the dialogue with Coletivo COE. Throughout the theoretical construction, I characterize the space of Favela do Final Feliz dissociated from the “overflight” vision and discuss its insertion in the production process of the city of Rio de Janeiro. Based on everyday actions in the community, through participatory action research, I demonstrate the forms of appropriation of space by Coletivo COE and how they shape the experiences of the space lived in this favela. This work produces a deeper and more reliable understanding of Favela do Final Feliz and Coletivo COE, which demonstrates the relevance of Geography and action research to understand social movements in favelas.

Keywords

Social movements; action cartography; Favelization; Production of Urban Space.

Resumen

LUZENTE, Lara Araújo, SILVA, José Borzacchiello. **Geografiar desde la acción:** aportaciones de las insurgencias a la producción del espacio, 2023, 135 p., Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta disertación trae al campo teórico los procesos relacionados con la acción social, viendo su potencial para transformar el espacio urbano desde la metodología de la cartografía de la acción, siguiendo la línea de investigación/participación activa. De esta forma, el trabajo tiene como objetivo general: Discutir el espacio de la Favela do Final Feliz a partir del diálogo con el Coletivo COE. A lo largo de la construcción teórica, caracterizo el espacio de Favela do Final Feliz disociado de la visión de “sobrevuelo” y discuto su inserción en el proceso de producción de la ciudad de Río de Janeiro. A partir de acciones cotidianas en la comunidad, a través de la investigación acción participativa, demuestro las formas de apropiación del espacio por parte del Coletivo COE y cómo configuran las experiencias del espacio vivido en esta favela. Este trabajo produce una comprensión más profunda y confiable de Favela do Final Feliz y Coletivo COE, lo que demuestra la relevancia de la Geografía y la investigación acción para comprender los movimientos sociales en las favelas.

Palabras llave:

Movimientos sociales; cartografía de acción; favelización; Producción de Espacio Urbano.

Sumário

1. Introdução.....	17
2. A cidade, o subúrbio e a Favela: a Escala como um artifício analítico importante.....	18
2.1 A construção de um conceito de “Complexo de Favelas” a partir da visão de sobrevoo: desdobramentos e repercussões.....	32
2.2 Favela do Final Feliz no contexto das múltiplas escalas;	37
2.3 Favela e sobrevivência na metrópole;.....	45
2.4 Urbanização e segregação espacial: um ensaio sobre a origem do subúrbio carioca.....	53
3. Aproximações teóricas e práticas sobre a geografia e os movimentos populares em favelas.....	32
3.1 O surgimento e atuação do Coletivo COE	66
4. Conscientizar, Educar e Organizar: preceitos para produção espacial insurgente.....	64
4.1 A Festa Literária do Complexo do Chapadão	77
4.1.1 A Cartografia da ação social da Festa Literária do Complexo do Chapadão.....	82
4.1.2 Desdobramentos da III FLICC	93
4.2 “O que está acontecendo no meu Quintal?": Projeto Agroecológico Quintal escola Chico Mendes.....	99
4.2.1 O 1º Ciclo de Oficinas do Quintal Escola Chico Mendes.....	103
4.2.2 O 2º Ciclo de Oficinas do Quintal Escola Chico Mendes.....	115
4.2.3 Perguntas e respostas: como o Coletivo Coe avalia o 1º e 2º ciclo de oficinas do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes:	120
5. Chegar ao fim da dissertação é preciso, dizer adeus ao Coletivo não é	77
Referências.	122

Lista de figuras

Figura 1: Ilustração sobre conceitos básicos da investigação militante.....	27
Figura 2: Reportagem G1	34
Figura 3 Reportagem G1	35
Figura 4: Reportagem G1	35
Figura 5: Reportagem G1	35
Figura 6: Reportagem G1	36
Figura 7: Uma limpeza indispensável	54
Figura 8: Mapa do Coletivo COE para detectar a Força, Oportunidade, Ameaça e Fraqueza.	74
Figura 9: Lona para receber a FLICC na Rua	79
Figura 10: Visitante lendo um livro na Biblioteca Paulo Freire durante a III FLICC	79
Figura 11: Quadros feitos por ALBARTE sobre o cotidiano no Complexo do Chapadão expostos durante a III FLICC	80
Figura 12: Oficina de Colagem Criativa (Zine)	80
Figura 13: Banner de divulgação da FLICC	84
Figura 14: Materiais de divulgação	85
Figura 15: Demonstrando o Mapa do Município do Rio de Janeiro	87
Figura 16: Demonstrando os mapas dos Bairros Anchieta e Pavuna.....	87
Figura 17: Construindo a Cartografia	91
Figura 18: Construindo a Cartografia: desenhando a biblioteca Paulo Freire.....	91
Figura 19: Apresentando para a FLICC o resultado da Oficina “Cartografando Afetos”	92
Figura 20: Reportagem do Jornal O Dia sobre a vaquinha para quitar o terreno.	101
Figura 21: Oficina: “Técnicas de manejo e correção do solo. ”	106
Figura 22: Oficina: “Fábrica de afetos”;	107
Figura 23: Hortaliças do Quintal Escola Chico Mendes.....	108

Figura 24: Oficina: “Compreendendo a importância do solo através da interação com a agroecologia”.	108
Figura 25: Oficina: “Compreendendo a importância do solo através da interação com a agroecologia”. 2	109
Figura 26: Preparação de mudas.....	110
Figura 27: Colheita de hortaliças no Quintal Escola Chico Mendes	116
Figura 28: Cesta de hortaliças produzidas no Quintal Escola Chico Mendes...	117
Figura 29: Colagem dos lambe-lambes pela Favela do Final Feliz	118
Figura 30: Realização de uma aula sobre plantio no Quintal Escola Chico Mendes	119

Lista de mapas

Mapa 1 - Conjunto de favelas Parque Criança Esperança com destaque na Favela do Final Feliz	39
Mapa 2 - Localização Bairro Anchieta	40
Mapa 3 - Localização do bairro Anchieta frente ao município do Rio de Janeiro.....	40
Mapa 4 - Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas - 2004	41
Mapa 5 - Área total ocupada por favelas por Regiões Administrativas - 2011 - cidade do Rio de Janeiro	51
Mapa 6 - Área Metropolitana (Área Conurbada) do Rio de Janeiro: Localização das Estradas de Ferro.	55
Mapa 7 - Município do Rio de Janeiro: Zoneamento Industrial.....	59
Mapa 8 - Como o espaço do “Complexo do Chapadão” é retratado pela mídia .	88
Mapa 9 - Cartografia da ação: Pontos e Contos	93
Mapa 10 - Escala da ação – Expositores / Artistas da FLICC	94

Lista de Tabelas

Tabela 1: Metodologia da Pesquisa	28
Tabela 2: Proporção de área ocupada por favelas em relação à área total da Região Administrativa - 2004 até 2011) - Cidade do Rio de Janeiro	42
Tabela 3: Área ocupada pelas favelas cadastradas segundo na Área de Planejamento 3 (AP) especificamente na XXII Regiões Administrativa (RA) - Município do Rio de Janeiro - 1999/2019”	43
Tabela 4: Taxa de Crescimento de Favelas no Rio de Janeiro de 1950 a 2000.	48
Tabela 5: Taxa de Crescimento por Zona de 1980 a 1992	48
Tabela 6: Proporção entre a população total e a das favelas, por Áreas de Planejamento – Município do Rio de Janeiro – 2010	51
Tabela 7: Distribuição da População no Distrito Federal - 1920 - 1960	58
Tabela 8: Distribuição da População no município do Rio de Janeiro - 1960-2010	61
Tabela 9: Pontos fracos e fortes do lugar.....	89
Tabela 10: Temas das oficinas e seus objetivos gerais	104

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Artista/ Expositores do território (Chapadão, Final Feliz e adjacências)	95
Gráfico 2 - Artista/Expositores da Zona Sul do Rio de Janeiro.....	96
Gráfico 3 - Artistas/ Expositores da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro	96
Gráfico 4 - Artistas/ Expositores de demais bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro.....	97
Gráfico 5 - Primeira Pergunta do Questionário.....	111
Gráfico 6 - segunda pergunta do questionário	112
Gráfico 7 - Terceira Pergunta do questionário	113
Gráfico 8 - Quarta pergunta do questionário	114

“Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.”

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019.

Introdução

“Sequestrados pelos relógios, confinados em blindagens cognitivas, viciados nos celulares, curvados e de cabeças baixas para mirar nas telas, estamos nos esquecendo de olhar os céus e entender o recado das pipas coloridas. Elas falam da memória dos tempos em que fomos capazes de transformar objetos militares de guerra em encantarias que acariciando o azul, dançam e voam pelas mãos do guri na rua.”

Luiz Antonio Simas, 2019

A vivência na grande metrópole do Rio de Janeiro se apresenta de uma maneira bastante antagônica, há aqueles que dão um valor de uso ao espaço, e aqueles que especulam e dão o sentido do valor de troca, (HOLLOWAY, 2017) por consequência, os antagonismos urbanos produzem espacialidades diversas. Porém, quem são os atores e protagonistas deste processo? Muito se fala nos estudos geográficos realizados na cidade do Rio de Janeiro sobre as favelas, segregações espaciais e dinâmicas de territorialização. Todavia, vejo que há sempre um direcionamento do olhar para as favelas posicionadas no Centro ou Zona Sul da cidade. Sob esta perspectiva, há uma inquietação inicial em descentralizar o olhar das favelas mais “famosas”, logo, mais pesquisadas, que compõem o espaço urbano carioca.

Esta realidade foi evidenciada quando entrei no programa de pós-graduação em Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio. No início dos semestres letivos os alunos apresentavam suas respectivas pesquisas e objetos aos colegas, contudo, quando falava a respeito da minha construção, os estudantes, em sua maioria, não conheciam o “Complexo do Chapadão”¹, muito menos a Favela do Final Feliz. Além disso, não faziam ideia de que essa favela faz parte da mesma cidade que eles habitam. Portanto, isso me faz refletir: quantas múltiplas e contraditórias territorialidades existem na cidade do Rio de Janeiro? (RIBEIRO, 2009)

¹ O nome “Complexo do Chapadão” foi adotado pela mídia e se tornou um nome mais comum entre as pessoas que estão fora do Conjunto de Favelas, porém, veremos que é reducionista na medida em que compreende essa porção espacial apenas como um Complexo. No primeiro capítulo, justifica-se a escolha do termo Conjuntos de favelas, pois há uma problemática muito grande em torno do termo “Complexo” por fazer alusão aos complexos penitenciários, além de ser uma denominação que parte da visão policial sobre o espaço. Toda essa problemática será abordada no capítulo 1 desta dissertação.

Para começar o debate, é fundamental e fundante colocar em questão o meu ponto de referência geográfica, ou melhor, meu objeto analítico que, por sua vez, é um recorte espacial. Assim, este espaço é mais que um simples ponto, visto que é condicionante das ações e condicionado por elas, sendo assim, me proponho a analisar a Favela do Final Feliz, que fica localizada em Anchieta, que é um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. Além disso, a favela se insere no Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança que é popularmente reconhecido como o Complexo do Chapadão. (SANTOS, 1988).

Sob esta perspectiva, o espaço a ser analisado é o lugar que estabeleço relações de pertencimento, já que fui “nascida e criada”. Logo, posso me apresentar como cria do Jorge “de guerra”, meu pai, morador da Rua Caminho do Padre² desde o dia do seu nascimento, feito por uma parteira na antiga casa da minha avó. Sendo assim, essa dissertação também parte de um conhecimento situado (HARAWAY, 1988) da pesquisadora, pois há um grande laço afetivo por esse espaço, revelando a experiência e posição de quem pesquisa.

A posição de quem pesquisa é fundamental para a construção de suas teorias e, portanto, nenhum conhecimento é absoluto, mas parcial, relativo e temporário. Partindo desse princípio, o saber científico é produzido por pessoas corporificadas que operam relações simbólicas e econômicas em redes de poder em múltiplas e simultâneas escalas espaciais. Assim, a corporalidade, o local de onde uma pessoa fala também se constituem em elementos que conferem poder e legitimação de determinadas produções científicas. (SILVA, 2020, p. 14)

Dando continuidade ao debate, este trabalho se constrói através de inquietações que surgem da análise do cotidiano e da minha (ainda muito pequena) trajetória acadêmica. À vista disso, surge a primeira inquietação: a ausência de pesquisas sobre as favelas localizadas em Anchieta. A partir de um levantamento bibliográfico, percebe-se a ausência desta localidade nas pesquisas geográficas, ao passo que há uma densidade de pesquisas que tratam a produção do espaço urbano, das favelas, das áreas de segregação espacial, porém as

² Hoje em dia a Rua Caminho do Padre se tornou uma Favela, sendo assim, no Plano diretor da Cidade do Rio de Janeiro uma das favelas que compunham o Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança é a Caminho do Padre.

áreas analisadas compõem, na maior parte dos casos, a parte central da metrópole, ou favelas que estão próximas às universidades.

Portanto, há a necessidade de pesquisas que produzam materiais bibliográficos densos sobre esse rebatimento, para serem lidos e popularizados entre os habitantes, ampliando a representatividade desses sujeitos no processo de produção espacial e reconhecendo a importância dessa ação. Desse modo, se torna fundamental compreender as questões históricas, ter dados, pesquisas e mapeamentos sobre este espaço, esse tipo de documentação é extremamente relevante para não haver um apagamento da memória do lugar, ocasionando uma dificuldade da construção identitária desse povo.

Milton Santos ao caracterizar e interpretar o Espaço pelo prisma geográfico não deixa de salientar que o tempo é essencial para uma análise completa espacial: “O espaço humano, aliás, revela e, em simultâneo, o passado, o presente e o futuro.” (1988, p. 5). Por isso, emana a necessidade de compreender as temporalidades que se relacionam ao processo de produção deste espaço, e, para alcançar este objetivo, considera-se fundamental o entendimento do passado para a construção de uma narrativa própria e um conhecimento histórico, já que estamos inseridos em uma época da cultura da amnésia, onde há diversas intencionalidades no apagamento do passado, dentre elas, o perigo onde a memória tem em aflorar conflitos e trazer revoltas (DELGADO, 2003).

Dessa forma, Santos demonstra que o objeto geográfico não é uma mera delimitação espacial, mas é também o acúmulo de múltiplas temporalidades históricas, processos, forma, função e conteúdo: “Passado e presente nele se dão as mãos, por um funcionamento sincrônico que elimina a pseudo contradição entre história e estrutura” (SANTOS, 1988, p. 5). Assim, é fundamental compreender o espaço urbano enquanto fragmentado, articulado e um reflexo da sociedade (CORRÊA, 1995).

É perceptível uma constante reprodução em massa de informações vinculadas à insegurança, ao medo e à violência como pautas rotineiras sobre a favela. As cidades brasileiras do século XXI revelam assimetrias nos usos espaciais. Quando se trata do conjunto de favelas em análise a realidade é a mesma. Em um breve histórico sobre o crescimento da violência dentro desses espaços, percebe-se que antes das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora), e das obras para os jogos olímpicos, a Favela do Final Feliz tinha outra feição.

Esse fato é evidenciado por algumas reportagens de jornais famosos que conduzem matérias sobre a metrópole carioca, como “O Globo” e “O Dia”, como ilustrado a seguir:

Complexo do Chapadão, a nova fortaleza do tráfico

O bairro na Zona Norte abriga criminosos que fugiram das áreas supostamente pacificadas no Rio de Janeiro. Hoje, partem de lá as ordens para ataques às favelas com UPPs. (CORRÊA; GOMIDE, 2015).

Na hierarquia da violência, Chapadão é o novo Alemão

Ponto de migração de traficantes, região é temida por bairros vizinhos e até a polícia tem dificuldade para entrar. (ANTUNES, 2015).

Logo, o momento em que o Complexo do Chapadão ganha notoriedade pela mídia hegemônica está associado ao período de instalação das primeiras UPPs³ no Complexo do Alemão. A partir desse processo, os principais líderes do poder não oficial dessa favela migram para o Conjunto de Favelas Chico Mendes (Morro do Chapadão) em busca de abrigo. Diante dessa conjuntura, torna-se perceptível que o problema da segurança pública não foi resolvido a partir da pacificação de algumas favelas, na medida que esse poder paralelo continua se espalhando por outros territórios vulneráveis.

Tendo em vista a construção até o momento, surge a segunda inquietação: existe uma ideia disseminada pela mídia hegemônica que o “Complexo do Chapadão”, é um reduto de pessoas consideradas marginais. Desse modo, a pesquisa visa contribuir com a desmistificação desse imaginário que se tornou popular, expondo que, na verdade, a favela é composta de multiplicidade existencial.

Assim, discutir a margem da metrópole e suas particularidades é o que se almeja. Portanto, em se tratando de uma área invisibilizada e “esquecida” pelos pesquisadores, levanto algumas indagações: o que os sujeitos pensam sobre as suas particularidades territoriais? O mais importante: o que eles pensam sobre eles mesmos? A cartografia da Ação, é o suporte da ação, tem a ver com o que fazem, como a forma como agem e ao agir, tem a ver com o existir, O existir no lugar.

³ É nesse momento que o Rio de Janeiro se prepara para receber os Jogos Olímpicos, e começa a nova fase da política de Pereira Passos, agora protagonizada por Eduardo Paes, de remoções e gentrificação da área central do Rio de Janeiro. Esses processos acabam por influenciar também na dinâmica dos subúrbios, o reflexo disso para os bairros Pavuna e Anchieta é o aumento significativo da criminalidade, operações policiais e disputa territorial.

Com isso, faz parte da pesquisa construir um debate identitário e uma interlocução dissociada da “Visão de Sobrevoô”. Segundo Marcelo Lopes de Souza esse conceito implica em analisar os fenômenos do alto e com um notório afastamento: “Pois bem: o que significa, de um ponto de vista político, examinar os homens e grupos sociais exclusivamente ou quase exclusivamente “de longe”, “à distância” (SOUZA, 2011, pág. 148). Este modo de olhar e interpretar um rebatimento espacial implica em não analisar uma realidade de perto, “sem adentrar as suas casas, sem mergulhar em seu cotidiano, sem sentir os odores da pobreza, sem ouvir os sons do desespero ou gritos de libertação. (SOUZA, 2007, p. 104). Assim, pretende-se reconhecer o papel de homogeneização da mídia sobre um espaço que é, por sua essência, bastante heterogêneo.

Diante disso, se torna necessário analisar a produção do espaço a partir dos atores sociais e seus cotidianos, pois

é na vida cotidiana que a produção-reprodução do espaço ganha concretude, torna-se vital para a pesquisa geográfica analisar as práticas espaciais e os sujeitos da ação social através da problemática do cotidiano. (SINISCALCHI, 2020, p. 48)

Dessa forma, colocar em questão a análise superficial destes agentes hegemônicos é fundamental, pois estes supervalorizam a violência em detrimento de dar voz aos atores sociais e seus projetos. Sob esta ótica, o que se pretende é entender a favela como espaço de produção de conhecimento e desvincular-se do olhar que se direciona a enxergar apenas a violência, operações policiais, troca de tiros.

Por conseguinte, quando entrei na graduação em licenciatura em Geografia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no ano de 2015, já imaginava algum dia desenvolver pesquisas sobre o lugar onde moro, pois encaro com certa inquietação o espaço que me cerca. Porém, quando comecei a estudar e a desenvolver pesquisas na graduação, o olhar foi direcionado para as questões ambientais e os diálogos formativos que se dão além dos muros da escola. Assim, estudar durante a graduação a educação ambiental e geográfica em espaços não formais, aguçou o meu olhar para tentar compreender melhor as dinâmicas apresentadas pela vida cotidiana na cidade.

Dessa forma, este primeiro momento foi muito importante para o crescimento de uma possível terceira indagação: pensar o meio ambiente urbanizado e compreender as dinâmicas ambientais como algo que vai além da

ideia da natureza primeira⁴. A partir disso, me proponho a pensar em como o urbano também pode ser um espaço para a qualidade de vida de seus habitantes e um espaço fundamental para se pensar em ecologia, educação ambiental e formas outras de viver (COUTINHO, 2010).

Sob esta perspectiva, no ano de 2020 o Brasil e o mundo viveram uma crise sistêmica associada à pandemia da covid 19⁵, sendo fruto de um desequilíbrio da relação da sociedade e natureza. Portanto, uma das consequências dessa pandemia foi o período de isolamento social. Neste momento, comecei a viver mais intensamente o meu bairro, por mais que não circulasse cotidianamente na rua, o fato de estar mais tempo em casa me fez prestar atenção no que se passava no cotidiano das pessoas, conversando mais com os meus familiares, vizinhos e amigos do bairro.

É importante ressaltar que a pandemia foi um momento que alterou drasticamente os cotidianos acelerados e automáticos dos cidadãos, fazendo com que esses vivessem de outra forma. Por exemplo, a desautomatização do meu cotidiano me carregou para próximo de um movimento social que atua na Favela do Final Feliz.⁶ Assim é nesse momento que inicia o meu envolvimento com o Coletivo COE (Conscientizar, Educar e Organizar) que existe há 15 anos. À vista disso, a atuação do coletivo se dá através da literatura, de cultura, do lazer, da arte e da educação, além disso, o coletivo foi responsável pela construção de três bibliotecas comunitárias no Chapadão (Biblioteca Paulo Freire, Tricicloteca Cultural Abdias Nascimento (móvel) e Biblioteca Comunitária Carolina de Jesus) sendo responsáveis por promoverem a FLICC que é a Festa Literária do Complexo do Chapadão.

Considerando o momento de crise sistêmica capitalista e pandemia da Covid-19, percebemos que a população residente de favelas foi drasticamente atingida pelos problemas relacionados à ausência de políticas governamentais de fato eficazes. Isso é demonstrado em uma pesquisa realizada pela Central Única de Favelas (Cufa) em conjunto com o Instituto Data Favela e Locomotiva, no ano de 2021 na Cidade do Rio de Janeiro, o resultado da investigação revela que 82% da população de favelas cariocas depende de doações para alimentar a família. Ainda conforme os dados, o número médio de refeições por dia dessas famílias é 1,9.

⁴Segundo Souza, 2017 a natureza primeira estaria relacionada aos "fatores e processos físicos, químicos e, mais complexamente, geoecológicos".

⁵ Nesta pesquisa mergulharei nesse período histórico, e em seus desdobramentos.

⁶ A Favela do Final Feliz se localiza no bairro Anchieta e faz parte do Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança.

Dessa forma, propõe-se pensar uma nova forma de viver na favela com maior qualidade de vida através da prática da Agricultura Urbana, atividades culturais e literatura. É possível criar uma proposta de soberania alimentar? Para além disso, como pensá-la associada à agroecologia? É necessário lembrar que a prática agrícola no ambiente urbano tem um potencial que está para além de produzir alimentos, o espaço das hortas urbanas se mostra extremamente educativo, uma vez que proporciona a educação extramuros da escola, desenvolvendo através da agroecologia outros saberes sobre o meio ambiente urbano e suas especificidades. Desse modo, a agricultura urbana é o principal horizonte de transformação nas favelas e periferias urbanas. Sob essa perspectiva, há uma potência para além de garantir a colheita de verduras e frutas frescas, há o semear de algo novo através da coletividade e da organização social, podemos pensar no fazer da agricultura urbana como um processo de retomada de técnicas ancestrais e formulação de novas técnicas para um viver urbano com maior qualidade de vida.

O desenvolvimento dessa prática em favelas é realizado com maior pungência nos dias de hoje pelos movimentos sociais, como demonstra José Borzacchiello “os movimentos sociais têm ampla confiança na sua capacidade de produzir espaços fortes e criativos” (2013, p. 60). Logo, é pertinente trazer para o debate formas criativas e fortes estabelecidas pelos movimentos sociais de pensar e produzir o espaço. Pois, compreendendo-se a cidade enquanto arena de disputa — espacial e ideológica —, torna-se muito importante corporificar os sujeitos que estabelecem tensões por meio do fazer cotidiano, pensando possíveis caminhos para a democracia verdadeira a fim de construir um espaço favelado outro.

Um exemplo disso é o Quintal Escola Chico Mendes que acontece a partir da mobilização dos sujeitos num processo de construção de uma nova espacialidade no urbano, uma nova lógica de organização surge através da agricultura urbana. Como Ailton Krenak nos lembra “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (2020, pág. 24). Portanto, a metrópole também precisa ser entendida através do espaço banal, do vivido, dos protagonistas das ações de apropriação do espaço pelo uso e suas táticas. Assim, um dos caminhos dessa dissertação é revelar os frutos de um projeto que se desenvolveu no primeiro semestre de 2021 realizado pelo Coletivo COE na Favela do Final Feliz o qual é uma tentativa de criar um espaço de produção de alimentos agroecológicos, e assim, ter a consolidação de uma proposta de Soberania Alimentar.

Bem como este fato não é noticiado pelos meios de comunicação e pelos grandes jornais que se preocupam em expor os fatos rotineiros da vida na metrópole carioca. Portanto, estar configurado dentro de uma lógica urbana de segregações e exclusões, marcada por diversas assimetrias no uso do espaço, me permite enxergar as miudezas da ação social que não são constatadas pelos agentes hegemônicos, já que me coloco enquanto uma investigadora militante (BARTHOLL, 2018).

Sendo assim, a geografia permite pensar em debater as questões sociais relacionadas aos processos de produção do espaço. Logo, esse trabalho contribui com a linha de pensamento que estuda os Movimentos sociais como categoria geográfica. (FERNANDES, 2015) Hoje são diversas as pesquisas sobre movimentos sociais no campo e na cidade. Contudo, os referenciais teóricos são em grande parte de outras áreas do conhecimento.

Isso posto, o objetivo geral desta dissertação é discutir o espaço da Favela do Final Feliz a partir do diálogo com o Coletivo COE. Dessa forma, os objetivos específicos estruturam-se em: 1) caracterizar o espaço da Favela do Final Feliz dissociado da visão do “sobrevoo”, e compreender a sua inserção no processo de produção da cidade do Rio de Janeiro; 2) aplicar o movimento metodológico da pesquisa-ação numa pesquisa participativa a partir das ações cotidianas em comunidade; e 3) explicitar as formas de apropriação do espaço pelo Coletivo COE.

Ao longo da construção desta parte introdutória serão desenvolvidos os pressupostos metodológicos e epistemológicos da pesquisa-ação seguindo a linha da investigação/participação militante, pois é a partir desta que busco solucionar minhas demandas investigativas. De modo introdutório, Bartholl considera a investigação militante

uma ferramenta de reflexão da luta para fortalecer, quanto pelo fato de ser uma investigação exercida em contexto de militância por alguém envolvido e inserido diretamente nos próprios processos pesquisados. (2018, pág. 77)

...é considerar pesquisa participante como aquela baseada na interação ativa entre pesquisador e grupo pesquisado e que o toma como sujeito e não objeto. Esta realiza-se, principalmente, na conjugação da investigação com os processos mais amplos de ação social e de geração coletiva do conhecimento que não esgota com a finalização da pesquisa. (PERUZZO, 2017, p. 167)

Para consolidar a realização dos objetivos expostos, baseio-me no método participativo que carrega na construção metodológica a análise dos sujeitos que praticam o espaço através da ação (RIBEIRO, 2013). Dessa forma, a pesquisa-ação seria a alternativa metodológica que visa a “solução prática dos problemas estudados, e a colaboração entre pesquisadores e pesquisados/atores” (Bartholl, 2018, p. 74). Dentro de uma lógica horizontal, esse processo se consolida enquanto o pesquisador faz parte e ingressa no mundo vivido do próprio objeto de pesquisa, expondo, destarte, algumas visões relacionadas ao que denomina de “*insider*” (BARTHOLL, 2018).

A partir desse processo de pesquisa-ação surge uma derivação desse campo metodológico denominada pelo autor de “investigação militante”. É importante ressaltar que nesse tipo de investigação

o sujeito investigador tem um ponto de partida (e toma partido), parte de um ponto de vista moldado pela sua trajetória tanto da sua participação em lutas sociais como em processos de elaboração teórica. (Bartholl, 2018, pág. 77).

A pesquisa participativa pressupõe a construção de uma nova relação sujeito e objeto, assim como se interessa em trazer atores sociais que durante muito tempo foram subalternizados pelo fazer científico. (RIBEIRO, 2013)

O povo tem que participar na investigação como investigador e estudioso e não como mero objeto. É possível que certos cientistas sociais do primeiro mundo digam que, na medida em que o povo participe em investigações em torno de si mesmo estaremos estragando ou prejudicando a cientificidade da pesquisa. É que, segundo eles, esta presença popular não permite que os achados da pesquisa se apresentem em “forma pura”. O que ocorre, porém, é que quando os mesmos cientistas sociais que fazem estas afirmações em torno da pureza dos achados, estão trabalhando na interpretação dos resultados de suas pesquisas, não podem evitar a interpretação que fazem. (FREIRE, 1981, p. 37)

Pensando em trazer para o campo da realidade as lutas sociais urbanas nas favelas analisadas, a cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) parece ser uma

solução de método que proporciona um horizonte transformador para a interpretação desse espaço. Pois esta tem a função de expor as táticas e estratégias dos sujeitos e a partir disso esclarece os sentidos da ação. Logo, a cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) é uma ferramenta analítica que expressa a denúncia, reconhece cada ato e sustenta a memória dos espaços usados e praticados (RIBEIRO, 2013).

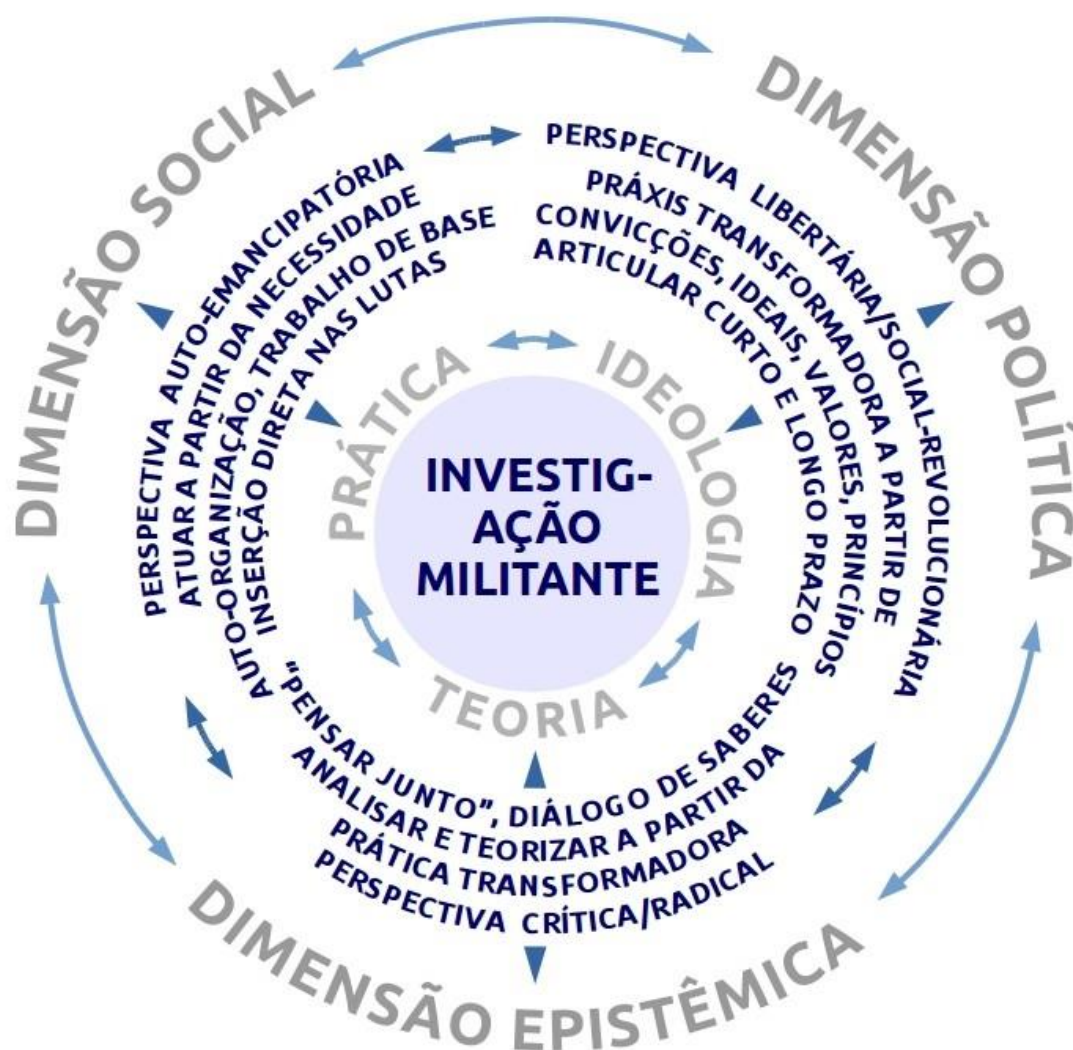
Bartholl (2018), afirma que “uma Geografia em movimento depende e constitui-se através de processos coletivos em meio a territorializações e territórios de resistência” (2018, pág. 80). A partir disso, o autor propõe uma metodologia que estaria ligada a “leitura do vivido” que resultaria na investigação militante (BARTHOLL, 2018, pág. 77). Tal exercício é definido por Bartholl (2018) como “participação observadora/investigadora”, que seria a partir da sua própria experiência:

Onde quem participa de processos de trabalho de base/luta social torna-se um observador no sentido de focar em e refletir questões específicas que urgem das práticas em que também está envolvido, questões que, uma vez (re) formuladas (quanto mais coletivamente articuladas, melhor), orientam ciclos de uma investigação militante. Nela, a inserção no processo de luta é caracterizada pela sua condição de estar relacionada, mas, ao mesmo tempo, independente do trabalho do/enquanto pesquisador. Este não está meramente inserido nos grupos e processos como pesquisador-cientista, muito mais os reflete e contribui com eles como tal ao mesmo tempo que exerce funções parecidas a de outros militantes. (BARTHOLL, 2018, pág. 80)

Com a finalidade de trazer um entendimento mais aprofundado disso que foi exposto, o esquema da Figura 1 foi realizado pelo autor a fim de demonstrar mais detalhadamente o percurso da perspectiva do investigador militante. Dessa forma, entendendo que a pesquisa-ação está associada a uma pesquisa social crítica em que nela a pesquisadora tem o papel de sujeito e de objeto, encarando as demandas de lutas coletivas do seu contexto social e pesquisando para além de um olhar apenas observador e passivo, com o objetivo de investigar, propor intervenções, transformações e construir coletivamente através dos processos vividos (BARTHOLL, 2018).

Diante disso, Ribeiro salienta que é necessário a existência de “metodologias de pesquisa que incluam simultaneamente a ação do “outro” e a explicação (econômica e política) de suas circunstâncias.” (2009, p.151) cujas bases se consolidam em uma episteme sensível, dialógica e criativa (OLIVEIRA, 2012). É fundamental ressaltar que não existe ciência concretizada com neutralidade, por isso meu ponto de partida é evidenciado e relacionado à minha subjetividade, pois para a construção de uma reflexão crítica é necessário intercalar as visões (dentro e fora) com intuito de enriquecer a investigação dos processos. Dessa forma, há momentos em que a distância do movimento social é necessária para construir uma análise de conjuntura e da consistência das ações.

Figura 1: Ilustração sobre conceitos básicos da investigação militante.



Na Tabela 1, exponho meus caminhos metodológicos que me auxiliaram a executar meus objetivos de pesquisa:

Tabela 1: Metodologia da Pesquisa

Objetivos Específicos	Caminhos metodológicos
Caracterizar o espaço da Favela do Final Feliz dissociado da visão do “sobrevoo”, e compreender a sua inserção no processo de produção da cidade do Rio de Janeiro;	<p>1º momento: Realizar uma pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros no campo das ciências sociais acerca da temática (subúrbios, segregação espacial e formação das favelas) para compreender o processo de produção do espaço da favela do Final Feliz, compreendendo a sua localização na metrópole do Rio de Janeiro;</p> <p>2º momento: Compreender a construção da dupla visão: “outsider” — “insider” a partir da análise do discurso produzido pela mídia, inclusive analisar criticamente o termo “Complexos de favelas”. Isso será feito a partir de uma análise bibliográfica e por meio de reportagens selecionadas do jornal online G1, pois este tem a maior capilaridade comunicativa na metrópole carioca.</p>
Aplicar o movimento metodológico da pesquisa-ação numa pesquisa participativa a partir das ações cotidianas em comunidade;	<p>1º momento: fazer uma análise teórico-conceitual sobre a Geografia dos Movimentos Sociais, contribuindo com a relevância desta categoria geográfica.</p> <p>2º momento: introduzir de maneira mais robusta o coletivo COE, seus objetivos e ações. Para fomentar um debate sobre suas ações de uma outra lógica de produção do Espaço.</p> <p>3º Momento: Construir uma cartografia da ação junto aos sujeitos participantes das atividades propostas pelo Coletivo COE, demonstrando a</p>

	relevância de pensar o espaço a partir das demandas sociais.
Explicitar as formas de apropriação do espaço pelo Coletivo COE.	<p>1º momento: Interpretação e análise do vídeo documentário produzido em 2021 sobre o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) a partir do Edital para apoio de ações emergenciais durante a Pandemia da Covid - 19. Assim, demonstrar os frutos da construção da horta comunitária, e o semear mais verde e descolado do senso comum sobre a Favela do Final Feliz.</p> <p>2º momento: Avaliação do Projeto através de respostas obtidas do questionário realizado ao final dos dois ciclos de oficina realizados no Quintal Escola Chico Mendes, o intuito é compreender a forma como a agricultura urbana semeia um horizonte transformador para os sujeitos e o espaço.</p> <p>3º Momento: Analisar criticamente a Festa Literária do Complexo do Chapadão, compreender a importância desta manifestação cultural a nível local e avaliar como se deu o processo de preparo e realização do evento.</p> <p>4º momento: Realizar trabalhos de campo que terão como objetivo coletar os materiais produzidos, dados e fotos. Ao final, pretendo traçar um balanço crítico do resultado do projeto, articulando a uma análise teórico-conceitual, e as implicações sobre a autogestão do espaço.</p>

Assim, presumo que essa dissertação seja relevante para contribuir com o trabalho daqueles que estão lutando pelo direito à cidade. Como Freire (1997) bem escreveu, é necessário ter rebeldia para se libertar das amarras da dominação,

(...) para as elites dominadoras, esta rebeldia, ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores. (FREIRE, 1997, p. 92).

Como vimos nos tópicos anteriores, segundo a mídia oficial, as favelas são os lugares mais violentos da Metrópole Carioca. Se viver na favela, segundo as notícias, é um eterno pesadelo, como seria possível sonhar nesse espaço? Sonhar é um caminho para começar a produção de outro espaço,

assim, a metrópole é o lugar da atomização da vida, mas de outro lado, é o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de um sonho comum através das apropriações possíveis a partir de uma trajetória comum de vida. (CARLOS, 1996, p.82).

Os resultados alcançados através da pesquisa demonstram que a ação coletiva constrói o território de aconchego e resistência, permitindo a possibilidade de enxergar novos horizontes através do compartilhamento das utopias.

A cidade, o subúrbio e a Favela: a Escala como um artifício analítico importante

Neste capítulo discute-se a base teórica do processo de produção do Espaço da Favela do Final Feliz. Levando em consideração a questão escalar cartográfica podemos entender essa favela em diferentes níveis escalares. Assim, ela está na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, na Região administrativa XXII⁷, no bairro suburbano Anchieta, dentro do conjunto de favelas Parque Criança Esperança⁸. Desse modo, o capítulo busca solucionar os seguintes questionamentos: 1) A escala é um artifício analítico potente para entender o objeto da pesquisa? 2) Como se deu o processo de expansão de favelas no bairro Anchieta?

Massey diz que “O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno.” (1999, pág.17) A representação espacial envolve o pensamento, linguagem, a dominação, técnica e o uso social. Nesse sentido, o espaço é construído por aspectos materiais (a técnica, o lugar da materialidade e do concreto) e por aspectos imateriais (linguagem, o pensamento, religião, senso comum e o bom senso), o conjunto dos aspectos materiais e imateriais resultam na práxis espacial. (MASSEY, 1999)

Portanto, entender os processos espaciais que dão origem a favelas suburbanas cariocas resulta em compreender uma cidade pensada em atender as demandas do capital, a partir de um planejamento urbano elitista. Este, no que lhe concerne, isola determinada parcela da população, pois considera fielmente que existe um perigo inerente no povo pobre que vive em favelas. (FERREIRA, 2022) A cidade é construída segundo os interesses do setor imobiliário, que revela uma complexidade na tessitura urbana, enquanto ela é partida, fragmentada e dividida. Com isso, o trabalhador acaba ocupando as áreas relegadas pelo mercado. (SILVA, 2013)

⁷Segundo o Plano Diretor, Lei Complementar 111 de 01/02/2011A foram definidas as Regiões administrativas (RAs), a RA XXII de Anchieta possui 1 108 452 m² de extensão.

⁸Segundo o Plano Diretor, o Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança que se localiza nos bairros Anchieta, Guadalupe e Ricardo de Albuquerque é formado por 11 favelas⁸.

Dessa forma, a lógica de produção da metrópole passa pelo processo de alienação que desvincula o sujeito da produção do espaço, desconstruindo a ideia de identidade e pertencimento sobre os lugares. Portanto, as favelas crescem hoje na metrópole, pois há um processo de produção do espaço a partir da lógica capitalista que inverte os valores de uso pela troca. Dessa forma, se consolida um decurso dialético, fazendo com que alguns espaços sejam mais valorizados e outros sofram com a lógica da exclusão e desvalorização. (CARLOS, 1996)

Sob esta perspectiva, os interesses de mercado se sobrepõem aos interesses sociais, enquanto a cidade capitalista se expande, há um processo simultâneo de expansão de periferias e áreas segregadas, que, por sua vez, configuram-se como áreas (i)legais (in)formais e (sub)normais para o Estado. (SILVA, 2013) O que nos interessa neste momento é pensar na diversidade de processos e histórias que lhes deram origem e fazem parte da formação social, desconsiderados pelos agentes hegemônicos.

2.1

A construção de um conceito de “Complexo de Favelas” a partir da visão de sobrevoo: desdobramentos e repercussões

Esta parte do capítulo surge a partir de uma demanda, ao longo dos anos em que estive inserida no ambiente acadêmico participei de alguns eventos⁹ relacionados à geografia, e nesses eventos enquanto apresentava o meu trabalho, as perguntas mais recorrentes eram “por que você utiliza o termo conjunto de favelas e não complexo?” “Existe alguma predileção ao uso do termo favela? Por que não usar comunidades?”. Portanto, a partir da demanda da própria comunidade acadêmica em entender melhor esses termos, busquei abordar, de maneira embrionária, as minhas escolhas pela não utilização do termo “Complexo” em minhas falas acadêmicas e na escrita desta dissertação.

Dessa forma, é bastante comum ter acesso a notícias reproduzidas pela mídia que tratam os complexos de favelas como espaços da criminalidade e dos diversos tipos de violência. “Sem dúvidas, o uso desse termo reforça o estereótipo de uma localidade violenta e composta por pessoas pobres e marginalizadas de direitos.” (SILVA, 2021, p. 25). Nesta parte, o que se pretende, inicialmente, é

⁹ XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos (ENG) e XVIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB).

entender como se deu o surgimento do termo *complexo* para se referir a um *conjunto de favelas*¹⁰.

O fato é que, ao fazer uso do termo *complexo de favelas*, há imediatamente a associação à depreciação territorial da favela e de seus moradores¹¹, visto que este termo parte da ideia de *complexo penitenciário*. Portanto, utilizar este termo se desdobra em uma escolha político-ideológica. Pois, a origem do *complexo* está no seio do aparelho repressivo-policial do Estado e de uma lógica militarizada, e acaba sugerindo um único território, quando, na verdade, existe um número múltiplo de favelas conurbadas, que estão próximas, mas, não são contíguas (ALVITO, 2003).

A visão produzida e reproduzida pela mídia e pelo Estado é vinculada, dessa forma, a “Visão de Sobrevoô”. Segundo Marcelo Lopes de Souza (2011) esse conceito implicaria em analisar os fenômenos do alto e com um notório afastamento. “Pois bem: o que significa, de um ponto de vista político, examinar os homens e grupos sociais exclusivamente ou quase exclusivamente “de longe”, “à distância” (SOUZA, 2011, p. 148). Este modo de olhar e interpretar o espaço implica em não analisar uma realidade de perto, “sem adentrar as suas casas, sem mergulhar em seu cotidiano, sem sentir os odores da pobreza, sem ouvir os sons do desespero ou gritos de libertação.” (SOUZA, 2007, p. 104).

O uso do termo Complexo de favelas se consolida no seio dos estudos para construção do Cadastro de Favelas realizado pelo IPP. Primeiro surge a ideia de “aglomerado subnormal” para fazer referência ao “conjunto de favelas”, finalmente, substituída pelo *complexo*. Em um artigo publicado pelo WIKIFAVELAS evidencia-se o fato de que a questão

Trata-se, efetivamente, da produção de uma nova escala espacial no município do Rio de Janeiro que se soma a outras já existentes como as de bairro ou de favela. (...) E não é uma simples questão conceitual, pois ela terá efeitos práticos na gestão urbana carioca. (...) quando analisamos a mudança na

¹⁰Acredito que seja importante trazer essa discussão visto que escolho não utilizar a palavra *complexo* para me referir a um *conjunto de favelas*, uma vez que esta é carregada de estigmas e reproduz um pensamento militarizado sobre a favela. A intenção não é criar um juízo de valor único sobre a utilização do termo *complexo*, mas entender o uso pejorativo associado a ele.

¹¹Desse modo, como foi perceptível, nas últimas eleições para presidente do Brasil no ano de 2022, o termo *complexo* volta a ficar em voga, isso porque em um determinado momento da campanha eleitoral o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva visita o Complexo do Alemão e utiliza um boné com a sigla “CPX”, e este acontecimento serve de pretexto para seu rival, naquele momento, presidente Jair Messias Bolsonaro, criar uma quantidade gigantesca de notícias falsas sobre essa visita ao conjunto de favelas. Dessa forma, uma parte da população relacionou o ex-presidente ao tráfico, e uma outra parte se revoltou com o que significou a repercussão negativa que se tentava dar ao uso da sigla no boné.

hierarquia urbana que ela produziu e, por consequência, na escolha de áreas que receberão recursos, serviços e programas. Isso mostra que o surgimento dos “complexos” de favelas, no seio da gestão urbana municipal, promoveu a produção de uma nova escala urbana de pertencimento e de realização de políticas públicas. (COMPLEXO, 2022)

Sob esta lógica, aquilo disseminado pela mídia correspondente ao *complexo de favelas* reproduz diversos equívocos, pois, apresenta o espaço de uma maneira extremamente reducionista e generalizada. Se, despretensiosamente, escrevermos *complexo de favelas* no Google, encontraremos uma infinidade de notícias informando as ações policiais que aconteceram nos últimos meses nesse espaço, reforçando o uso do termo associado a militarização. Para o jornalismo e para o Estado, esse espaço é lembrado apenas pelas mazelas, já que há uma nítida estigmatização espacial¹² na maior parte dessas reportagens, além de serem escritas por pessoas que estão de fora do contexto social da favela.

Para exemplificar o que foi dito, ao analisar as reportagens realizadas no ano de 2021¹³ pelo portal online do Globo (G1) sobre o Conjunto de Favelas do Chapadão (ver exemplos nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6) percebe-se que a grande maioria dos enunciados das notícias tinham as palavras: operação policial, violência, troca de tiros e morte. Abaixo estão algumas dessas reportagens com a finalidade de ilustrar a realidade reproduzida pelo G1, jornal que possui ampla magnitude informativa no território nacional.

Figura 2: Reportagem G1



Fonte: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/20/moradores-relatam-intenso-tiroteio-no-complexo-do-chapadao-rio.ghml>)

¹² Campos (2005) afirma que existe um estigma que reverbera em um sentimento de desconfiança em relação ao povo favelado, a partir disso, cria uma inabilidade para aceitação social. Em suas palavras: “a sociedade vem transformando a vítima em culpada através da marginalização econômica e social criminalizando seus espaços moradia” (p. 24)

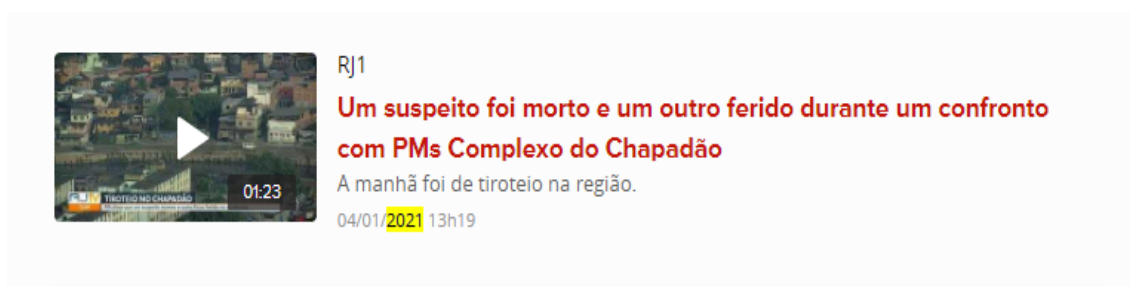
¹³ Lembrando que, no ano de 2021, o mundo vivenciou um momento crítico da pandemia de Covid-19, e as operações policiais estavam suspensas nas favelas do Rio de Janeiro. Porém, o foco das reportagens jornalísticas sobre este espaço era a violência.

Figura 3 Reportagem G1



Fonte: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/mulher-morre-baleada-no-complexo-do-chapadao-em-costa-barros-9765674.ghtml>)

Figura 4: Reportagem G1



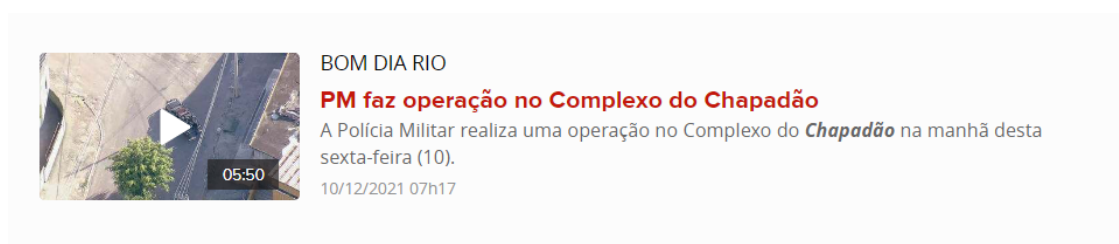
Fonte: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/um-suspeito-foi-morto-e-um-outro-ferido-durante-um-confronto-com-pms-complexo-do-chapadao-9150438.ghtml>)

Figura 5: Reportagem G1



Fonte: reportagem do G1 (fonte da imagem: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/11/operacoes-pm-sabado.ghtml>)

Figura 6: Reportagem G1



Fonte: reportagem do G1

Este posicionamento midiático não é apenas cruel, ele possui uma intencionalidade clara relacionada à “construção da ideia de que vivemos uma total insegurança, amparada no que se denomina “aumento da violência”, abre brechas para a construção de estratégias de controle espacial.” (FERREIRA, 2021, p. 141). O mesmo autor ressalta que os investimentos em educação, cultura e esportes saíam muito mais baratos comparados aos recursos de ações bélicas (FERREIRA, 2021). Assim, conclui-se que há um propósito relacionado à manutenção da guerra nas favelas, e, obviamente, à manutenção do exercício do poder do Estado sob as favelas através das operações policiais.

Associado a esse tipo de jornalismo podemos destacar a perspectiva da política adotada pelo Estado. Através das reportagens a mídia contribui para ressaltar a existência de um espaço que apresenta um perigo eminente e que este precisa ser combatido, sendo assim,

é possível perceber, então, como a construção da ideia de (in)segurança tem um papel fundamental importante em nosso cotidiano e, a partir disso, como o controle passa a ser autorizado pela sociedade, já que serviria para protegê-la. (FERREIRA, 2021, p. 143).

Sob esta ótica, conclui-se que a intervenção estatal nesse espaço, na maioria das vezes, se dá através da violência, com operações policiais que matam dos dois lados¹⁴, tanto da polícia quanto dos que estão de dentro da favela,

¹⁴ “Major da reserva da PM e pesquisador do IESP-UERJ, **Luiz Alexandre Souza** considera que, historicamente, a política de segurança pública no Rio de Janeiro “sempre foi a do confronto”. Para o oficial, as polícias têm “extrema dificuldade” em elaborar formas diferentes de atuar, que não o confronto armado, o que segundo ele “leva sempre à morte de marginais, de inocentes e dos próprios policiais em serviço”. Para acessar a reportagem completa: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/15/rj-tem-7-entre-as-10-maiores-cidades-com-as-mais-altas-taxas-de-letalidade-policial-do-pais.ghml>

inocentes ou não. Por outro lado, há uma ausência de investimentos básicos em educação, saneamento básico, habitação, cultura e lazer.

A partir dessa análise inicial, surge o seguinte questionamento: como os sujeitos conseguem se reconhecer no meio desse furacão de atrocidades repercutidas pela mídia? A crueldade da visão midiática que dissemina apenas as informações negativas a respeito do espaço, causa danos à formação da identidade dos moradores do lugar, onde muitos passam a não se reconhecer como parte da favela, causando diversos constrangimentos ao revelar que é morador de uma favela, desde o ciclo social mais próximo até a entrevista de emprego.

O processo de aceitação enquanto sujeito favelado, pertencente a um lugar retratado pelas mazelas passa por um momento de negação. Essa negação identitária traz consequências gigantescas para o lugar, visto que, a partir disso, o pertencimento não faz mais sentido e a vida cotidiana passa por uma severa crise de reconhecimento interferindo na construção subjetiva dos sujeitos. Os sujeitos protagonistas reverberam os estigmas relacionados à sua existência, construindo um imaginário desvinculado da realidade do cotidiano. A construção subjetiva do povo passa por um processo impregnado de senso comum na formação da identidade, como relembra Franco (2016) “O preconceito e a discriminação, que crescem com a atual ênfase na criminalização da pobreza, ganha predominância na subjetividade coletiva”. (FRANCO, 2016, P.61).

Assim, pretende-se estabelecer uma forma de análise que construa um campo de disputa discursivo sobre o que é a favela do Final Feliz frente a outras favelas cariocas, demonstrando seu caráter individual a partir da ação social e das demandas espaciais próprias. Portanto, as favelas não existem apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na articulação popular. Nesse sentido, os movimentos e mobilizações sociais são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão a partir da realidade de um espaço segregado.

2.2

Favela do Final Feliz no contexto das múltiplas escalas

De forma inicial, há a investida de trazer para o campo teórico os processos relativos à ação social e enxergar seu potencial a partir da categoria Escala

Geográfica. Pensando que, assim como o espaço, a escala também é uma produção social, dessa maneira, ela aparece como uma estratégia para compreender a ação. Portanto, devemos escapar do debate que reduz a escala a proporções métricas, uma vez que a escala precisa ser entendida como um instrumento geográfico que demonstra a relação e correlação entre o espaço e os sujeitos. Destarte, compreendida como artifício analítico que dá visibilidade ao real, sendo assim, é através de sua análise que conferimos sentidos aos fenômenos. (SMITH, 2002)

Para Vainer (2002) a partir da inspiração em Swyngedouw (1997) “Escala, então, é, ao mesmo tempo, o resultado e a consequência da luta social pelo poder e pelo controle.” Isto é, a escala geográfica por ser socialmente produzida se torna um facilitador para entender as estruturas geográficas da interação social. A partir da formulação escalar conseguimos compreender as diferenciações mais elementares do espaço geográfico. Logo sua formulação é um processo ativo, portanto, reivindicar a escala de análise dentro da ciência geográfica é fundamental para que seja possível compreender o espaço¹⁵ respaldado em heterogeneidade.

A escala se torna um artifício analítico para compreender que o espaço não é dividido e sim hierarquizado¹⁶, revelando a existência de espaços luminosos e opacos.¹⁷ Portanto, o entendimento escalar resgata as contradições geográficas produzidas pelo capital em seu movimento nas esferas locais e globais. À vista disso, pensamos que o capital produz diferenças espaciais e estas são transformadas em desigualdades (GONZALEZ, 2020). Portanto o foco da análise é a escala da atuação, pois, esta confere sentido as análises dos espaços praticados¹⁸ dos homens lentos.¹⁹

¹⁵“Na verdade, o espaço produzido não é simplesmente um mosaico, mas dentro da sociedade capitalista é intensamente hierarquizado, conforme a divisão em raças e classes, gênero e etnia, diferentes acessos a trabalho e serviços etc.

¹⁶ Para Gonzalez (2020, p.228): “Hierárquica do ponto de vista das relações de classe; hierárquica do ponto de vista das relações sexuais, porque sabemos o papel da mulher dentro desta sociedade, fundamentalmente da mulher negra; e hierárquica do ponto de vista social. Porque se no vértice superior desta sociedade, que detém o poder econômico, político e social, de comunicação, educação e cultural, neste vértice superior se encontra o homem branco ocidental, no seu vértice inferior vamos encontrar, de um lado, o índio, e do outro lado o negro.”

¹⁷ Para Milton Santos os espaços luminosos seriam espaços de comando que selecionam o que tem ou não valor, são dependentes e carregados de técnica, dessa forma, seriam espaços privilegiados pelas luzes da modernidade. Enquanto os espaços opacos seriam o oposto, pois, estes são espaços da sobrevivência, organizados organicamente, são espaços com menos técnicas e mais criatividade e inventividade.

¹⁸ Os espaços praticados, segundo Ribeiro (1986) são os espaços usados pelos sujeitos comuns em seus cotidianos e se relacionam a geografia da resistência social.

¹⁹ Segundo Ribeiro (2009) “o homem lento (categoria filosófica criada por Milton Santos) – que é o homem dos espaços opacos da cidade – cria formas alternativas de sociabilidade e táticas de sobrevivência.”

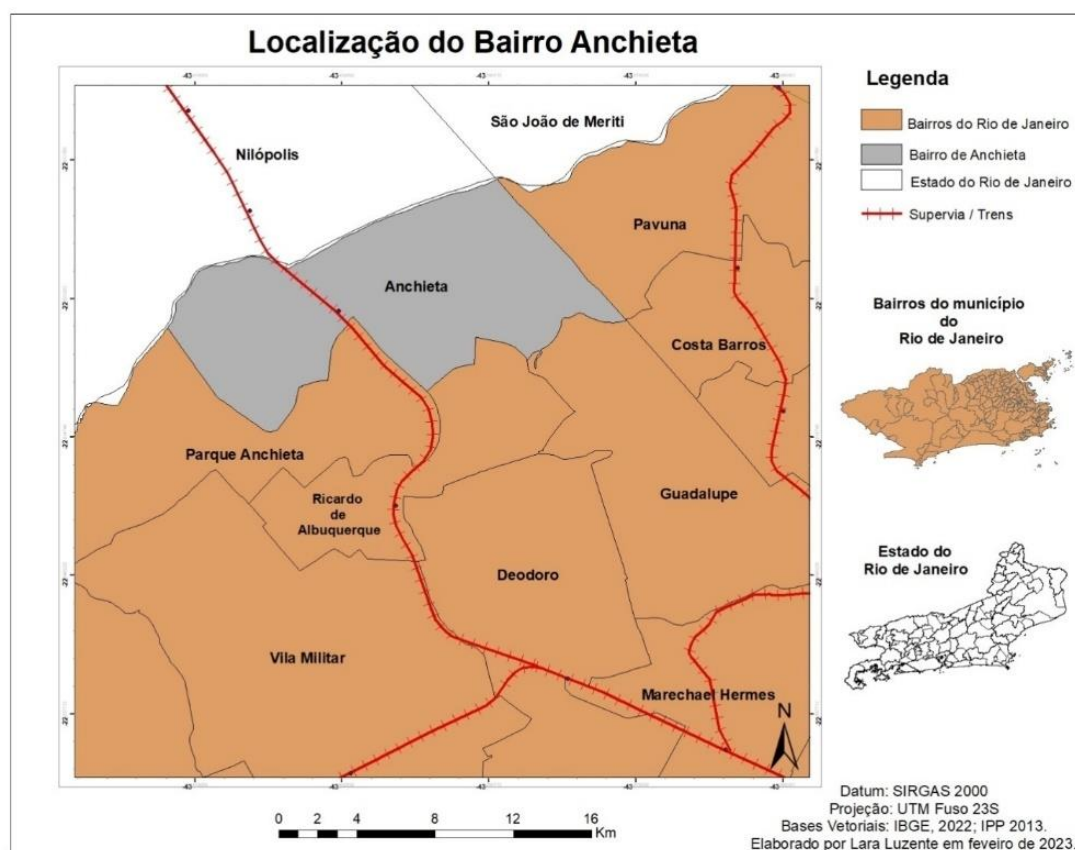
A Favela do Final Feliz foi escolhida, pois há um interesse em ampliar a escala para enxergar de mais perto os sujeitos e as insurgências. Dessa forma, “Escolher uma escala é também, quase sempre, escolher um determinado sujeito, tanto quanto um determinado modo e campo de confrontação”. (VAINER, 2002, p. 25). Sendo assim, é na Favela do Final Feliz que se localiza a biblioteca Paulo Freire e o Quintal Escola Chico Mendes que são espaços organizados pelo Coletivo COE, e estes se configuram como importantes núcleos culturais e educativos para a população local. Os mapas abaixo mostram em diferentes níveis escalares a posição geográfica do local estudado.

Mapa 1: Conjunto de favelas Parque Criança Esperança com destaque na Favela do Final Feliz



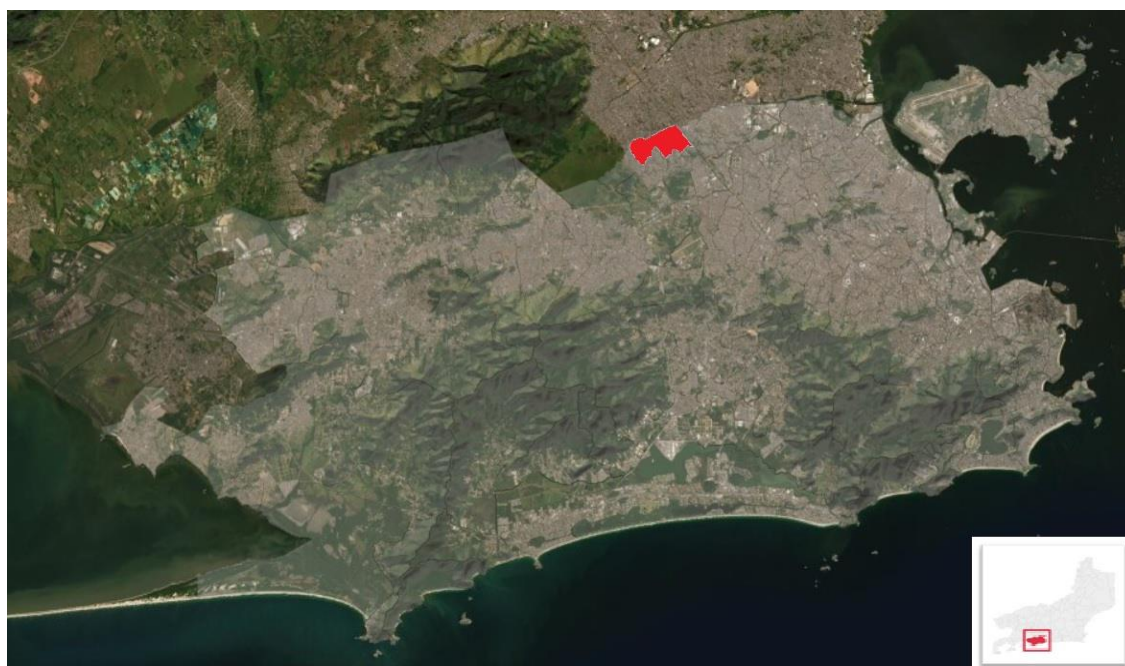
Fonte: IPP, 2019 – Grifo da autora.

Mapa 2: Localização Bairro Anchieta ²⁰



Fonte: LUZENTE, 2023

Mapa 3: Localização do bairro Anchieta frente ao município do Rio de Janeiro.

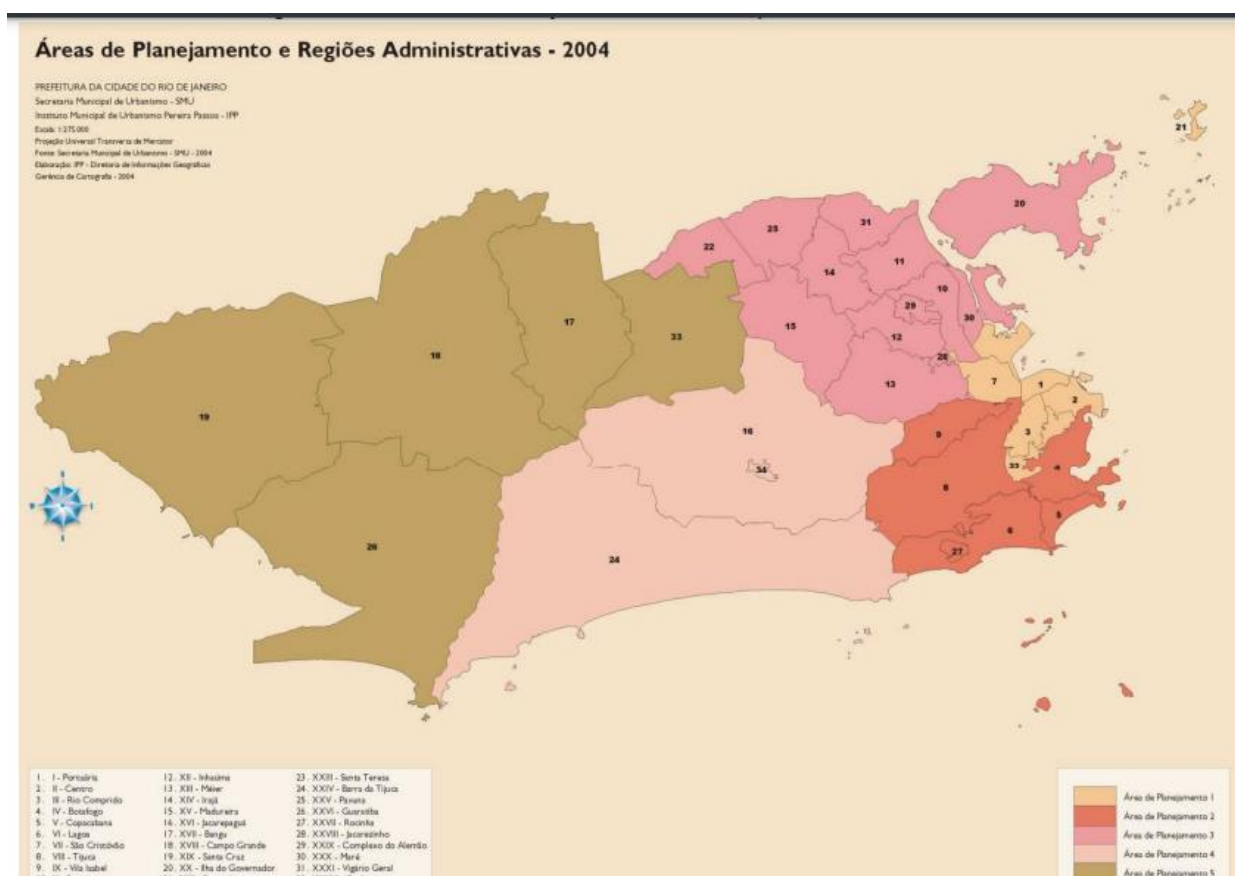


²⁰ Devido a uma questão de escala a Avenida Brasil não apareceu no mapa.

Fonte: IPP, 2019 – Grifo da autora.

Segundo dados divulgados pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP, a cidade do Rio de Janeiro é um território dividido em 5 Áreas de Planejamento (AP), subdivididas em 34 regiões administrativas (RA) compostas pelo agrupamento de bairros, que totalizam 160. A Área de Planejamento 1 (AP-1) corresponde à Zona Central da cidade, a Área de Planejamento 2 (AP-2) concentra os núcleos habitacionais de classes alta e média, a chamada Zona Sul e parte da Zona Norte (Tijuca e Vila Isabel), a Área de Planejamento 3 (AP-3) corresponde às zonas norte e oeste, constituindo os chamados subúrbios, a Área de Planejamento 4 (AP-4), composta pela Baixada de Jacarepaguá e pelas áreas litorâneas que se estendem da Joatinga ao Grumari; A Área de Planejamento 5 (AP-5) conhecida como Zona Oeste

Mapa 4: Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas - 2004



Fonte: IPP, 2004

Nesta pesquisa dar-se-á um enfoque maior na Área de Planejamento 3 (AP-3), pois é nela que se localiza o Conjunto de favelas em destaque neste trabalho.

Dessa forma, a AP-3 é a que possui a maior população, e apresenta a maior diversidade, apresentando áreas de habitação de média e baixa renda. A AP-3 abriga o maior número de favelas com um total de 401, correspondendo a 56.804,38 m². (IPP, 2019) Esses dados são demonstrados através da Tabela 2.

Tabela 2: Proporção de área ocupada por favelas em relação à área total da Região Administrativa - 2004 até 2011) - Cidade do Rio de Janeiro

Região Administrativa	Proporção de área ocupada por favela				
	2004	2008	2009	2010	2011
Cidade	3,74%	3,82%	3,82%	3,79%	3,76%
XXVII - Rocinha	60,51%	60,57%	60,94%	60,09%	58,97%
XXIX - Complexo do Alemão	63,13%	62,93%	61,20%	60,04%	58,32%
XXVIII - Jacarezinho	46,58%	46,70%	46,70%	46,48%	46,48%
XXX - Complexo da Maré	22,56%	23,22%	23,24%	23,25%	23,26%
XXV - Pavuna	19,61%	20,48%	20,51%	20,33%	20,07%
III - Rio Comprido	13,73%	13,80%	13,85%	13,25%	13,04%
VII - São Cristóvão	10,64%	10,85%	10,85%	10,80%	10,80%
XXXIV - Cidade de Deus	9,10%	9,60%	9,43%	9,38%	9,15%
XXXI - Vigário Geral	9,02%	9,04%	9,04%	9,01%	9,01%
X - Ramos	8,95%	9,26%	8,90%	8,77%	8,58%
XI - Penha	8,01%	8,07%	8,08%	8,07%	8,07%
XXII - Anchieta	7,71%	7,80%	7,80%	7,79%	7,79%
IX - Vila Isabel	7,16%	7,03%	7,01%	6,91%	6,75%
XIII - Méier	6,90%	7,03%	7,02%	6,80%	6,72%
XV - Madureira	6,87%	6,97%	6,97%	6,84%	6,72%
XXIII - Santa Teresa	6,39%	6,44%	6,44%	6,30%	6,29%
XII - Inhaúma	6,13%	6,27%	6,28%	6,28%	6,16%
XVII - Bangu	5,93%	6,01%	6,02%	6,02%	5,95%
V - Copacabana	5,78%	5,79%	5,80%	5,63%	5,64%
XIV - Irajá	5,43%	5,39%	5,39%	5,39%	5,39%
I - Portuária	4,93%	5,11%	5,13%	5,14%	5,11%
XVI - Jacarepaguá	3,97%	4,09%	4,09%	4,06%	4,01%
XX - Ilha do Governador	3,80%	3,87%	3,88%	3,89%	3,89%
VIII - Tijuca	2,99%	3,01%	3,02%	2,94%	2,90%
XIX - Santa Cruz	2,43%	2,58%	2,58%	2,55%	2,56%
XVIII - Campo Grande	2,36%	2,40%	2,40%	2,41%	2,40%
VI - Lagoa	2,12%	2,12%	2,13%	2,12%	2,12%
IV - Botafogo	2,28%	2,23%	2,21%	2,15%	2,09%
XXI - Ilha de Paqueta	1,83%	1,83%	1,83%	1,83%	1,83%
XXXIII - Realengo	1,64%	1,67%	1,68%	1,67%	1,66%
XXVI - Guaratiba	1,30%	1,33%	1,34%	1,34%	1,32%
XXIV - Barra da Tijuca	0,99%	1,02%	1,04%	1,04%	1,03%
II - Centro	0,03%	0,03%	0,03%	0,03%	0,03%

Fonte: IPP/DIC, 2011

O interessante a ser analisado na produção do espaço desse bairro é a ampliação da favelização, visto que é um bairro segregado e espoliado. Assim, o uso e ocupação do solo é improvisado, uma vez que a intenção inicial de ocupar essa área era estar próximo à localidade de trabalho e ter um abrigo, com isso a

moradia se expressa através da questão do habitar²¹. Ao analisar cuidadosamente os dados percebe-se que Anchieta possui seu crescimento populacional concomitante ao aumento das áreas de favelização, a tabela 1 evidencia o total de favelas existentes nas RAs XXII.

Tabela 3: Área ocupada pelas favelas cadastradas segundo na Área de Planejamento 3 (AP) especificamente na XXII Regiões Administrativa (RA) - Município do Rio de Janeiro - 1999/2019”

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas e Favelas	Código (SABREV)	Área (m²)												
		1999	2004	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2015	2016	2017	2018	2019
XXII Anchieta		1 098 608	1 096 395	1 110 325	1 110 783	1 109 792	1 109 770	1 101 579	1 100 606	1 107 222	1 107 961	1 112 219	1 108 253	1 108 452
Avenida	326	15 420	13 721	13 721	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722	13 722
Beira Rio - Rua Arnaldo Murineli - (RA - Anchieta)	328	31 152	31 152	32 070	32 070	32 070	32 070	32 871	32 871	34 803	35 312	35 312	35 312	35 446
Faz Quem Quer (RA - Anchieta)	331	19 344	19 362	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579	19 579
Fé em Deus	332	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068	21 068
Morro do Mata Quatro	337	31 527	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638	32 638
Oliveira Bueno	338	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090	13 090
Parque Anchieta	340	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667	19 667
Rua Itatiba	346	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014	8 014
Final Feliz	394	85 817	86 480	86 480	86 480	86 480	86 480	86 480	86 480	87 042	87 042	87 042	87 042	87 042
Caminho do Padre	395	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589	19 589
Parque Raio do Sol	406	67 520	66 423	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365	67 365
Fazenda Velha	407	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757	9 757
Rua Oliveira Bueno, nº 832.	409	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171	4 171
Parque Rafael de Oliveira	511	18 592	18 592	18 592	18 592	18 592	18 592	12 616	12 617	12 551	12 551	12 551	12 679	12 679
Rafael de Oliveira	513	5 824	5 824	5 824	5 824	5 824	5 824	5 394	5 225	4 000	4 000	4 000	3 725	3 725
Vila Esperança de Guadalupe	518	78 737	75 838	76 568	76 866	76 866	76 343	76 189	75 383	75 457	75 687	79 897	79 897	79 961
Maranata	524	4 461	5 499	5 499	5 499	5 499	5 499	2 288	2 288	2 288	2 288	2 288	2 288	2 288
Vila Bereté	531	6 745	6 745	6 745	6 745	6 745	6 745	6 745	6 745	6 767	6 767	6 767	6 767	6 767
Travessa Maria José	561	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049	3 049
Parque Criança Esperança	618	287 729	287 565	287 629	287 629	287 629	287 629	288 091	288 091	288 091	288 091	288 091	288 091	288 091
Planalto	619	4 850	5 126	5 175	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126	5 126
Parque Esperança (RA - Anchieta)	620	197 991	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737	198 737
Parque Tiradentes	621	48 338	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497	48 497
Associação Comunitária Vila Alvorada	622	28 934	29 276	29 276	29 276	29 276	29 276	29 276	29 276	29 256	29 256	29 256	29 256	29 256
Oito de Dezembro	623	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382	15 382
Comunidade Aramari	630	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035	5 035
Rua Adalberto Tanajura	671	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470	5 470
Rua Tenente Lassance	672	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490	9 490
Vila São Sebastião	683	14 439	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923	13 923
Força do Povo	748	10 679	10 804	10 809	11 017	11 017	11 017	11 017	11 017	16 746	16 746	16 795	16 795	16 795
Rua Adalberto Tanajura (altura do nº 152)	807	4 202	4 202	4 202	4 202	4 202	4 202	4 202	4 202	3 809	3 809	3 809	3 809	3 809

Fonte: IPP/DIC, 2019

Esse bairro suburbano teve um grande aumento do número de favelas associado a construção da linha férrea. Porém, este não é o único motivador, é preciso levar em conta a existência de uma população local anterior a construção da linha férrea, a existência de fazendas/engenhos, além do baixo valor agregado

²¹Entende-se aqui o habitar por meio do valor de uso do espaço, quanto que o habitat é dado pelo valor de troca, a partir da produção capitalista do espaço.

aos terrenos nesta localidade. Segundo o DATA RIO em uma pesquisa sobre a história dos bairros cariocas, Anchieta teve a

implantação da Estrada de Ferro Dom Pedro II, depois Central do Brasil, a estação de Anchieta foi inaugurada em 1º de outubro de 1896, nome dado em homenagem ao padre José de Anchieta, religioso catequizador de indígenas nos primórdios do Brasil colonial. O prédio da estação atual foi inaugurado em 1989, servindo hoje aos trens metropolitanos do ramal de Japeri.²²

Além das ferrovias outro ponto importante é a construção da Rodovia Avenida Brasil, Torres reitera que

A partir dos anos 40, com a Avenida Brasil, o fluxo para o subúrbio não mais era guiado apenas pelos “trilhos do trem” ou dos bondes, no sentido da zona norte e oeste da cidade. Migrações expandiram-se para regiões mais distantes do centro como Santa Cruz, Campo Grande, Pavuna, Jacarepaguá, assim como Niterói, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti e São Gonçalo. A cidade começava, portanto, na década de 1940, a ganhar os contornos e limites que hoje conhecemos. (TORRES, 2018, p. 296)

Sob esta perspectiva, os interesses de mercado se sobrepõem aos interesses sociais, enquanto o centro da cidade capitalista se expande. Há um processo simultâneo de expansão de periferias e áreas segregadas. Ressalta-se, portanto, que a produção desse espaço comporta os movimentos de resistência²³ que lutam contra a construção de uma nação/cidade segundo os moldes europeus, que segundo Campos (2010) essa tentativa serviria para mascarar o racismo existente e disseminar a ideia da democracia racial.

Portanto, a produção deste espaço além de comportar a luta de classes, há de se levar em consideração a negação de direitos de acesso à cidadania e espaço para pessoas negras que se encontravam a margem das decisões

²²O aplicativo do DATA RIO pode ser acessado pelo site <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/Shortlist/index.html?appid=cc578746ea4045858e2af150ed5d507c>. Acessado em 02 de junho de 2023.

²³ Algumas lutas urbanas que ganham notoriedade e que colaboram para a construção do pensando do direito à cidade: Luta pela moradia, movimento feminista, movimento negro, luta por direito LGBTQIA+.

políticas e econômicas devido o passado colonial e escravocrata brasileiro (CAMPOS, 2010). Na cidade do Rio de Janeiro, quando se analisa os fatores que levam ao surgimento das favelas, percebemos que se estabelecem através de um pacto entre o Estado e o capital privado em promover a especulação do solo urbano da área central.

Infere-se que as políticas de remoções associadas ao discurso de higienização, eugenia e de revitalização, expulsaram uma grande parte da população mais pobre, em sua maioria preta e parda, que ocupava a área central em direção a outros espaços, dentre estes estão os subúrbios, que começam a ganhar expressividade no seu crescimento neste momento. Cabe analisar daqui para a frente a situação das favelas na metrópole do Rio de Janeiro, o seu adensamento populacional e o crescimento dos subúrbios.

2.2

Favela e sobrevivência na metrópole

Campos (2010) destaca que “a ocupação da favela não é resultante de um processo, mas de uma ação pontuada no território.” (p. 59) Além da questão higienista proposta na remoção dos cortiços, o mesmo autor amplia o debate para o surgimento das primeiras favelas do Rio de Janeiro, estando relacionadas a Guerra dos canudos com o deslocamento da numerosa tropa da Bahia para o Morro da Providência e Santo Antônio, além dessa, há também a guerra do Paraguai que produziu muitos migrantes sendo a maioria de soldados alforriados que receberiam um pedaço de terra como recompensa de participação na guerra. O autor ressalta que um fator endógeno para o crescimento das favelas no Rio de Janeiro é a Abolição, “pois “despejou” centenas de milhares de ex-escravos urbanos, se levamos em consideração apenas esse segmento, à procura de alojamento na área central da cidade.” (op. Cit., pág. 59)

Silva (2013) mostra que “a ausência de políticas públicas voltadas à habitação fez com que os setores populares no Brasil solucionassem seus problemas de moradia. Foi a fase do aumento acentuado da população favelada e da expansão das franjas periféricas da cidade.” (Pág. 187) O Centro do Rio de Janeiro cresce vorazmente, segrega a população pobre para áreas mais afastadas, e a favela surge como abrigo imediato, uma parte informal da cidade que não possui uma legislação urbanística pré-estabelecida.

A favela surge no cenário urbano do Rio de Janeiro, conforme já afirmamos, sem estar contextualizada em um processo social, mas como resultado de fatos espaciais e temporais delimitados. No nosso entender, uma das possibilidades é compreender a favela como uma transmutação do espaço quilombola, pois, no século XX, a favela representa para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representou para a sociedade escravocrata. Um e outro, guardando as devidas proporções históricas, vêm integrando as “classes perigosas”: os quilombolas por terem representado, no passado, ameaça ao império e os favelados por se constituírem em elementos socialmente indesejáveis após a instalação da república. (CAMPOS, 2010, p. 63)

O debate em questão também foi fomentado por Davis (2006) que em sua análise verifica que esse processo ocorre em muitos países periféricos. Isso posto, o autor chama a atenção para a área central, num primeiro momento, que serve de abrigo a classe trabalhadora e recém-imigrantes, mas depois esse solo urbano se torna extremamente caro, pois é mais valorizado pelo capital imobiliário e impossibilita uma vida digna do operário na cidade. A partir disso há o aumento da procura dessa população para áreas mais afastadas, as periferias, esse modelo se torna um clássico na construção das favelas.

No governo Vargas, anos de 1930, há um “reconhecimento da existência da favela pelo código de obras de 1937” (VALLADARES, 2005, p. 23) e nos anos 1940 surge “a primeira proposta de intervenção pública correspondente à criação de parques proletários” (VALLADARES, 2005, p. 23). Após a era Vargas se inicia o período de experiência democrática liberal (1945-1964), a partir deste a questão da moradia se agrava e o número de favelas e o espaço territorial delas aumentam significativamente “sob a égide do populismo” (VALLADARES, 2005, p. 23).

O modelo desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) priorizava intensificar a industrialização a partir do capital estrangeiro, com isso há o aumento da valorização das áreas urbanas ocasionando dificuldades atreladas ao cotidiano dos trabalhadores, dentre elas: o aumento da distância entre os locais de trabalho e moradia. Desse modo, é nesse período que se nota a explosão demográfica nas periferias da baixada fluminense associada a abertura da Rodovia presidente Dutra e a construção de novas indústrias, sem contar que nessas áreas o preço do lote era muito barato. (TAVARES, 2016) “A perspectiva

de novas indústrias atraiu antecipadamente novas favelas, que funcionavam como estoque de mão de obra barata.” (CAMPOS, 2010, p. 89).

O governo de Carlos Lacerda (1960-1965)²⁴ foi marcado por um movimento anti-favelas, o governador reforçava a ideia de que o subúrbio deveria ser ocupado pelas indústrias e a população mais pobre, pois sua perspectiva de organização do espaço urbano era construída conforme os interesses do mercado imobiliário, logo, a valorização de uma área estava relacionada à eliminação das favelas e das pessoas pobres. Essa mesma mentalidade da erradicação em massa das favelas é repercutida após o golpe militar de 1964, “de meados dos anos 1960 até o final dos anos 1970 – eliminação das favelas e sua remoção durante o regime autoritário”. (VaALLADARES, 2005, p. 23). A partir desse período há uma política de remoção associada à transferência da população favelada dos bairros litorâneos da zona sul do Rio de Janeiro para conjuntos habitacionais em periferias. (TAVARES, 2016).

Embora as remoções tenham arrefecido, até o final do regime militar (1964-1985) a política pública de habitação deu prioridade à classe média, gerando um grande movimento de construção que mudou a face das cidades brasileiras. Com o declínio do BNH – Banco Nacional de Habitação e do SFH – Sistema Financeiro de Habitação, no início dos anos 1980, teve início um longo período de redução dos investimentos públicos e privados na produção de moradias, e as favelas tiveram um crescimento explosivo. (TAVARES, 2016, p.211)

Perlam (2003) faz uma contextualização muito importante sobre o crescimento das favelas no Rio de Janeiro e o mito da marginalidade inerente a esses espaços. Desse modo, a autora analisa o período de 1950 até 2000 e afirma que o crescimento da população é uma realidade vivenciada nas favelas cariocas.

Vale aqui ressaltar que entre 1950 e 2000 a taxa de crescimento da população moradora de favelas excedeu enormemente a taxa de crescimento do resto da população da cidade. (...) Entre 1980 e 1990, a taxa de crescimento da cidade diminuiu para

²⁴ “O maior crescimento das favelas ocorreu na década de 1950 (no período de pós-guerra quando a migração urbana começou) e na década de 1960, época do estudo original. A taxa de crescimento das favelas sempre excedeu em muito a taxa de crescimento da cidade do Rio de Janeiro como um todo, exceto nos anos 1970, quando a política de remoção maciça de favelas erradicou 72 favelas e deslocou aproximadamente 17 mil famílias e algo em torno de 100 mil pessoas.” (PERLMAN, 2003, p. 219)

7,6%, enquanto a taxa de crescimento de favelas aumentou de 11,4% para 40,5%; e entre 1990 e 2000, a população da cidade cresceu 6,9% ao ano enquanto as favelas cresciam em 24%. A porcentagem da população do Rio morando em favelas, de acordo com estatísticas oficiais apresentadas, é a mais alta entre as cidades brasileiras. (PERLMAN, 2003, p. 219)

Tabela 4: Taxa de Crescimento de Favelas no Rio de Janeiro de 1950 a 2000

III	Pop.de Favelas (a)	Mun.Pop. Rio (b)	a/b%	% de cresc. Pop. Favelas	% de cresc. Pop.Rio
1950	169.305	2.337.451	7,24%	-	-
1960	337.412	3.307.163	10,20%	99,3%	41,5%
1970	563.970	4.251.918	13,26%	67,1%	28,6%
1980	628.170	5.093.232	12,33%	11,4%	19,8%
1990	882.483	5.480.778	16,10%	40,5%	7,6%
2000	1.092.958	5.857.879	18,66%	23,9%	6,9%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apud Perlman (2003)

Desde então as favelas do Rio de Janeiro passam por um processo de mudanças estruturais impostas pelo Estado. Um exemplo disso, é o cíclico processo das remoções que está associado ao resultado da ampliação das favelas para outros espaços da cidade, como visto na tabela 5, neste caso, para o subúrbio e a zona Oeste.

Tabela 5: Taxa de Crescimento por Zona de 1980 a 1992

ZONAS	Número de Favelas			População das Favelas		
	1980	1992	Taxa Cresc.	1980	1992	Taxa Cresc.
Sul	25	26	4%	65,596	79,651	21%
Norte	22	25	14%	49,042	55,768	14%
Oeste	86	195	127%	94,002	195,546	108%
Subúrbio	194	270	39%	416,307	532,340	28%
Central	45	57	27%	92,119	99,488	8%
TOTAL	372	573	54%	717,066	962.793	34%

Fonte: IPLAN/Rio apud Perlman (2003)

Nos anos 2000 com a abertura do Estado democrático, iniciam-se algumas iniciativas para pensar em políticas públicas destinadas a entender questões,

problemas e pensar em soluções para melhorar a qualidade de vida nas favelas, dentre elas está o Projeto Favela Bairro “focado em melhorar a infraestrutura urbana física das favelas como forma de integrar as favelas aos bairros vizinhos.” (PERLMAN, 2003, p. 223)

O programa Favela-Bairro vem sendo desenvolvido pela Secretaria Municipal de Habitação desde 1994, quando a administração resolveu adotar uma nova política para as favelas em substituição ao antigo Projeto Mutirão. Como principal programa da administração, o Favela-Bairro objetiva complementar ou construir a estrutura urbana principal (saneamento e democratização de acessos) e oferecer condições ambientais de leitura da favela como bairro da cidade, segundo os termos do Decreto no 14.332, de 7 de janeiro de 1995. O programa tem como metas a integração social e a potencialização dos atributos internos das comunidades. (PERLMAN, 2003, p. 223)

No século XXI outros programas passam a ser pautados como possíveis intermediadores para solucionar as problemáticas inerentes a viver em uma favela. Dentre eles está o Programa de Aceleração do Crescimento nas Favelas (PAC-Favelas), com a função de integração urbana, moradia digna, regularidade fundiária, inclusão social além do componente ambiental. Assim, atrelado a este há o surgimento das Unidades de Polícia Pacificadora – UPP²⁵, que segundo Franco (2014, p.50), são “um modelo de ação policial voltado para enfrentar, nas favelas, o poder dos grupos criminosos armados.”. Este por sua vez, ganha maior investimento e ação do que qualquer outra proposta, visto que a militarização do espaço é entendida como única saída para pensar nas problemáticas inerentes as favelas.

Como visto, as favelas são lugares que possuem a função de abrigar uma população que carece de moradia e precisa se consolidar no urbano, esses espaços, geralmente, não possuem um alto valor de mercado, pois a topografia não é favorável, áreas são facilmente alagadas, distantes do centro, no geral possuem infraestrutura urbana precária. Portanto, essas são áreas de não interesse da especulação imobiliária e difícil de exploração (KOVARICK, 1979).

²⁵ “Segundo o que está no sítio da Secretaria de Segurança Pública, o ‘conceito’ que norteia a UPP é o de constituir uma “polícia da paz”, apresentada como “importante arma do Governo do Estado do Rio e da Secretaria de Segurança para recuperar territórios perdidos para o tráfico e levar a inclusão social à parcela mais carente da população.” Ainda segundo este sítio, a experiência segue os princípios do Policiamento Comunitário.” (BURGOS, 2011, p. 53)

As favelas como lembra Campos (2010) são espaços essencialmente criminalizados e estigmatizados, que surgem com a intenção de abrigar os pobres, ex-escravizados e migrantes. Ao observar a forma das favelas percebe-se que possuem uma identidade espacial própria, se configuram como heterotopias (FOUCAULT, 1967), pois são espaços que fogem do trivial e da lógica dominante. Na construção da moradia há um saber vernacular que é inventivo e rico, proporcionando uma paisagem única e nunca acabada que se desassocia do modelo formalista dos arquitetos e urbanistas. (JACQUES, 2001) Logo, conclui-se que uma favela “é caracterizada por ocupar terrenos públicos ou privados sem a titulação necessária, de acordo com a definição do IBGE, e ter cerca de 50 habitações.” (CAMPOS, 2010, p. 117).

A falta de legalidade sobre a terra é uma herança da Lei de Terras 1850 e de outros estatutos e leis que delimitam o acesso à terra através da troca capitalista. O problema da distribuição fundiária no Brasil é anterior ao direito e o acesso à moradia. A concentração de terras, a gentrificação e a segregação espacial são tratados assinados com respaldo do Estado, que fomenta todo esse processo de produção desigual do espaço.

Em diálogo com Valladares (2005, p.26), há o entendimento do “fenômeno da existência das favelas como claramente anterior ao aparecimento da categoria de favelas.”. Isso posto, percebe-se que a questão estética, o modo de vida dos sujeitos e suas corporeidades também são elementos importantes para o entendimento desse espaço. Assim, percebemos que a categoria de favelas proposta pelo IBGE acaba não suprimindo as demandas atuais para entender todo a heterogeneidade do universo Favela. Atualmente, presenciamos áreas que se tornam favelizadas a partir da apropriação territorial do tráfico de drogas, bairros suburbanos que começam a viver uma nova espacialidade após essa territorialização.

Desse modo, a questão da titulação da propriedade é um ponto importante para chegarmos a um consenso sobre o que é a Favela, porém, não pode ser o único critério a ser analisado. Pois, dessa forma, encontraríamos a barreira do reducionismo da análise espacial, logo, é preciso levar em conta a história e a Geografia do lugar, a memória, além das questões referentes a classe e raça.

Todo esse processo de formação espacial da cidade do Rio de Janeiro reflete nos dados divulgados no censo do IBGE (2010). Na tabela 7 e no Mapa 7, percebemos que “O espaço humano, aliás, revela claramente, e ao mesmo tempo, o passado, o presente e o futuro.” (SANTOS, 1988, pág. 5). Por isso o objeto geográfico não é um mero ponto retirado do espaço, mas é também o acúmulo de

múltiplas temporalidades históricas, processos, forma, função e conteúdo. Portanto, “Passado e presente nele se dão as mãos, por um funcionamento sincrônico que elimina a pseudo contradição entre história e estrutura” (SANTOS, 1988, p. 5). Assim, é fundamental compreender o espaço urbano enquanto fragmentado, articulado e um reflexo da sociedade (CORRÊA, 2006)

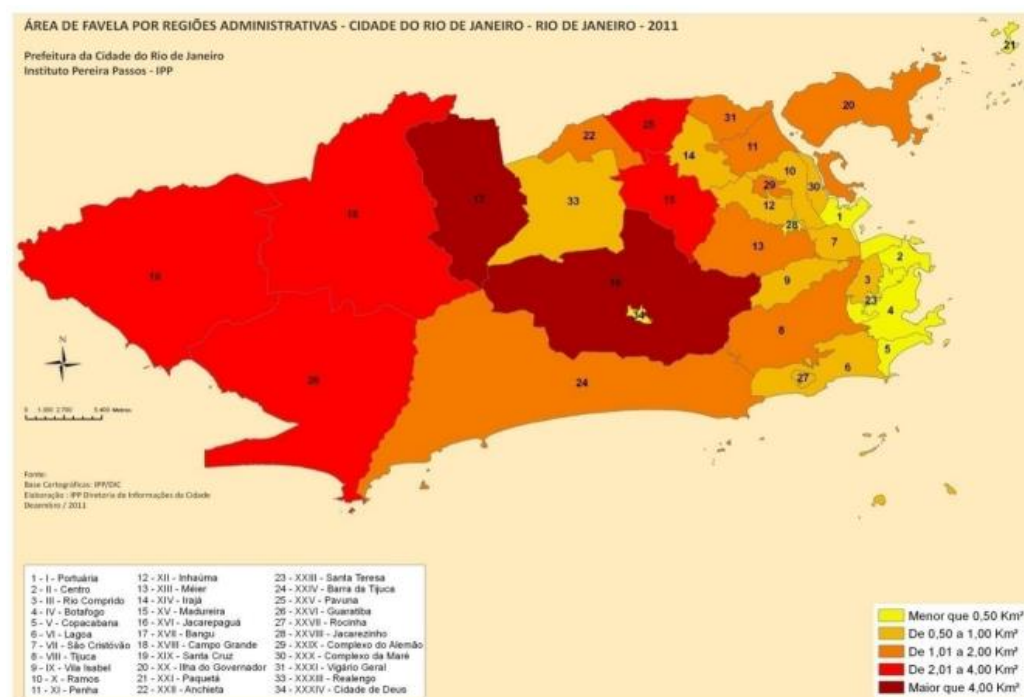
Tabela 6: Proporção entre a população total e a das favelas, por Áreas de Planejamento – Município do Rio de Janeiro – 2010

Área de Planejamento	População Residente			
	Total	%	em Favelas	%
Total	6.320.446	100,0	1.443.773	100,0
AP-1 - Zona Central	297.976	4,7	103.296	7,2
AP-2 - Zona Sul	1.009.170	16,0	174.149	12,1
AP-3 - Zona Norte/Subúrbios	2.399.159	38,0	654.755	45,4
AP-4 - Barra/Jacarepaguá	909.368	14,4	236.834	16,4
AP-5 - Zona Oeste	1.704.773	27,0	274.739	19,0

Fonte: IBGE, Censo 2010; Estimativa IPP (Cavallieri e Vial, 2012).apud TAVARES, 2016, p.

54.

Mapa 5: Área total ocupada por favelas por Regiões Administrativas - 2011 - cidade do Rio de Janeiro



Fonte: IPP/DIC - Gerência de Estudos Habitacionais, 2011

Bezerra da Silva, ilustre cantor e compositor brasileiro, demonstra a sua concepção a respeito do povo favelado de uma maneira singular na música “Eu sou favela”.

Eu sou Favela

A favela nunca foi reduto de marginal
 Só tem gente humilde marginalizada
 E essa verdade não sai no jornal
 A favela é um problema social
 É, mas eu sou favela
 E posso falar de cadeira
 Minha gente é trabalhadeira
 E nunca teve assistência social
 Sim, mas só vive lá
 Porque para o pobre
 Não tem outro jeito
 Apenas só tem o direito
 A um salário de fome
 E uma vida normal
 (SILVA, 1992)

Corroboro com a visão de Bezerra quando diz que existe uma verdade única estampada nos jornais e essa exalta, na maioria das vezes, a violência presente na favela. Dessa forma, homogeneizando um espaço que é por sua essência bastante heterogêneo. Assim, existe uma ideia da favela como reduto de marginais. Tendo em vista contribuir com a desmistificação dessa ideia, no próximo capítulo entenderemos os sujeitos da ação e a sua participação na favela²⁶.

Bezerra traz um elemento fundamental: os trabalhadores tomam parte da produção e funcionamento da favela. Logo, é através da ação do povo comum que a favela é pensada e utilizada, por isso, é preciso relembrar que a favela, como afirmava Kowarick (1979), é em sua essência abrigo e resistência. Além disso, emerge a importância de compreender a produção do espaço do subúrbio carioca, por isso, no próximo tópico focaremos em debater sobre este processo.

²⁶ “na verdade (...), os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, pois, não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’” (FREIRE, 1996)

2.3

Urbanização e segregação espacial: um ensaio sobre a origem do subúrbio carioca

Lúcio Kowarick (1979) fomenta um debate muito interessante sobre a lógica da desordem, esta permeia o processo de formação das periferias urbanas, assim, o que se verifica é a existência de uma nítida intencionalidade na ordem hegemônica em repercutir a desordem através da espoliação urbana em diversos espaços. Dessa forma, a lógica da desordem afeta de maneira negativa a vida cotidiana dos pobres, visto que a cidade é projetada para atender os interesses do capital, logo, esses sujeitos são colocados à margem, assim como os seus interesses.

A partir do século XIX, e especialmente no início do século XX, com as reformas urbanas impostas pelo prefeito à época, Pereira Passos, fica mais evidente que “dialeticamente o período Passos representa também a etapa inicial de desenvolvimento de novas importantes contradições” (ABREU, 2013, p. 67). A Figura 7 de O Malho juntamente à análise crítica realizada por Ferreira (2009) ajudam a ilustrar a conjuntura vivenciada neste período:

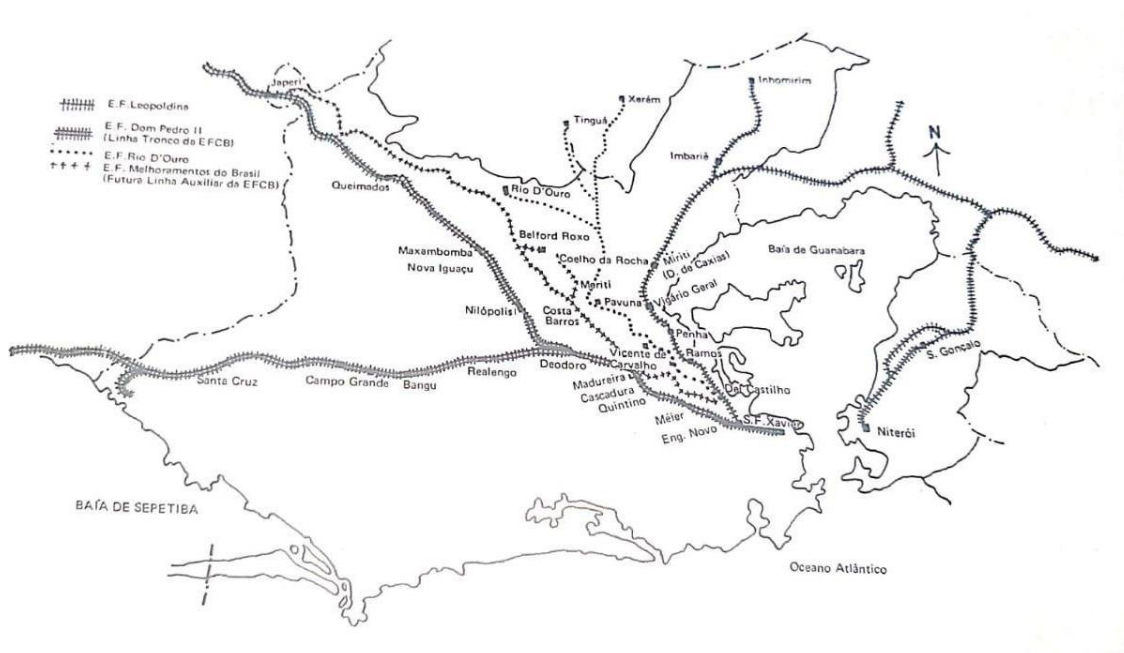
A cidade do Rio de Janeiro tinha problemas seríssimos de falta de moradia e ainda assim não parava de crescer. Entre 1903 e 1906, o Prefeito Pereira Passos promoveu uma intensa reforma urbana, onde foram demolidos vários imóveis (grande parte deles de habitação popular) para ampliação de vias e construção de “prédios modernos”, muitos deles de inspiração parisiense. (...) Nesse sentido, o novo já traz em si a sua própria negação. Para complicar ainda mais, os meios de transporte eram precários, obrigando a força de trabalho a residir próximo ao local de trabalho. (FERREIRA, 2009, p.2)

a uma classe social, com o tipo de reforma urbana que ocorreu no centro e que destruiu muitos bairros operários que migraram para o subúrbio. (FERREIRA, 2009). Logo, Nelson Fernandes diz que houve um rapto ideológico da categoria, que segundo Ferreira seria:

mudança brusca e drástica do significado de uma categoria, em que seus atributos mais originais e essenciais são expurgados de seu conteúdo, sendo submetidos por significados novos e completamente estranhos à sua extração mais genuína (FERREIRA, 2009, p. 4).

A questão do Rapto Ideológico da categoria subúrbio é uma ideia de ressignificação do conceito a partir do processo que aconteceu na Cidade do Rio de Janeiro. O crescimento exponencial está atrelado justamente às pessoas pobres que começaram a migrar para as áreas mais afastadas da cidade, as Zonas Norte e Oeste, após um processo de reforma urbana burguesa que tinha como um dos objetivos eliminar os pobres do centro da cidade (FERNANDES, 2009). Então esses começaram a buscar as áreas mais afastadas que ocasionalmente ficavam próximas às linhas de trem, como pode ser visto no Mapa 5. Logo, percebe-se nesse momento uma ampliação de moradias em torno desse espaço ferroviário, por isso a denominação subúrbio ferroviário (TORRES, 2018).

Mapa 6: Área Metropolitana (Área Conurbada) do Rio de Janeiro: Localização das Estradas de Ferro.



Fonte: ABREU, 2013

Segundo ABREU (1988:43), a inauguração do primeiro trecho da estrada de Ferro D. Pedro II, que fora iniciada em 1858, permitiu, a partir de 1861, a ocupação acelerada das freguesias suburbanas por elas atravessada. A inauguração desse trecho da linha férrea fazia parte da modernização dos transportes, possibilitando a dispersão da classe pobre para os subúrbios. Entretanto, a dispersão dos mais pobres só foi possibilitada pelo surgimento de um mercado de trabalho potencial obtido com o deslocamento das populações de maiores rendas. (CAMPOS, 2010, p. 57)

Portanto, é reducionista afirmar que o subúrbio carioca surge associado apenas a linha do trem, até porque a linha já existia, porém, os subúrbios eram ocupados principalmente por fazendeiros e proprietários de terras, sujeitos de classe social mais privilegiada e pessoas escravizadas. No entanto, o que consolida de fato o caráter ideológico associado ao subúrbio foram as remoções e obras urbanas que se iniciam no período Pereira Passos. Assim, se intensificam os loteamentos das antigas fazendas e “sertões cariocas”, elevando as migrações da cidade para essas áreas mais afastadas (FERNANDES, 2009).

Para ampliar a compreensão sobre o conceito de subúrbio, Ferreira (2009) reconhece que:

O conceito carioca de subúrbio é uma representação que sintetiza um discurso ideológico sobre o lugar dos pobres na cidade do Rio de Janeiro. Para Fernandes (1995, p. 31), tal conceito significa o tipo de cidadania reservada para a maioria de sua população, já que “predomina, entre nós, a idéia de um espaço (suburbano) subordinado e sem história, sem criação, sem cultura, carente de valores estéticos em seus homens e sua natureza (subúrbio é quase sempre feio e sem atrativos) ausente de participação política e cultural. No máximo, concede-se ao subúrbio o lugar da reprodução (FERREIRA, 2009, p.4)

A grande problemática desse processo está em se tratando do crescimento dos bairros do subúrbio sem a devida atenção do Estado relacionado. “Dessa maneira, logo se percebia a desigualdade sócio-econômica que se refletia na espacialidade da cidade.” (FERREIRA, 2009, p. 6) Esse fato foi determinante para acelerar a ocupação desse espaço, em uma pesquisa realizada por Torres (2018)

revela que “em 1890 a população suburbana correspondia a 17,8% da população do Rio de Janeiro, três décadas depois seria de 30,8%.” (p. 296) Os números demonstram que a população suburbana duplicou de tamanho em um curto intervalo de tempo, demonstrando que os tentáculos da especulação ficavam cada vez mais intensos na área central.

Durante esse período, além das obras que estavam acontecendo nas áreas centrais outro fator determinante foi a industrialização. Em sua pesquisa, Torres (2018) aborda os dados relacionados ao crescimento populacional e o aumento da indústria na cidade do Rio de Janeiro:

Houve considerável crescimento dos estabelecimentos industriais na cidade, crescendo de 1.541 em 1920, para 5.328 em 1960. (...) a população suburbana acompanhou esse crescimento, evidenciando de um lado a tendência da expansão da cidade rumo ao subúrbio e, de outro, da instalação de fábricas nesse território. A população suburbana cresceu 458 por cento entre 1920 e 1960, o equivalente a dois milhões de pessoas ou a 63.3% de todos os cariocas (TORRES, 2018, p. 297)

Sob essa ótica, o crescimento populacional nos subúrbios se torna mais preponderante entre as décadas de 1920 e 1940, outro fato relevante para compreender o adensamento populacional para os subúrbios é o período da Era Vargas (1930-1945) se caracteriza “pela intensificação da industrialização, que se materializou fortemente na estruturação da expansão da cidade” (TAVARES, 2016, p. 198). O desenvolvimento industrial crescente e com intervenção direta do Estado, estabeleceu um zoneamento industrial nos subúrbios acompanhando a linha férrea e a construção de rodovias, com destaque para a Avenida Brasil²⁷, associado a isso o setor de construção civil ganha fôlego e atrai muitos trabalhadores pouco qualificados e migrantes²⁸. Dessa forma, percebe-se o

²⁷Segundo Tavares (2016), a Avenida Brasil foi uma obra importante para o contexto, pois a “via integrou a BR-101 e foi construída paralelamente à Baía da Guanabara, com o objetivo de ligar o centro da cidade aos distantes subúrbios e alargar a malha industrial. Desse modo, a Avenida Brasil contribuiu para a ocupação e consolidação da Maré, pois, além de promover aterramentos e vias de acessos que foram pontos de partida para muitas ocupações, atraiu para o seu entorno muitas pessoas que trabalhavam na sua construção. Afora isso, viabilizou a criação de novos postos de trabalho após sua inauguração, em 1946, pois estimulou a instalação de muitos empreendimentos na região.” (TAVARES, 2016, p. 210)”

²⁸Perlman (2003) se questiona sobre a direção exata desses fluxos de pessoas que estão indo em direção às favelas: “A questão que esses dados suscitam é: já que o crescimento da cidade vem se nivelando desde 1950, e o crescimento das favelas tem continuado em níveis consideráveis, de onde estão vindo os novos moradores de favelas? É preciso explorar em que extensão esse crescimento se deve à reprodução natural (i.e., maior taxa de natalidade entre os moradores de favelas do que entre o restante da população do Rio de Janeiro); imigração de fora da cidade para

adensamento da urbanização para as zonas norte e oeste que eram predominantemente rurais (TAVARES, 2016).

Dessa forma, o subúrbio tem sua origem consolidada como um espaço que recebe uma população pobre que estava sofrendo com os processos relacionados à gentrificação²⁹, à higienização e à remodelação do centro. Enquanto os subúrbios cresciam aceleradamente, o centro e a Zona sul eram servidos por uma administração pública que formulava diversos projetos de embelezamento e valorização, inclusive, resultando em remoções de diversas favelas da Zona Sul. Com isso, os subúrbios iam crescendo juntamente às novas favelas, é como mostram os dados expostos por Abreu:

O censo de 1948 revelou um total de 138.837 habitantes nas 105 favelas existentes, que se concentravam notadamente na área suburbana (44% das favelas e 43% dos favelados), seguida da zona sul (24% e 21% respectivamente) e da zona Centro-Tijuca (22% e 30%). (ABREU, 2013, pág. 106)

Tabela 7: Distribuição da População no Distrito Federal - 1920 - 1960

POPULAÇÃO	1920	%	1940	%	1950	%	1960	%
TOTAL	1.147.599	100,0	1.759.277	100,0	2.375.280	100,0	3.300.431	100,0
Variação	---	---	+ 611.678	+ 53,3	+ 616.003	+ 35,0	+ 925.151	+ 38,9
URBANA	790.823		823.099	47,0	965.131	41,0	1.212.223	37,0
Variação	---	---	+ 32.276	+ 4,1	+ 142.032	+ 17,3	+ 247.092	+ 25,6
SUBURBANA	251.223		842.418	48,0	1.258.360	53,0	1.816.086	55,0
Variação	---	---	+ 591.195	+ 235,3	+ 415.942	+ 49,4	+ 557.726	+ 44,3
RURAL	105.553	9,0	93.760	5,0	151.789	6,0	272.122	8,0
Variação	---	---	- 11.793	- 11,2	+ 58.029	+ 61,9	+ 120.333	+ 79,3

Fonte: Abreu, 1997 apud Tavares, 2016, pág. 198

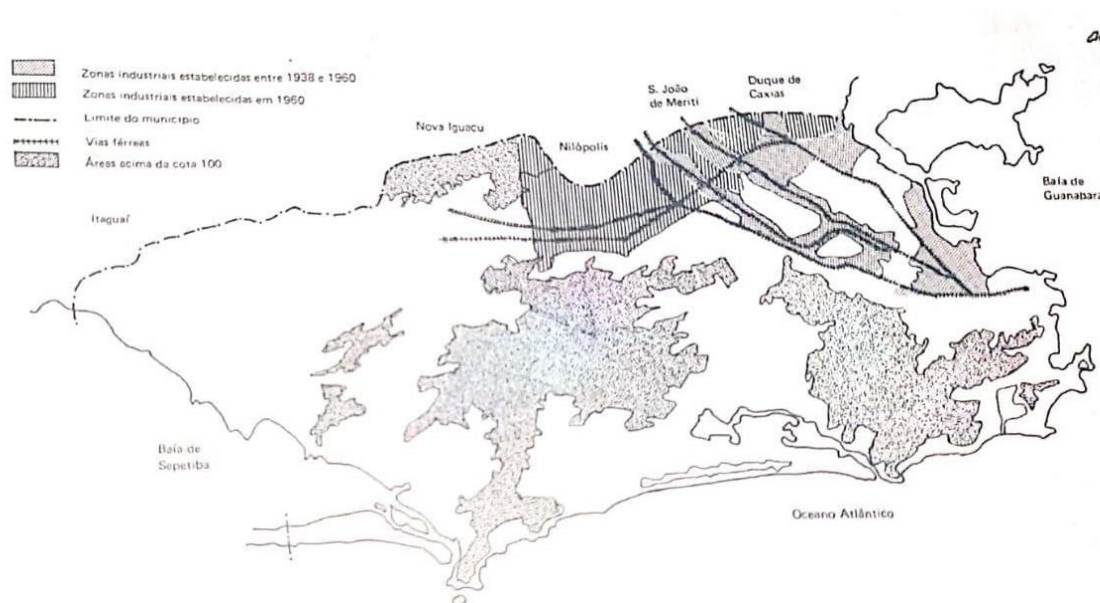
Abreu (2013) contextualiza o período do crescimento industrial no Rio de Janeiro associado à crise de 29 e a Segunda Guerra Mundial. Neste período a capital do Brasil se localizava no Rio de Janeiro, sendo um fato muito importante quando analisamos a concentração das atividades industriais nesse momento.

as favelas com correspondente êxodo de não favelados para fora da cidade; ou empobrecimento e a consequente favelização de parte da população da cidade que não pode mais se manter no mercado formal de habitação." (PERLMAN, 2003, p. 220)

²⁹ Processo de valorização urbana por meio da especulação imobiliária, geralmente, a gentrificação altera uma determinada área pouco valorizada, atendendo aos interesses do mercado. Isso acarreta prejuízos aos moradores antigos visto que os novos empreendimentos existentes tornam aquele espaço inacessível, do ponto de vista financeiro, aos antigos moradores que pertencem a outro estrato social. Logo, a gentrificação altera a dinâmica social e espacial do local, através da especulação.

Dessa forma, ao analisar o Mapa 6 percebe-se que as indústrias estavam em busca de locais já urbanizados e próximos ao centro, e é nesse contexto que os subúrbios começam a ser bastante atrativos, pois havia mão de obra barata e farta e podiam encontrar vantagens com transportes (as linhas de trem) o que facilitava a comercialização (ABREU, 2013).

Mapa 7: Município do Rio de Janeiro: Zoneamento Industrial



Fonte: ABREU, 2013

Outro fator que contribui para o aumento populacional para as áreas suburbanas foram as migrações campo-cidade ou êxodo rural. Durante o processo da Revolução verde muitos trabalhadores do campo perderam seus empregos, ficaram endividados ou perderam suas terras, com isso, foram obrigados a procurar uma melhor qualidade de vida nas cidades³⁰. O Brasil era considerado um país essencialmente agrário até a década de 30, porém, com o aumento do incentivo à industrialização e a mecanização do campo, muitos trabalhadores do campo foram atraídos pelas ofertas de emprego na Capital da República, as ofertas de empregos eram variadas no crescente ambiente urbano, existiam vagas tanto na indústria, quanto nas obras de infraestrutura e na

³⁰ A qualidade de vida adequada não era vivenciada pela maior parte dessa população, Perlman mostra que: "migrantes vindos do campo para a cidade eram vistos como mal-adaptados à vida moderna na cidade e, assim, responsáveis por sua própria pobreza e fracasso em serem absorvidos pelos mercados formais de trabalho e moradia" (PERLMAN, 2003, p. 220)

prestação de serviços. Logo, é a partir do governo Vargas que se observa um maior crescimento demográfico e industrial dos subúrbios.

Em 1946 nota-se um fato importante para um novo adensamento populacional para as áreas de subúrbio, a construção da Avenida Brasil. Torres (2018) expõe que nesse contexto surgem os subúrbios rodoviários, espaços que serão densamente habitados durante e após a construção dessa rodovia. Portanto, o fluxo para o subúrbio não era apenas guiado pelos “trilhos do trem” (TORRES, 2018). Como observa Abreu:

A avenida Brasil, inaugurada em 1946 é o melhor exemplo da associação Estado-Indústria no período ora em análise. Construída sobre aterro, e a partir dos trabalhadores de saneamento realizados pelo DNOS na orla da baía, o novo eixo rodoviário objetivava não só deslocar a parte inicial das antigas rodovias Rio-Petrópolis e Rio-São Paulo para áreas menos congestionadas, diminuindo assim os custos da circulação, como pretendia também incorporar novos terrenos ao tecido urbano, visando à sua ocupação industrial. (ABREU, 2013, p. 193)

O mesmo autor salienta que a obra de construção da Avenida Brasil se deu ao longo de anos e em distintos trechos. O primeiro trecho inaugurado foi em 1944 que possibilitou o deslocamento de automóveis entre o Cais do Porto até o bairro de Parada de Lucas, passando pelos bairros da Penha, Maré, Olaria e Bonsucesso. A princípio a Avenida Brasil era uma variante da estrada Rio-Petrópolis, portanto, era uma via muito importante pois ampliava o número de entradas e saídas da cidade, além de trazer um acesso ampliado à região serrana. Com a ampliação da indústria de automóveis e com a necessidade de ampliar a integração até São Paulo, sua malha rodoviária foi se ampliando ao longo dos anos (TORRES, 2018).

A Avenida Brasil registra algumas inaugurações em seu longo percurso, sendo possível que parte dos conflitos de informação em relação a sua inauguração se explique por esse fato. A primeira etapa, com registro da imprensa à época, foi inaugurada com a presença de Vargas, Henrique Dodsworth, além da presença dos ministros da Marinha, da Guerra e Aviação. Posteriormente, uma segunda etapa da inauguração ocorreu em

1946, outra, em 1947, entre São Cristóvão e Manguinhos, assim como sua duplicação, que foi realizada entre 1951 e 1954. Por último, uma nova inauguração foi realizada em 1961, com a incorporação da Avenida da Bandeira entre o que hoje é o Trevo das Margaridas até Santa Cruz. (TORRES, 2018, P. 291)

A área próxima à Avenida Brasil servia num primeiro momento para a ocupação fabril, de armazéns, oficinas e garagens, porém, como na época as localizações próximas às áreas industriais eram ocupadas pelos operários, essa área não fugiu da regra. Pouco tempo depois, já havia favelas ocupando o espaço em torno da Avenida Brasil. Como foi visto antes, a moradia próxima ao trabalho é um dos principais fatores que precisam ser evidenciados no processo de produção do espaço. (ABREU, 2013) Para dar continuidade ao debate, Torres estabelece uma distinção importante:

Os subúrbios da Avenida Brasil não possuem um desenvolvimento “clássico”, segundo a literatura consultada. Como já destacado, o trajeto da Avenida não adentrava uma área densa ou habitada, distinguindo-se, portanto, dos subúrbios já formalmente estabelecidos na antiga capital federal, que seguiam o caminho da linha férrea. A ocupação e o povoamento do entorno da Avenida Brasil trarão nova dinâmica na produção da cidade. (TORRES, 2018, p. 294)

Todo o debate realizado até o momento se resume ao analisar da Tabela 4, essa permite a observação através de números de como se deu a ocupação da cidade do Rio de Janeiro de 1960 até 2010 pela população, percebemos que ao longo dos anos que as zonas norte e oeste crescem exponencialmente, enquanto o centro e a zona sul têm uma redução da sua população total.

Tabela 8: Distribuição da População no município do Rio de Janeiro - 1960-2010

POPULAÇÃO	1960	%	1991	%	2000	%	2010	%
TOTAL	3.300.431	100,0	5.480.768	100,0	5.857.904	100,0	6.320.446	100,0
Varição	---	---	+ 2.180.337	+ 66,1	+ 377.136	+ 6,9	+ 462.542	+ 7,9
CENTRAL-SUL	1.212.223	37,0	1.340.462	24,4	1.265.758	21,6	1.307.146	20,7
Varição	---	---	+ 128.239	+ 10,6	- 74.704	- 5,6	+ 41.388	+ 3,3
NORTE	1.816.086	55,0	2.848.130	52,0	3.035.641	51,8	3.308.527	52,3
Varição	---	---	+ 1.032.044	+ 56,8	+ 187.511	+ 6,6	+ 272.886	+ 9,0
OESTE	272.122	8,0	1.292.176	23,6	1.556.505	26,6	1.704.773	27,0
Varição	---	---	+ 1.020.054	+ 374,9	+ 264.329	+ 20,5	+ 148.268	+ 9,5

Fonte: Abreu, 2013 apud Tavares, 2016, p. 211

No documentário do Subúrbio em Transe intitulado Alma Suburbana (2007) um dos entrevistados profere uma clássica frase que é muito reproduzida entre os moradores: “o melhor do subúrbio é o suburbano”. Dito isso, há um leque cultural que se construiu através dos tempos nos subúrbios, a própria concepção do conceito de Subúrbio Carioca é diferenciada e está para além da visão conceitual clássica.

3.

Aproximações teóricas e práticas sobre a Geografia e os movimentos populares em favelas

Neste momento se inicia uma reflexão fundamental para compreender estruturalmente os movimentos sociais, suas formas de organização, projetos que desenvolvem, os espaços que produzem e os territórios que dominam. Desse modo, o desafio é elaborar uma análise que leva em conta a dinâmica social e a produção do espaço como processos que se articulam e promovem um novo tipo de apropriação espacial, esse suporte de entendimento servirá de referências para construções teóricas dos movimentos sociais como categoria da geografia (FERNANDES, 2015).

Assim, a partir da participação ativa de pesquisadora no movimento social, surgem questões para utilizar a geografia como uma ferramenta potente para a discussão de apropriações espaciais. Associado a isto, a favela é um espaço favorável à construção desta teoria pois possibilita pensar em insurgências espaciais. Como já foi dito, esta leitura dos movimentos sociais parte de uma investigação militante, que pretende analisar os fatos através de uma pesquisa-ação.

Perante o exposto, a discussão do conceito de movimento social parte do princípio de que são grupos de pessoas organizadas que buscam discutir projetos de vida que assegurem uma melhor existência dentro de um determinado espaço-tempo, garantindo uma transformação de baixo para cima e assegurando uma mudança que seja de fato necessária para um determinado grupo.

Primeiro, é fundamental reconhecer o caráter heterogêneo dos diferentes movimentos sociais, não há um padrão organizacional a ser seguido e nem uma perspectiva única de luta. Santos (2011) busca definir os movimentos sociais, e afirma que “os movimentos nada mais são do que uma forma de ação social, estruturados sobre pactos possíveis através da difusão e solidificação de culturas cívicas e políticas.” (SANTOS, 2011, p. 20) Já Bartholl traz uma reflexão importante a respeito do conceito, para esse autor, de movimentos sociais, “são iniciativas que permitem refletir sobre as relações entre múltiplas formas de resistência e como estas entram em jogo na constituição de territórios-de-resistência-rede nos quais estes grupos se inserem e que são construídos por eles.” (BARTHOLL, 2018, pág. 80). Complementando essa ideia, Campos diz que

“é movimento para alguém (ação) – ou para alguma “coisa” (atividade). Não há sentido pensá-lo por si mesmo, visto que apesar de existir fora da nossa vontade, a sociedade é que lhe dá validade.” (CAMPOS, 2014, pág. 49).

Os movimentos atuais estão promovendo um novo padrão de organização do espaço geográfico, onde surgem novas práticas e relações sociais. A terra não é considerada estritamente economicista apenas como um meio de produção, superando uma concepção estritamente economicista. O território é o espaço em que se constrói coletivamente uma nova organização social, onde os novos sujeitos se instituem, instituindo seu espaço, apropriando-se dele material e simbolicamente. (ZIBECHI, 2020, pág. 106)

Entender todo esse aporte teórico é muito importante para o fortalecimento dos movimentos sociais e de suas lutas, pois muitas vezes eles “são subestimados como meras tentativas reformistas de lidar com questões específicas” (HARVEY, 2014, pág.17). Para complementar essa crítica, Harvey complementa que “boa parte da esquerda tradicional tem dificuldade de apreender o potencial revolucionário dos movimentos sociais urbanos” (HARVEY, 2014, pág. 17). Porém, há aqueles que estão lutando através do próprio cotidiano e precisam ser notados e reverenciados pela sua existência.

Para dialogar sobre o papel dos movimentos sociais Porto-Gonçalves (1998) afirma que sua principal função é “constituir novas afinidades, novas identidades, novos espaços em comum, novas comunidades de destino, novas territorialidades. E agora, sem dúvida, não mais 'por cima', pelos 'de cima' e para os 'de cima'”. Porto-Gonçalves (1998) também salienta a importância do processo da globalização para o entendimento das relações, a partir disso ele afirma que “tem possibilitado a esses sujeitos sociais a oportunidade de tornarem visíveis suas reivindicações, ensejando assim a emergência de uma sociedade civil organizada que, por sua vez, no lugar do esvaziamento do Estado clama por sua democratização como instância reguladora dos conflitos.”. Para continuar o entendimento sobre a relação do processo de globalização e da ação dos movimentos sociais, Porto-Gonçalves diz que:

Todos esses movimentos clamam por um estado democrático que os incorpore como interlocutores qualificados e, na sua prática, apontam concretamente que ele deve necessariamente

estar articulado a dinâmica da sociedade global. Excluí-los da análise, como o fazem aqueles que enfatizam o caráter excludente do processo de globalização, já e de antemão excluídos do debate. E negar-lhes o que mais buscam, isto é, o direito de falar, de propor sua visão da di-visão da realidade social, enfim, o direito de cidadania. (PORTO-GONÇALVES, 1998, p. 29)

Entendemos aqui que a “era da globalização vem promovendo, então, a convergência dos olhares sobre os movimentos sociais e a afirmação do espaço enquanto dimensão fundamental da experiência social.” (SANTOS, 2011). Esse entendimento sobre o fenômeno da globalização relacionado ao fazer dos movimentos precisa ser enfatizado na medida que há uma ampliação da atuação desses grupos sociais exigindo a participação e a inserção no processo de globalização que se mostra ainda mais excludente aos sujeitos pobres e suas pautas políticas.

Massey (2008) ressalta que a construção do sentido de lugar se relaciona ao pertencimento a uma comunidade local. Entretanto, a globalização determina a maneira como compreendemos o lugar, há uma influência do processo de globalização que se materializa no lugar por meio do acesso à tecnologia da informação. Aliado a isso, há uma estratégia do capital de determinar nossa compreensão e experiência sobre o espaço, desse modo, entendemos haver uma notória estratégia de apagar o sentido de lugar (MASSEY, 2008). Se há um interesse do capital em apagar determinados sentidos, é porque, por outro lado, existem tensões que acabam por desestabilizar a ordem hegemônica. A partir disso, entende-se as cidades enquanto arenas de disputa, “no sentido que por mais que sejam templos de desigualdade, de expulsão e de violência, são também palcos de lutas urbanas.” (SILVA, 2013, p. 80)

Neste contexto se vivencia a consolidação de uma nítida tentativa de homogeneização dos lugares, por isso, identificar a singularidade dos lugares frente à globalização, se torna um princípio estimulador da ação dos movimentos sociais, pois, estes reconhecem que processos globais influenciam nas dinâmicas locais, isso acaba por interferir no pertencimento, memória e no cotidiano de um determinado contexto social (MASSEY, 2008). Portanto, na busca em compreender o sentido global do lugar Doreen Massey (2008), não deixa de destacar a importância da busca do sentido de lugar a partir das experiências locais.

À vista disto, é no seio da sociedade moderna e globalizada que se estruturam “um conjunto de movimentos sociais e instituições do terceiro setor que movimentam milhares de moradores, seja em torno de projetos educacionais, culturais, políticos, esportivos ou outros, seja em torno de ações políticas reivindicatórias.” (FRANCO, 2016, p. 61) Os movimentos, articulações e mobilizações sociais são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão a partir da realidade de um espaço segregado, que no caso dessa pesquisa, a favela.

Contudo, independente da forte estigmatização socioespacial, a favela também é marcada por características que a colocam em contradição com a ideologia dominante, demonstrando que ela não existe apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na auto-organização popular. Assim, é preciso considerar a vida na favela e suas demandas, pois é a partir do cotidiano que surgem possibilidades de inventar no presente condições criativas para viver o hoje e o amanhã.

produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época. O cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tão pouco a atos isolados, isto porque no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades. (CARLOS, 1996, p. 81).

Siniscalchi diz que “é na vida cotidiana que a produção-reprodução do espaço ganha concretude, torna-se vital para a pesquisa geográfica analisar as práticas espaciais e os sujeitos da ação social através da problemática do cotidiano.” (SINISCALCHI, 2020, p. 48). Sendo assim, no próximo tópico será introduzida com maior robustez uma forma de organização popular que acontece em uma favela na zona norte do Rio de Janeiro e que expressa empiricamente o que pretendemos discutir: as dinâmicas organizacionais que emergem do cotidiano amparado pelo desenvolvimento desigual como anomalia estruturante.

3.1

O surgimento e atuação do Coletivo COE

Ana Clara Torres Ribeiro (2005) a quem me inspiro para escrever este tópico, diz que a busca do sentido da vida orienta ação social que ocorre em um

território usado (RIBEIRO, 2013). Essa reflexão parte da possibilidade da existência do sujeito corporificado, sangue carne e cultura (RIBEIRO, 2005), este sujeito que é incorporado de direitos, passa a ser uma realidade distante para muitos moradores de favelas que tem o exercício da cidadania previsto e garantido por lei, porém não alcançam tal concretização no cotidiano (RIBEIRO, 2013). Como pensar em alternativas para se levar uma vida boa em uma vida ruim? (BUTLER, 2012)

Os homens lentos (SANTOS, 1997) estão em constante ato de desvendar os recursos indispensáveis à vida, sendo assim, são inventores natos de soluções para as adversidades (RIBEIRO, 2005). Assim, quando penso em uma abertura para uma outra forma de organização do ambiente urbano, não se pode descartar os projetos e imaginários que são produzidos por sujeitos coletivos que são multifacetados, plurais e precisam ser protagonistas da reforma urbana. A reforma urbana apenas será democrática e progressista quando ela possuir alianças interclassistas, transescalaridade e a participação popular (RIBEIRO, 2003).

A vista disso, existe um perigo eminente em tentar entender o todo sem um conhecimento prévio das partes, isso reproduz os erros passados que reforçam as hierarquias e fragmentações no urbano. Portanto, existe uma urgência de evidenciar os sujeitos que estão ativos na luta pela produção de espaços que tenham vínculo com o passado, com as raízes, demandas populares, produzindo uma lógica diferente de compreender os processos, pois, muitas vezes, o Ministério das cidades e o estatuto das cidades tem uma carência de um imaginário urbano que seja realmente solidário criador inventor. (RIBEIRO, 2003)

Por outro lado, os movimentos sociais têm a característica de estar junto com a população local e ter um diálogo aberto e franco a partir da cooperação, buscando um direito à cidade através do enraizamento, dos projetos próprios e tornando esses em símbolos libertários, sendo o direito à cidade “o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade.” além de ser “um direito comum antes de individual.” (HARVEY, 2012)

Há, entretanto, movimentos sociais urbanos procurando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento. (HARVEY, 2012, pág. 82)

Esta discussão teórica busca introduzir o Coletivo COÉ – Conscientizar, Organizar e Educar³¹, a partir de uma ciência feita a partir da subjetividade do analista em conjunto com este movimento social que atua desde 2006 através da promoção da leitura, da arte e da educação. Sua sede é a Biblioteca Paulo Freire, que está localizada na Favela do Final Feliz, popularmente compreendida como parte do “Complexo do Chapadão”, porém, segundo o IPP esta pertence ao Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança. Portanto, essa troca gera uma hibridização socialmente necessária entre saberes e práticas sociais, assim, permitindo valorizar e aprender com as experiências dos muitos outros.

Estamos diante de uma necessária alteração de paradigma científico – sair das sínteses para a complexidade – produção de teoria social e geográfica ao alterar a metodologia entender os sentidos, dialogar com o outro – o outro como sujeito por meio de novas maneiras de fazer a pesquisa de campo, o trabalho analítico e as formas de expressão do conhecimento (SILVA, 2012, p. 14)

A cartografia da ação entendida como instrumento metodológico potente para evidenciar as descobertas e mazelas do cotidiano dos subalternos, daqueles que habitam e produzem o território usado, a instrumentalização aumenta a oportunidade de fala de muitos (RIBEIRO, 2003). Porém essa cartografia não precisa estar necessariamente em mapas, podendo estar expressa na linguagem que serve como um instrumento para explanar as miudezas do cotidiano a partir do reconhecimento da ação do sujeito social. O trabalho desenvolvido pelo Coletivo compreende:

- 1) Idealização e administração, desde 2006, da Biblioteca Paulo Freire com sede própria situada na Rua Javatá, no 1242, Anchieta, especificamente na Favela do Final Feliz.
- 2) Administração da biblioteca Carolina de Jesus que pertence a um consórcio formado pelo Comitê Elos de Bibliotecas e a ONG SOMA. Em 2018 foi feito um convite pelo Comitê Elos a supervisionar a conclusão das obras e a administrar o espaço.

³¹ O nome COE vem da expressão popular muito conhecida entre os cariocas “qual é”, e muito utilizada dentro da favela para cumprimentar conhecidos despretensiosamente.

- 3) No período de 2018/2019, o coletivo foi gestor da Tricicloteca Cultural Abdias Nascimento selecionada pelo Rumos Itaú Cultural. A tricicloteca trata-se de um Centro cultural sobre um triciclo pedalável, que circula a comunidade levando literatura, cinema e artes visuais aos becos e vielas, produzindo pequenos eventos com palestras e oficinas nas escolas, na Clínica da Família, nas ruas e praças dos bairros e em eventos fora da comunidade.
- 4) Organização da Festa Literária do Complexo do Chapadão (FLICC) que já possui três edições, com intuito de democratizar o acesso a arte, literatura e cultura. Além de promover comemorações tradicionais da cultura nacional: Festa junina, festa da primavera, Ceia de Natal com a participação da comunidade.
- 5) No período de pandemia do COVID-19, houve a distribuição de cerca de seis toneladas e meia de alimentos e produtos de limpeza para as famílias do território com o apoio da Ação da Cidadania, da Agência de Redes para a Juventude, do Comitê Elos de Biblioteca e de professores da Rede Municipal e Estadual que sempre nos oferecem aportes individuais.
- 6) Construção do Quintal Escola Chico Mendes projeto agroecológico que está localizado no mesmo endereço da biblioteca Paulo Freire, logo, é o quintal (uma extensão) do espaço da biblioteca.
- 7) Projeto COE UERJ que visa incentivar e orientar jovens a fazerem faculdade numa universidade pública. Este projeto teve início, em 2010 e já conta com pouco mais de 30 aprovados nos vestibulares do Rio.

Atualmente, o coletivo possui sete membros fixos que são responsáveis por promover e efetuar os projetos que serão desenvolvidos. O que as sete pessoas do coletivo têm em comum é o fato de serem moradoras das redondezas e ter algum vínculo com a universidade, sendo assim, o coletivo conta com um mestre em História da Educação, formado em Filosofia, uma Pedagoga e graduanda em história, eu participo como geógrafa, um graduando em artes visuais, e três graduandos em Pedagogia.

O coletivo foi construído por uma família moradora da favela, sendo que Jocemir e Clara (pai e filha) assumem a posição de centralidade nas tomadas de

decisões e na discussão de projetos. Jocemir Reis³² é líder e fundador do Coletivo COE e referência na luta pela democratização da educação. Ele tem como grande ferramenta de inclusão o incentivo à literatura para ajudar na formação e informação de quem vive no conjunto de favelas do Chapadão, foi reconhecido por realizar a Biblioteca Comunitária Paulo Freire, na Pavuna.

O Coletivo COE se enquadra como um movimento socioterritorial, segundo Fernandes (2012), pois esses têm o território como essencial para a sua existência. A partir dessa premissa, a importância territorial se torna essencial para tratarem seus interesses e assim planejarem seu próprio espaço (FERNANDES, 2012). Além de ser também um movimento socioterritorial isolado, pois tem a sua atuação restrita a uma microrregião. Para ilustrar a questão apresentada, o autor aponta que:

Movimentos (socioterritoriais) isolados são aqueles que atuam em uma determinada microrregião ou num espaço geográfico equivalente. Consideramos esses movimentos como isolados não por estarem sem contato com outras instituições, mas sim por atuarem um espaço geográfico restrito. Os movimentos (socioterritoriais) territorializados são aqueles que atuam em diversas macrorregiões e formam uma rede de relações com estratégias políticas que promovem e fomentam a sua territorialização. Todos os movimentos territorializados começam como movimentos isolados. Estes ao se territorializarem e romperem com a escala local, se organizam em redes e ampliam suas ações e dimensionam seus espaços. (FERNANDES, 2012, p. 32)

O coletivo está alinhado com o pensamento da Educação Popular de Paulo Freire³³ os seus escritos e ensinamentos são base para a formulação das ações. Busca-se pensar que, de fato, a educação tem a tarefa de ser libertadora na medida em que almeja retirar a verdade do opressor que reside na consciência do oprimido (FREIRE, 1996). Quando Zibechi fala sobre as três correntes político-sociais que são mais relevantes na atualidade para o direcionamento das práticas

³²Doutorando em Educação pela USP, Filósofo e produtor cultural, além disso, Jocemir foi o ganhador do Prêmio Extraordinário 2014, na categoria Educação. O prêmio reconhece ações que têm como objetivo a melhoria da sociedade. Fonte: Ganhadores do Prêmio Extraordinários comemoram reconhecimento de projetos sociais (globo.com)

³³ A educação popular de Paulo Freire tem como concepção a educação libertadora e é feita com o povo e para o povo, com os oprimidos ou com as classes populares. (FREIRE, 1996)

de resistência dos movimentos sociais, a Educação Popular de Paulo Freire se apresenta logo como a primeira:

A primeira está relacionada ao papel da educação popular, que em outros textos do mesmo período tentei destacar. Com efeito, a pedagogia de Paulo Freire esteve presente em todos os movimentos populares desde a década de 1980, contribuindo para um melhor relacionamento dos ativistas com os setores populares. Mediante as técnicas da educação popular, camponeses e moradores das periferias urbanas, assim como estabelecer laços de confiança e horizontalidade de conhecimentos. As formas de educação popular têm se convertido numa prática corrente na vida cotidiana de muitos movimentos, em particular os urbanos e camponeses. (ZIBECHI, 2016, pág. 45)

O COE encara a educação como um dos seus principais objetivos, e pretende entender a favela como um espaço para a produção de conhecimentos. Em diálogo com Jocemir, que é líder comunitário, morador da localidade há 48 anos e fundador do Coletivo COE, questionado através de um edital realizado pela FioCruz no ano de 2021 sobre a necessidade de fundar o Coletivo COE, a resposta se encontra a seguir:

As atividades do Coletivo tiveram início motivadas pela grave situação sócio-político-econômico-cultural que atravessam o país desde fins dos anos de 1990, data na qual a paisagem da região passou de aspectos rurais para as então “comunidades”, “favelas” formadas por famílias que sofreram com os muitos higienismos que ocorreram no centro do Rio de Janeiro produzidos por sucessivos governos municipais. Contudo, foi com a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Complexo do Alemão que tivemos os nossos índices de desenvolvimento humanos mais agravados, chegando ser o mais baixo do município conforme o IBGE. De acordo com o Unicef, o Complexo do Chapadão, é a região no referido município, que apresenta um dos maiores índices de evasão escolar por adesão ao crime organizado e gravidez na adolescência. Sem espaços culturais, áreas de lazer, cursos profissionalizantes, a oferta que se apresenta com maior

frequência e intensidade de trabalho e lazer são respectivamente, o crime organizado e os bailes funks. Levando em conta que o referido território está dentro da área de atuação do Batalhão 41 de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, conhecido nas páginas dos jornais como um dos batalhões mais violento do Estado, segundo a Anistia Internacional, este território é também, marcado por altos índices de mortes em “auto de resistência” de jovens negros. É justamente neste cenário que o coletivo COÉ constituído por um grupo de Jovens estudantes universitários vem atuando de forma incisiva por meio da conscientização e na luta contra a violência física, violência de abandono, violência simbólica e todo o tipo de discriminação, como a LGBTfobia, o racismo, o etarismo, o sexismo. Enfim, neste sentido nos colocamos com a missão de resgatar nossos valores por meio da memória, do pertencimento, da educação formal e não formal de alta qualidade, da cultura hegemônica e periférica e, da arte, buscando cada dia nos conscientizarmos, organizarmos e educarmos. Nos colocamos nessa luta, que muitos pensadores chamam atualmente de "Guerra de classes", como um grão de areia na imensidão de um mar de problemas. Estamos aqui como diria Antônio Gramsci, como intelectuais orgânicos, sabendo de onde viemos (pertencemos) e para onde podemos ir se nos organizarmos como trabalhadores, estudantes e cidadãos, sujeitos de direito, éticos e cognoscentes. Atuamos em nossa comunidade desde 2006 como uma espécie de respiro para muitos jovens, para muitas famílias. Operando na promoção da cultura, na produção e divulgação das artes visuais, do Hip-hop raiz, na valorização da leitura e no incentivo aos sujeitos (jovens e adultos) que querem ingressar numa Universidade Pública para cursar uma faculdade. Atuamos em diversas frentes para combater as mazelas produzidas pelo capitalismo, e pela ausência do poder público em nosso território. Construímos parcerias, espaços para diálogos visando sempre à promoção do engajamento social, da valorização da memória e do pertencimento dos sujeitos e das famílias do nosso território. Durante nossa trajetória realizamos as rodas de conversas em datas comemorativas como é o caso do dia dos trabalhadores e aproveitamos o simbolismo da palavra para também dialogar com a comunidade no dia da Independência.

Realizamos oficinas e cursos diversos, e abrimos anualmente o grupo de estudos para aqueles que queiram fazer faculdade. O simples fato de jovens moradores organizarem uma biblioteca no interior de uma favela, já é uma ação de enfrentamento dos problemas citados, ação esta, que opera exatamente na lacuna/vacância deixada pelo poder público. Tendo em vista a história de engajamento que construímos junto à comunidade, pois já fazem quatorze anos de atuação da Biblioteca Paulo Freire no Complexo do Chapadão, é sempre possível encontrar amparo dos moradores, do comércio e das igrejas para dar início em ações como a colocação de geladeiras repletas de livros em espaços como bares e praças. Ou simplesmente, cuidar de uma praça que vai receber a "Geladeiroteca" (informação verbal)³⁴

A fala do líder comunitário demonstra a importância do território usado (RIBEIRO, 2012)³⁵ para tratar interesses coletivos e assim planejar o próprio espaço. Porém, nem sempre o Coletivo COE consegue ter sucesso no seu plano de atividades e na execução de seus objetivos. Em uma reunião realizada no início do ano letivo de 2023, o Coletivo apontou seus pontos fortes, oportunidades, fraquezas e ameaças, como podemos visualizar na Figura 8. À vista disso, percebe-se o quanto a falta de verba para execução dos projetos e o mercado de trabalho (vida profissional) influenciam na dinâmica de organização do grupo.

O grupo se organiza através de reuniões que variam, podendo ser quinzenais ou mensais, dependendo do tipo de projeto em curso. Quando o grupo possui verba de algum edital público os encontros acabam sendo mais recorrentes, pois existe um cronograma de atividades que precisa ser cumprido dentro de um determinado prazo. As ações do coletivo são de longa duração (exemplo: Biblioteca Comunitária Paulo Freire e o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes) e de curta duração (por exemplo: Festa Literária do Complexo do Chapadão).

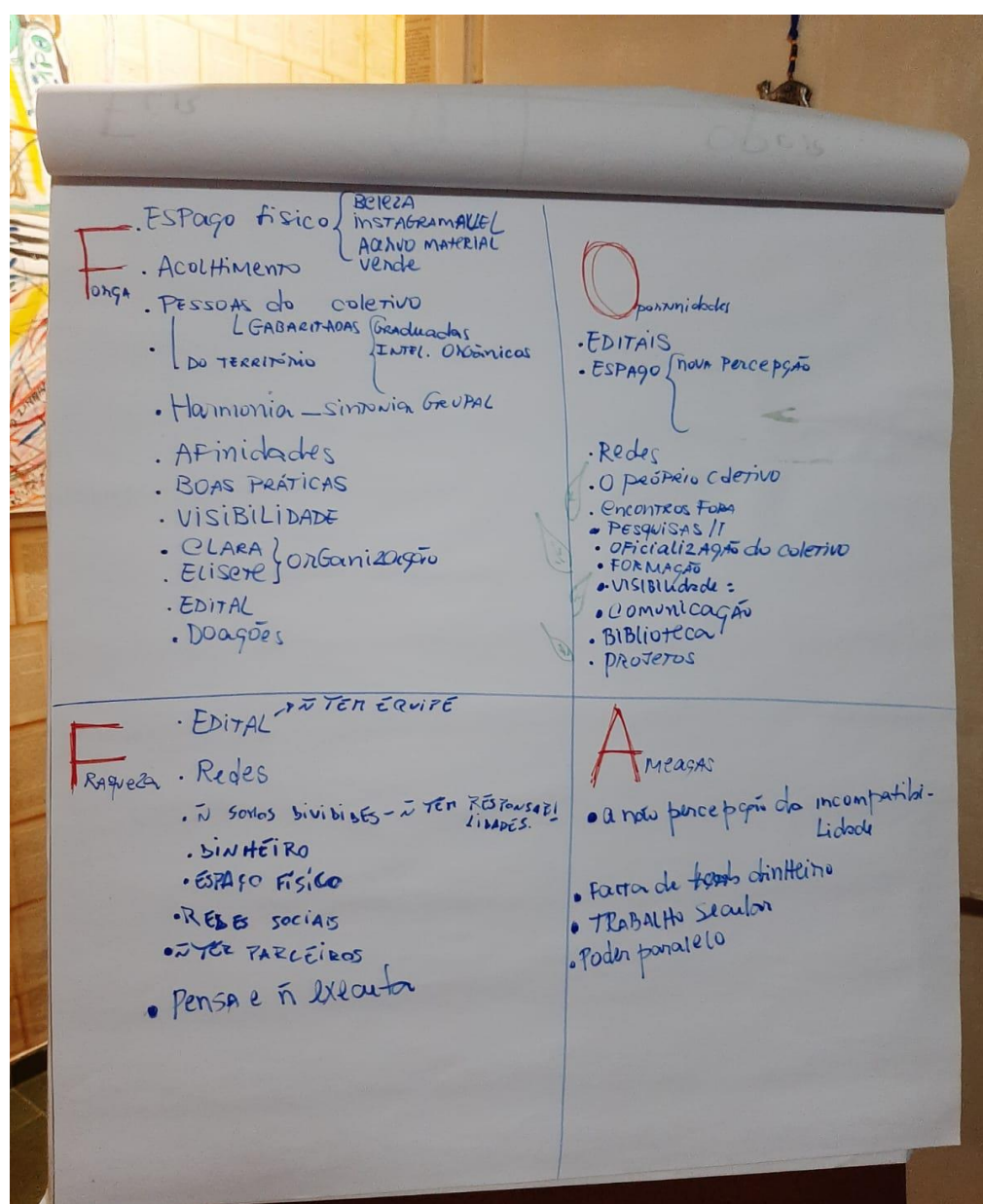
Percebe-se que um dos pontos fortes apontados pelo coletivo é que o Grupo é formado por pessoas que moram no território. Este ponto foi apreciado por todos

³⁴ Fala de Jocemir Reis dirigida a FIOCRUZ em agosto de 2021.

³⁵ "O território usado aproxima-se teoricamente do espaço banal, o espaço que é de todos e de todas as práticas, incluindo as solidariedades e o agir comunicativo. Com o conceito de território usado, Milton Santos procura reinscrever o território na problemática relacional do espaço, que não se submete a uma única dimensão da vida coletiva. Porque o espaço é relacional, vida de relações, a referência exclusiva ao território reduz a riqueza da problemática do espaço, colaborando para que ocorra, também, a redução dos sentidos da ação. Em vez da incerteza que demarca a problemática da ação social, que pode ser espontânea e dirigida à defesa de valores culturais, tem-se a difusão de uma ação estratégica num espaço vazio de relações." (RIBEIRO, 2012, p.64)

os integrantes do Coletivo, pois existe um grupo que compreende as necessidades espaciais, conhece as pessoas internas e sabe lidar com as adversidades territoriais. Quando a análise se direciona a entender as ameaças percebe-se que o poder do tráfico de drogas acaba sendo um limitador para algumas ações. Por exemplo, no primeiro dia da III FLICC houve uma operação policial no conjunto de favelas, o que impossibilitou a presença de alguns monitores que nos auxiliariam na execução da festa.

Figura 8: Mapa do Coletivo COE para detectar a Força, Oportunidade, Ameaça e Fraqueza.



Fonte: Luzente, 2023

Por isso, é importante levar em conta a análise espacial para compreender a ação dos movimentos sociais, pois essas estão espacializadas e operam de acordo com as definições e limitações territoriais. A análise da figura 8 possibilita compreender o Espaço como aberto, promotor do encontro da multiplicidade de trajetórias e relacional (MASSEY, 2004). A favela a partir disso se torna um território favorável à construção de conhecimento para pensar sua própria insurgência espacial (BARTHOLL, 2018). A partir disso, a geografia é ferramenta fundamental para compreender os processos espaciais e suas múltiplas dimensões, resgatando espacialidades invisibilizadas, cooperando para a transformação social.

Conscientizar, Educar e Organizar: preceitos para a produção espacial insurgente

Este, talvez, seja o capítulo mais difícil de ser escrito, pois tentarei ser bastante sucinta em relação a minha trajetória de pesquisadora e militante ao longo desses dois últimos anos de mestrado. Quando me propus a escrever esta parte fiquei um longo tempo pensando e tentando entender os aspectos que seriam de fato relevantes estarem aqui. Ao longo desses dois anos de envolvimento com o COLETIVO COE, observei, atuei e dialoguei com inúmeras pessoas que certamente me ajudaram a construir cada linha deste capítulo, sem as pessoas nenhuma teoria social crítica seria possível e necessária. Imersa na pesquisa militante e ao mesmo tempo aluna do mestrado pude associar minha visão de geógrafa e entender os processos com maior rigidez analítica.

Foi bastante difícil selecionar a ação que gostaria de retratar sem necessariamente realizar uma hierarquização de grau de relevância, pois, de fato entendo que todas as ações são de alguma forma geográficas e relevantes para o rompimento de um cotidiano programado (HELLER, 2016). Porém, fazer escolhas também é função do pesquisador atento em compreender suas demandas de pesquisa, por isso, escolhi uma festa que é uma ação momentânea e o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes que é uma ação duradora, então ambas têm características diferentes, sendo importantes em diferentes níveis.

Hoje o que se vive é um caos sistêmico do Estado que acaba sendo o principal violador dos direitos humanos dos sujeitos favelados. As ações expostas nos próximos tópicos demonstram que é possível viver e produzir o espaço de outra maneira, sendo assim, as pessoas engajadas são capazes de através das suas utopias³⁶ criar territórios em resistência, (r)existindo à guerra e às ausências. Dessa forma, surgem dois questionamentos que serão respondidos ao longo da construção teórica, sendo eles:

³⁶Utopia é o desejo de se viver ou de ser melhor e isto é inerente à condição humana, (...) enxergar a utopia como desejo, enquanto prática, de uma sociedade melhor (...) utopia passa a ser não apenas a idealização, mas o fazer de um mundo de outra maneira (TEIXEIRA, 2016, pág. 261).

- a. A ação do Coletivo COE pode transcender a escala a nível local (Favela do Final Feliz), por consequência, atingir outros espaços da cidade do Rio de Janeiro?
- b. A escala da ação do Coletivo COÉ é capaz de desconstruir estigmas espaciais³⁷ associados aos sujeitos favelados?

4.1

A Festa Literária do Complexo do Chapadão

A Festa Literária do Complexo do Chapadão - FLICC³⁸, é um evento realizado pelo Coletivo Conscientizar, Organizar e Educar - COE, no interior e no entorno do Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança, na zona norte, situado na AP3, no Bairro de Anchieta. A FLICC 2022 foi a terceira edição do evento, os anteriores ocorreram em 2016 e 2018, sendo a de 2022 de maior magnitude pois circulou por escolas e espaços culturais e teve sua culminância na Biblioteca Paulo Freire nos dias 7 e 8 de outubro.

A sua terceira³⁹ edição contou com o apoio do Foca – Fomento à Cultura Carioca.⁴⁰ A referida festa celebra a literatura, os encontros, afetos, a memória e a arte. Pode-se afirmar que tal festa promove, produz e divulga a cultura periférica abrangendo o teatro, as artes visuais, a música clássica, o rap, as rodas de conversa e os ciclos de debates. A FLICC é uma festa literária, artística e cultural, aos moldes das grandes festas literárias nacionais, além de ser gratuita, não havendo cobranças de ingressos, e todas as atividades são abertas ao grande público.

³⁷Campos (2005) afirma que existe um estigma que reverbera em um sentimento de desconfiança em relação ao povo favelado, a partir disso, cria uma inabilidade para aceitação social. Em suas palavras: “a sociedade vem transformando a vítima em culpada através da marginalização econômica e social criminalizando seus espaços moradia” (CAMPOS, 2005, p. 24)

³⁸Cabe destacar que segundo o IPP, a favela em que se localiza a biblioteca Paulo Freire não está localizada no Complexo do Chapadão, porém devido a proximidade geográfica e pela popularidade desse espaço, os moradores acabam por denominar todo o conjunto de favelas que existe nos bairros de costa barros, Anchieta, Pavuna, Ricardo de Albuquerque de complexo do chapadão. Isso está relacionado ao que já discutimos em outro tópico, a visão do sobrevoo da mídia que sempre retrata essas favelas como complexo do chapadão.

³⁹ Neste capítulo o foco será na terceira edição, pois, nesta pude me envolver ativamente enquanto componente do grupo.

⁴⁰O Programa de Fomento Carioca – Foca consiste no apoio financeiro a projetos culturais a serem realizados na cidade do Rio de Janeiro, no total de R\$ 20 milhões, através de duas linhas de ação. Na Linha 1 serão selecionadas 184 propostas em 12 categorias: teatro, circo, artes visuais, arte antirracista, produções LGBTI+, artes urbana e pública, cultura popular, música, literatura, infância, dança e pesquisa & inovação. Já a Linha 2 fomentará as relações entre cultura e território, potencializando a cena artística em regiões populares da cidade.

A terceira edição da supracitada festa teve por mote fundamental a Agenda Rio 2030 e homenageou Lélia Gonzalez, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade. A produção da Festa Literária do Complexo do Chapadão dividiu-se em 3 etapas, sendo de pré-produção, produção e pós-produção. Na primeira etapa foram realizadas reuniões internas do Coletivo, contato com as instituições que receberam as atividades, contato com os artistas e escritores convidados, contratação de equipe, compra de material, preparação do material de divulgação e montagem das exposições. Na etapa seguinte foi realizada a ornamentação da Biblioteca Paulo Freire, abertura da FLICC com atividades nos aparelhos culturais e escolas da região e culminância da Festa na Biblioteca Paulo Freire. Por fim, a etapa de pós-produção foi composta pela prestação de contas.

A terceira edição da Festa Literária do Complexo do Chapadão aconteceu entre os dias 14 de setembro e 8 de outubro de 2022. Entre abril e setembro de 2022 o Coletivo COE realizou 12 reuniões gerais com o objetivo de planejar e acompanhar as execuções da Festa. Durante o mês de maio foi realizado o contato com as instituições culturais e escolares que receberam atividades, contato com cerca de 75 pessoas convidadas e contratação das pessoas que compuseram a equipe de trabalho. Nos dias 14 e 15 de setembro, respectivamente, uma oficina na Escola Municipal Hildegardo de Noronha e um workshop na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra. Em outubro, no dia 1º foi realizada uma oficina na Escola Municipal Zilda Nunes da Costa.

Diante disso, compreendendo a cidade enquanto arena de disputa espacial e ideológica, festas que promovam arte e cultura se tornam alternativas criativas e fortes na disputa pelas narrativas sociais. A fim de promover encontros e fortalecer a economia local, durante os dois dias de atividade na Biblioteca Paulo Freire, foi montada uma feira na rua com venda de doces, salgados, roupas, bijuterias e bolsas. Todas as pessoas que participaram da feira são moradores da Favela do Final Feliz e do entorno. Clara, que é filha de Jocemir e uma das organizadoras da festa, considera que:

Com a biblioteca, eu acredito no benefício de o jovem poder ter acesso ao livro, e a festa literária eu acho que é um benefício pra todo mundo que participa dessa festa belíssima, com música, apresentações teatrais, expressões, rodas de conversa e tem de tudo. Tanto da cultura periférica, como da cultura

hegemônica. Ocupar esse espaço traz benefícios a todas as pessoas envolvidas, não só os jovens (informação verbal)⁴¹

Figura 9: Lona para receber a FLICC na Rua



Fonte: Luzente, 2022.

Figura 10: Visitante lendo um livro na Biblioteca Paulo Freire durante a III FLICC



⁴¹ Fala de Clara Sabino dirigida ao site Lupa do bem em 11 de outubro de 2021.

Fonte: Luzente, 2022.

Figura 11: Quadros feitos por ALBARTE sobre o cotidiano no Complexo do Chapadão expostos durante a III FLICC



Fonte: Luzente, 2022.

Figura 12: Oficina de Colagem Criativa (Zine)



Fonte: Luzente, 2022.

A FLICC objetivou realizar uma grande festa carioca da cultura periférica, para isto, estava entre seus objetivos específicos:

1. Debater sobre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, de modo a vasculhar suas entranhas, identificar problemas e soluções coletivas para o desenvolvimento sustentável da favela;
2. Comemoramos os 101 anos de Paulo Freire;
3. Promovemos encontros, palestras, rodas de conversas e oficinas que ponham em destaque produções artísticas culturais e intelectuais da juventude artística e literária;
4. Através do ato de quilombolizar e fortalecimento da cultura da favela e dos guetos do Complexo do Chapadão, contamos com a presença de artistas locais;
5. Ocupamos a Lona Cultural municipal Terra, a Arena Carioca Jovelina Pérola Negra e algumas escolas da rede municipal e estadual;
6. Realizamos transmissões ao vivo para as redes sociais do Coletivo COE, sendo algumas delas com áudio descrição e interpretação em Libras;
7. Possibilitamos ao público de pessoas com deficiência visual contato tátil na exposição de esculturas e sua instalação;
8. Envolvemos e treinamos seis jovens do Conjunto de Favelas para atuarem como monitores durante os dias de atividade na Biblioteca Paulo Freire e oferecê-los uma ajuda de custo para este fim.

Além destes objetivos, foi proposto como meta de público atingir, direta e indiretamente, cerca de 4 mil pessoas⁴² durante todas as atividades do evento. Porém é possível apontar que a FLICC alcançou, direta e indiretamente, cerca de 2 mil pessoas. Dentre essas, cabe ressaltar a presença de Timo Bartholl e Raúl Zibetch, que são dois autores importantes para a construção teórica sobre os movimentos sociais e da pesquisa-ação, além de serem referências para construção desta dissertação.

⁴² Estimativa de público: A estimativa feita pelo Coletivo foi de atingir, direta e indiretamente, cerca de 4 mil a 4.500 pessoas durante todas as atividades do evento. Como forma de alcançar esta meta, foram realizadas diversas divulgações da Festa nas redes sociais do Coletivo e de seus integrantes, uso de faixas e carro de som dentro do Complexo do Chapadão, além de um circuito de atividades em escolas e na Arena Jovelina. Através destas divulgações foi possível alcançar diferentes perfis, desde voluntários para monitoria e oficinas até o grande público esperado. Visto que parte da Festa foi realizada em duas escolas da rede municipal, em um aparelho cultural e na Biblioteca Paulo Freire - que além de ocupar a área interna, ocupou também a rua e, por isso, favoreceu o grande fluxo de pessoas durante todos os dias -, é possível apontar que a FLICC alcançou, direta e indiretamente, cerca de 2 mil pessoas.

No próximo tópico, a cartografia da ação será utilizada como método para entender a escala da FLICC. Compreende-se que o ato de construir uma pesquisa que se manifesta através da cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) não necessariamente precisa da utilização de mapas tradicionais e rebuscados, o interessante é ter um banco de informações que sejam relevantes sobre as práticas espaciais dos homens lentos (SANTOS, 1997). Desse modo, o tópico a seguir contribui para um entendimento sobre a festa a partir do olhar de uma geógrafa em constante processo formativo.

4.1.1

A Cartografia da ação social da Festa Literária do Complexo do Chapadão

Com base na leitura do capítulo “A construção de uma comunidade pedagógica”, do livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* da autora bell hooks⁴³ (2013), podemos entender a importância em associar a teoria e a prática para estimular práticas pedagógicas progressistas e engajadas. Não há dúvidas, portanto, que o processo revolucionário de transformação espacial precisa ter a educação como prioridade. Logo, a educação como prática da liberdade está associada a afetividade, responsabilidade e respeito por aqueles sujeitos que fazem parte do processo educativo, pois “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público.” (HOOKS, 2013, p. 90).

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguida pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. (HOOKS, 2013, p. 174)

⁴³ A adoção da escrita em minúsculo do nome da autora é proposital, pois, era uma maneira de horizontalizar a produção do conhecimento, além de ser um ato político com a justificativa de dar enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa. “Ao se fazer pequena, bell hooks deu a justa medida dos seres e das coisas. Do indivíduo, do coletivo, da comunhão, do mundo a ser mudado. E mais. Lembrou que a justa medida pode e deve ser múltipla, complexa, diversa, heterogênea.” <<https://www.geledes.org.br/quem-foi-bell-hooks-escritora-e-ativista-morreu-aos-69-anos/>>

Esta perspectiva traz uma diferenciação entre a produção do conhecimento vertical e horizontal, e caminha para um pensamento científico interessado em horizontalizar a autoridade da academia na construção das teorias científicas. bell hooks, inclusive, confere autoridade a experiência, além de propor um intercâmbio crítico entre o acadêmico e o objeto de pesquisa. Nesse movimento constante de buscar teorias analíticas que deem conta de trazer a experiência empírica como uma posição privilegiada para a construção do conhecimento, há o entendimento que a práxis sustenta a pesquisa-ação interessada nas insurgências dos sujeitos subalternos.

Conceitos e metodologias não são neutros ou capazes de revelar verdade, são ferramentas que precisam ser questionadas em sua capacidade de produzir respostas a determinados problemas. A produção científica no mundo contemporâneo globalizado e com dinâmicas de trabalho cada vez mais flexíveis e fluídas enfrenta ainda a necessidade de contemplar as geometrias de poder que permeiam a produção de saberes e hierarquias. (SILVA, 2020 P.26)

A partir da compreensão da geografia como uma ferramenta para entender a multiplicidade espacial, Doreen Massey (2013) se torna uma referência ao afirmar que a teoria surge da vida, das experiências cotidianas. Logo, “O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno.” (MASSEY, 1999, pág.17). A representação espacial envolve o pensamento, linguagem, a dominação, técnica e o uso social. Nesse sentido, o espaço é construído por aspectos materiais (a técnica, o lugar da materialidade e do concreto) e por aspectos imateriais (linguagem, o pensamento, religião, senso comum e o bom senso), o conjunto dos aspectos materiais e imateriais resultam na práxis espacial. (ibid.)

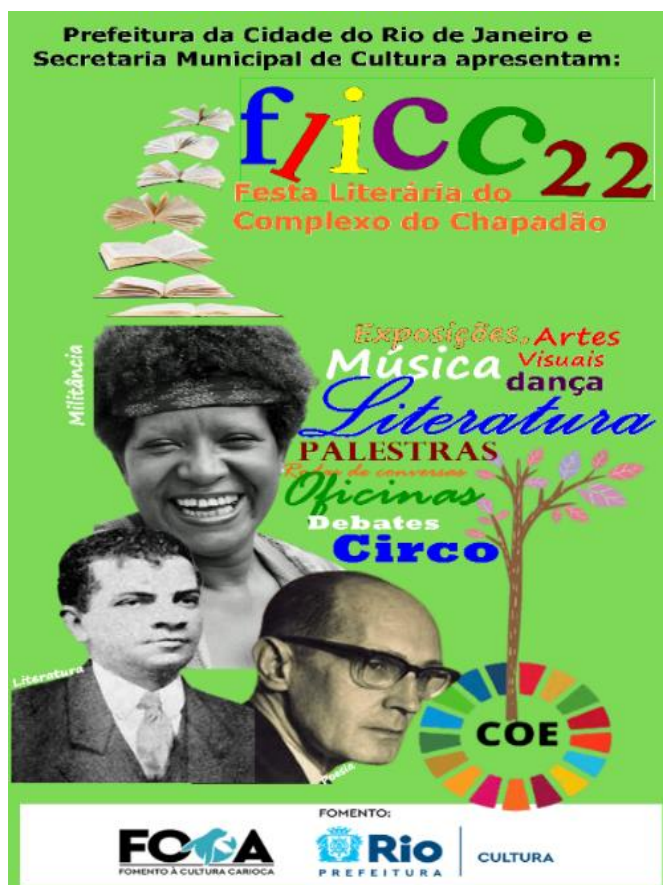
Dessa forma, se configura no espaço o entroncamento de trajetórias, e é a partir da análise dessas trajetórias, por meio da pesquisa-ação, que serão respondidos os questionamentos colocados na introdução deste artigo. Esta parte será destinada para expor os resultados de um estudo sobre a Festa Literária do Complexo do Chapadão (FLICC)⁴⁴, que foi promovida pelo Coletivo COE e ocorreu

⁴⁴ A festa possui este nome, pois, o nome Complexo do Chapadão é o mais usado pelos moradores, por mais que a FLICC ocorra em outro conjunto de favelas.

nos dias 7 e 8 de outubro na Favela do Final Feliz. O evento foi realizado através do programa de fomento Carioca - Foca⁴⁵, que é um edital público vinculado a Prefeitura do Rio de Janeiro.

O evento foi amplamente divulgado através das mídias sociais (*WhatsApp, Facebook e Instagram*), além disso, foram realizadas algumas ações para a divulgação do evento, previamente, em duas escolas próximas a Favela do Final Feliz (Escola Municipal Zilda Nunes da Costa e Escola Municipal Hildegardo de Noronha) e nos espaços culturais mais próximos (Lona Cultural Municipal Terra e Arena Carioca Jovelina Pérola Negra). Essas ações eram realizadas através de oficinas com temas variados (horta em pequenos espaços, pintura, macramê...) e tinham como objetivo explicar o que é a FLICC.

Figura 13: Banner de divulgação da FLICC



⁴⁵O Programa de Fomento Carioca – Foca consiste no apoio financeiro a projetos culturais a serem realizados na cidade do Rio de Janeiro, através de duas linhas de ação. Na Linha 1 serão selecionadas 184 propostas em 12 categorias: teatro, circo, artes visuais, arte antirracista, produções LGBTI+, artes urbana e pública, cultura popular, música, literatura, infância, dança e pesquisa & inovação. A Linha 2 fomentará as relações entre cultura e território, potencializando a cena artística em regiões populares da cidade. duas categorias: favelas da Zona Sul e do Centro (APs 1 e 2) e localidades das Zonas Norte e Oeste (APs 3, 4 e 5). Podem participar pessoas com residência e atuação cultural nestes territórios há, pelo menos, um ano.” (fonte: <https://carioca.rio/servicos/foca-programa-de-fomento-carioca/>)

Fonte: Página do instagram do Coletivo COE (@coletivocoe)

Figura 14: Materiais de divulgação



Fonte: Página do instagram do Coletivo COE (@coletivocoe)

Pensando em trazer para o campo da análise teórica as ações culturais, a Cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) parece ser a solução metodológica que proporciona um horizonte transformador para a interpretação deste evento. Pois esta tem a função de expor as táticas dos sujeitos e a partir disso esclarecer os sentidos da ação. Logo, seria uma ferramenta analítica que expressa a denúncia, reconhece cada ato e sustenta a memória dos espaços usados e praticados (RIBEIRO, 2013).

A cartografia da ação social visa compreender os processos de apropriação da cidade, por meio de lutas, protestos, reivindicações e pensar trajetórias dos homens comuns em sua errâncias pela cidade (CERTEAU, 2009). A cartografia, conceito e técnica historicamente trabalhada pela Geografia, em geral consiste nas formas de representação de objetos e pessoas. Trata-se da própria coisificação do social na medida em que foi idealizada para ser lida como expressão mais acabada da realidade. Predominam os mapas oficiais, e cada vez mais os mapas têm se tornado instrumentos de racionalizações dominantes, dos saberes dominantes, quer seja pelo Estado e pelas empresas. No debate sobre a cartografia social, engendra-se o uso ou a elaboração de mapas que expressão os movimentos sociais (SANTOS, 2011). Na novidade, surge um

conjunto de possibilidade de emancipações, mas também de novas formas de dominação, sobretudo quando estes mapas de movimentos sociais são apropriados não pelo movimento, mas pelos agentes dominadores. Daí os paradoxos do tempo presente emancipação-dominação. (SILVA, 2012, p. 27)

Durante os dias do evento, realizei uma oficina intitulada “Cartografando afetos”, com a minha base teórica acumulada durante o meu processo formativo do mestrado, pude perceber o quanto a cartografia pode ser um instrumento importante para a compreensão espacial. Assim, sabendo que a cartografia, desde os primórdios da Geografia, é instrumentalizada no sentido de estimular o exercício do poder, o objetivo principal dessa oficina era compreender melhor o que de fato acontece dentro do espaço da Favela do Final Feliz a partir dos viventes do espaço. “Produzir as cartografias dos homens e mulheres simples, significa dar visibilidade e possibilidade de pensar sua própria condição e ter na cartografia um instrumento de representação de seu território e de luta social.” (SILVA, 2012, p. 7).

Desse modo, a oficina foi dividida em dois momentos, o primeiro tinha a intenção de promover uma explicação teórica sobre os fundamentos da cartografia, demonstrar o que é um mapa, quais são os elementos fundamentais que precisam ter em um cartograma, como por exemplo: o título, a legenda, a escala. Além disso, apresentei diversos tipos de mapa, com diferentes propostas e escalas, o primeiro foi o mapa do estado do Rio de Janeiro, depois o mapa do município do Rio de Janeiro, o zoom foi sendo ampliado até que cheguei nos bairros Anchieta e Pavuna, o objetivo era demonstrar que dentro desse mapa existe uma divisão mais específica que seria dos conjuntos de favelas, e que a Favela do Final Feliz ficava dentro do conjunto de favelas Parque Criança Esperança.

Figura 15: Demonstrando o Mapa do Município do Rio de Janeiro



Fonte: Luzente, 2022.

Figura 16: Demonstrando os mapas dos Bairros Anchieta e Pavuna



Fonte: Luzente, 2022.

Muitos dos presentes na oficina não faziam ideia de que o local em que eles viviam se chamava conjunto de favelas Parque Criança Esperança. O que pude perceber é que muitos conhecem aquele espaço como Complexo do Chapadão, porém, como já foi dito nesse trabalho o Complexo do Chapadão faz parte, segundo o IPP, de outro de outro bairro, sendo assim, localizando-se na Pavuna, por outro lado, a FLICC estava acontecendo em Anchieta. Desse modo, muitas pessoas reconhecem que moram no Complexo do Chapadão, pois o lugar do vivido é diferente do realizado pelo planejamento urbano. Enfim, há uma série de questões relacionadas à adoção e predileção pela nomenclatura *Complexo do Chapadão*, que, inclusive, abordo no primeiro capítulo dessa dissertação, que vão desde influências do discurso midiático (que compreendem o espaço do Complexo do Chapadão como toda a área de favelas presentes nos bairros Pavuna, Costa Barros, Anchieta, Ricardo de Albuquerque e Guadalupe, como demonstrado no Mapa 8.

Mapa 8: Como o espaço do *Complexo do Chapadão* é retratado pela mídia



Fonte: Portal R7

Ter esse debate acontecendo durante a FLICC foi muito importante, pois a partir desse entendimento inicial conseguimos conversar sobre o espaço vivido,

sobre as múltiplas nomenclaturas existentes, desde as realizadas pelo planejamento urbano, estado, mídia até as existentes a partir do saber popular, que também tem o poder de nomear o espaço.

O segundo momento da oficina foi destinado para a construção de uma Cartografia da Ação, a proposta era construir uma cartografia alternativa⁴⁶, que levasse em conta os lugares importantes para a população do local, suas atividades cotidianas e seus pontos afetivos. Para isso, começamos a dialogar em grupo sobre quais seriam os elementos que deveriam estar representados no mapa, logo no início, o grupo começou a manifestar interesse em apontar no mapa a criminalidade, o tráfico de drogas e as barricadas que são, geralmente, os problemas que remetem a favela pelo senso comum.

Porém, um menino de 10 anos, escutando atento todo esse debate, disse que seria interessante compreender o lugar através de pontos Fortes e pontos Fracos, ele explicou que pontos fracos seria a violência, o tráfico de drogas, as invasões policiais que interferem em aulas nas escolas e as barricadas, e que esses pontos fracos não deveriam estar no mapa, pois já eram do conhecimento de todos os que estão dentro e fora do lugar. Logo, a sugestão dada ao grupo foi de cartografar os pontos fortes, visto que esses precisam ter uma maior relevância. Após a sugestão realizada pelo menino, o grupo aceitou e começamos a construção do mapa.

Tabela 9: Pontos fracos e fortes do lugar

Pontos Fracos	Pontos fortes
Tráfico de drogas	Clínica da Família
Violência	Baile Funk
Troca de tiros	Pizzaria Ágape
Operações Polícias	Praça com aparelhos de ginástica
Bala perdida	Parque de Diversões
-	Biblioteca Paulo Freire
-	Quintal Escola Chico Mendes
-	COE Cultural

⁴⁶ Há uma problemática existente nos mapas tradicionais, principalmente, nos digitais. Ao entrar em uma favela automaticamente você recebe um comunicado de que está entrando numa área de alto risco ou áreas de criminalidade excessiva, esta visão da criminalidade, do perigo, do risco, este fato imprime uma sensação de desconforto e insegurança, logo a intenção da oficina era justamente trazer uma imagem que confrontasse essa visão sobre esse espaço, demonstrando que a vivência do cotidiano revela diversos pontos positivos e de afetividade sobre esse mesmo espaço.

-	Morros como um espaço bom para andar de bicicleta e soltar pipa
-	Quadra de Futebol
-	Escola Municipal
-	Parquinho
-	Escola Jardim da Comunidade (MCP)
-	Mercadinho Comunitário
-	As casas em que eles moram
-	Igreja Católica de Santa Clara
-	Campo para soltar pipa e jogar futebol
-	Quadra para dançar zumba
-	Tricicloteca
-	FLICC

Fonte: Luzente, 2022.

A partir disso, iniciamos a conversa sobre quais seriam os pontos Fortes, o primeiro ponto forte a ser citado foi a biblioteca Paulo Freire, em seguida o Quintal Escola Chico Mendes, depois surgiu o parque de diversões, depois uma escola comunitária, uma praça que servia como um local de atividades físicas para os idosos, a praça que também tem um ponto importante que é sediar o baile, um morro que servia para descer mais rápido de bicicleta o barbeiro que fazia um corte de cabelo atualizado. Logo, o bairro começou a ser cartografado a partir das vivências coletivas e as pessoas se reconheciam através desses espaços.

Figura 17: Construindo a Cartografia



Fonte: Luzente, 2022.

Figura 18: Construindo a Cartografia: desenhando a biblioteca Paulo Freire



Fonte: Luzente, 2022.

À vista disto, as histórias sobre aquele conjunto de favelas começaram a ser contadas, a cada ponto que surgia no mapa, um relato era exposto. Assim, todas as histórias estavam relacionadas a algum ponto específico no mapa, dessa forma, o grupo sugeriu que o mapa tivesse como título “Pontos e Contos”. O que percebemos é que a cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) não se limita a construção de mapas, ela oferece a possibilidade de pensar no passado através de um olhar coletivo do espaço, fortalece a identidade, destaca os saberes coletivos e estimula a espontaneidade.

Figura 19: Apresentando para a FLICC o resultado da Oficina “Cartografando Afetos”



Fonte: Luzente, 2022.

Assim, a cartografia foi realizada por um grupo de 20 pessoas de idades diversas, desde crianças até idosos, era perceptível o quanto as crianças se interessavam pelas histórias dos mais velhos, e como elas estavam dispostas a enxergar o lugar de uma maneira positiva. Sendo assim, o segundo momento foi bastante interessante, pois, conseguimos compartilhar e perceber que existem muitos espaços que não são valorizados pela cartografia tradicional hegemônica,

mas que são espaços importantes para as pessoas que vivenciam cotidianamente o lugar. O mapa 9 demonstra o que foi produzido durante a oficina.

Mapa 9: Cartografia da ação: Pontos e Contos



Fonte: Luzente, 2022.

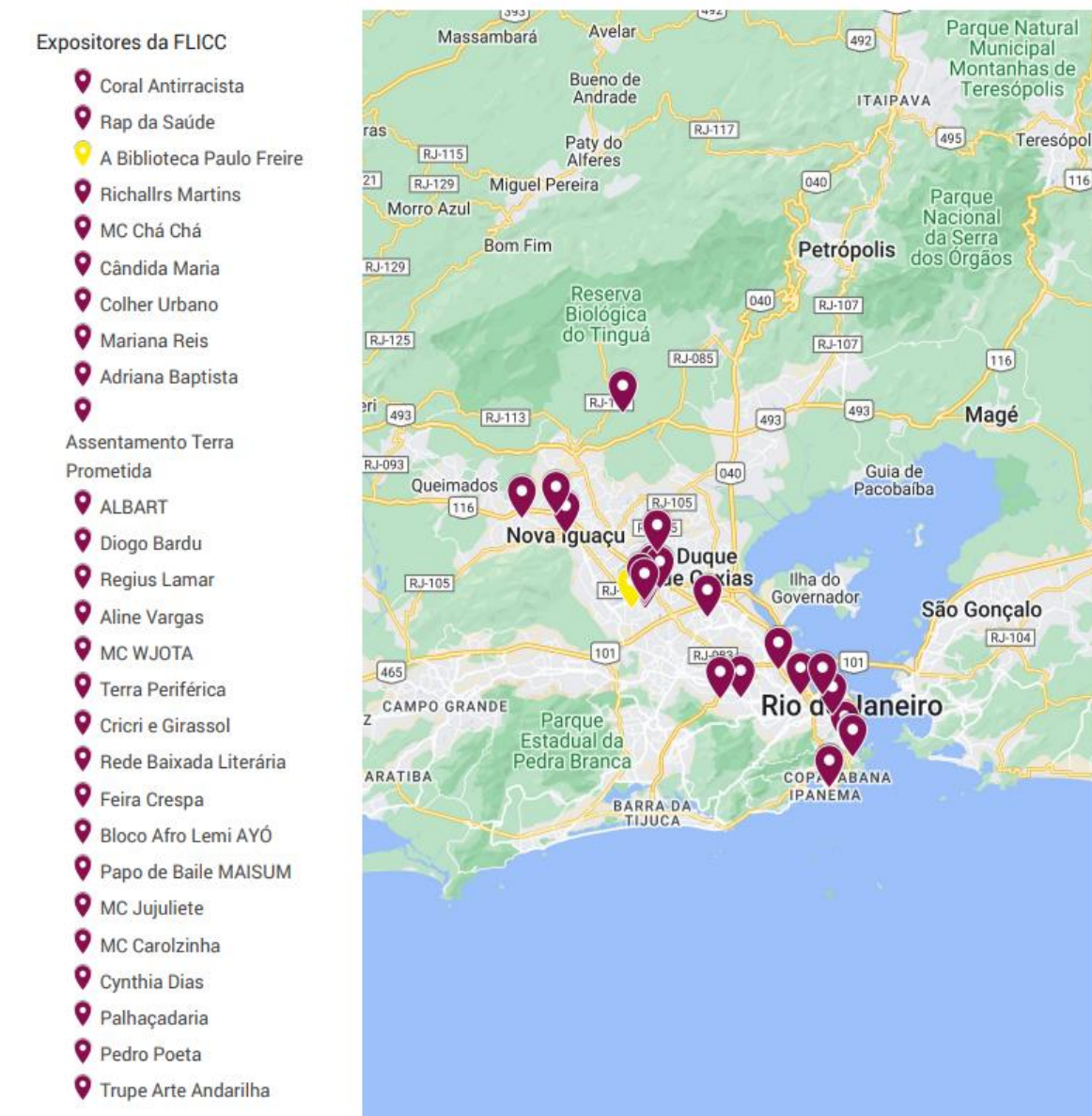
4.1.2

Desdobramentos da III FLICC

Vimos no primeiro capítulo a localização geográfica do Coletivo, para enxergar esta insurgência foi necessário ampliar o zoom da escala geográfica. Agora, buscaremos analisar a escala de abrangência da FLICC. Para isso, foi elaborado um mapa contendo 26 artistas (Mapa 10) e expositores que passaram pela FLICC e realizaram algum tipo de intervenção, a festa contou com intelectuais acadêmicos, poetas, artistas circenses, cantores (coral, MCs, rappers), escultores, pintores, agricultores urbanos e escritores.

Mapa 10: Escala da ação – Expositores / Artistas da FLICC

Escala da ação - Expositores/Artistas da FLICC



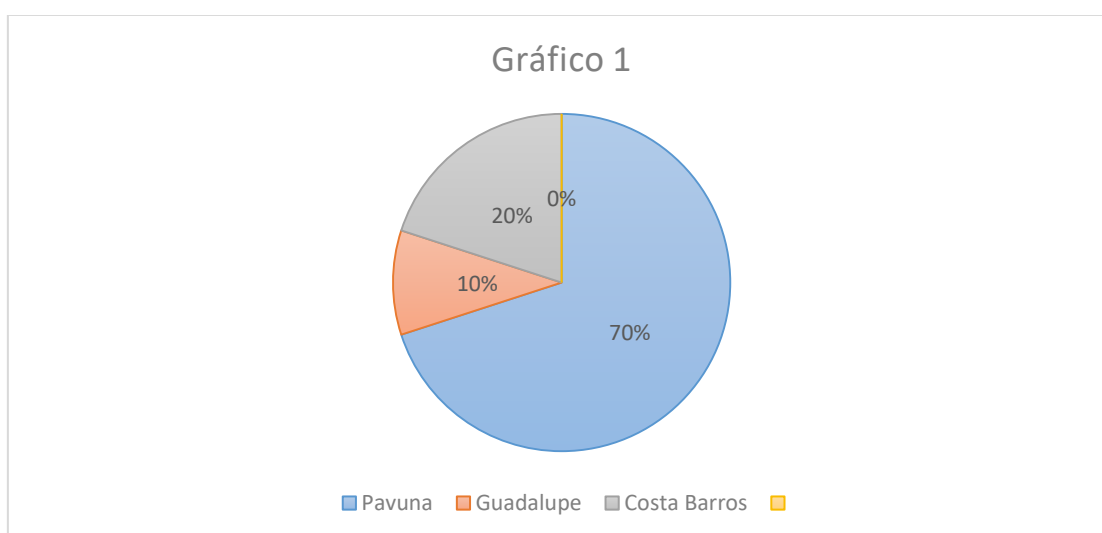
Fonte: My Maps – LUZENTE, 2022

Ao observar o mapa percebemos que há uma abrangência espacial relativa à localidade de onde esses sujeitos (artistas/expositores) estão vindo para atuar na festa. Desse modo, a fim de entender a transescalaridade da FLICC, algumas conclusões são feitas a partir da análise investigativa dos Gráficos:

- a) A maior parte dos artistas/expositores, total de nove, fazem parte do território ou moram próximo a biblioteca Paulo Freire. Como pode ser observado através do Gráfico 1: A FLICC 2022 contou com a presença

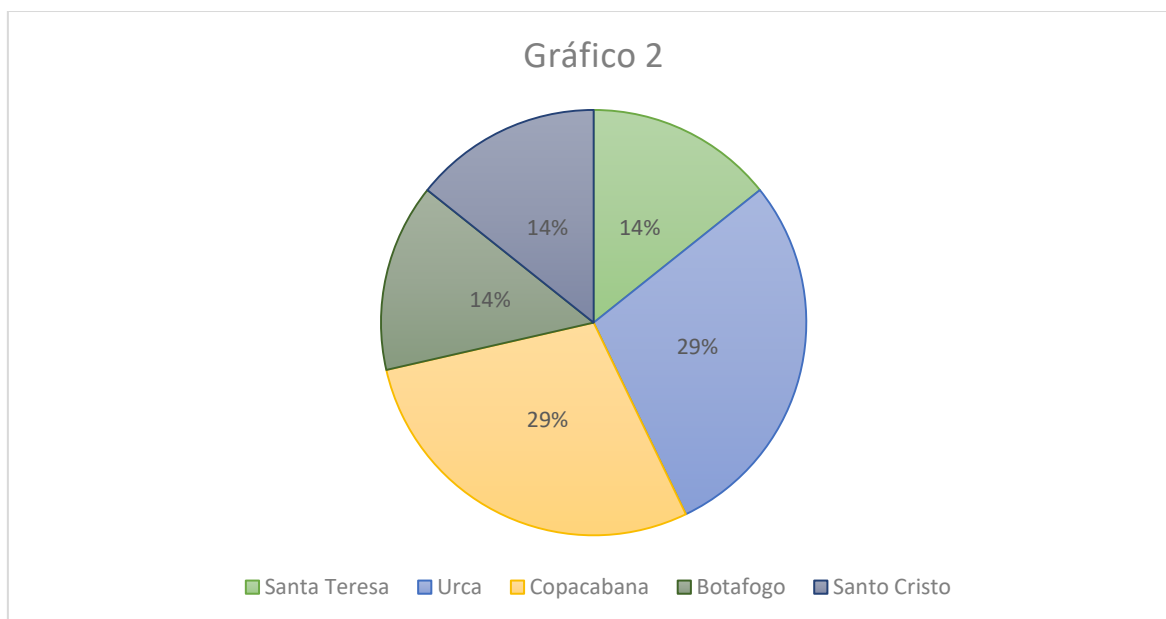
de três artistas do Complexo do Chapadão - Alb.Art, Candida Maria e Régius Lamar - e contou ainda com a presença de artistas de territórios próximos ao Complexo. Deste modo, participaram dez artistas periféricos que compartilharam com o público seus trabalhos e suas experiências de vida a fim de fortalecer as culturas faveladas. Isto, sem contar com a turma de 25 crianças moradoras do Complexo que apresentaram o coral antirracista;

Gráfico 1: Artista/ Expositores do território (Chapadão, Final Feliz e adjacências)



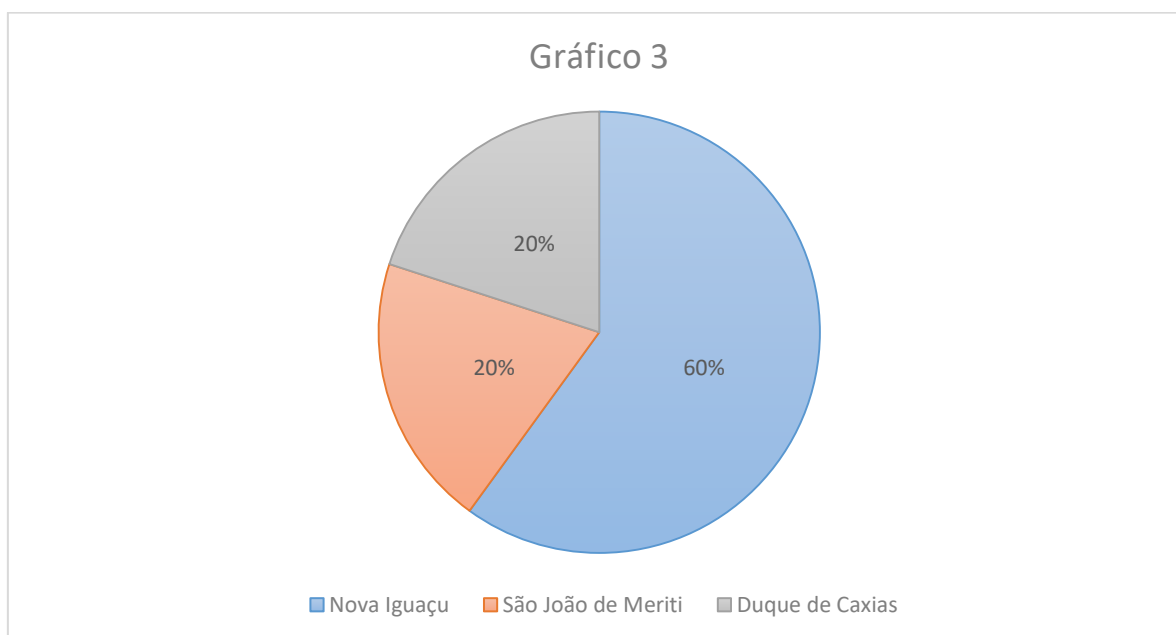
Fonte: Luzente, 2022.

b) Sete artistas/expositores estavam vindo da Zona Sul ou Centro (Gráfico 2) da cidade do Rio de Janeiro, isso significa que a estratégia de divulgação pelas redes sociais amplia a rede de alcance das informações referentes a FLICC;

Gráfico 2: Artista/Expositores da Zona Sul do Rio de Janeiro

Fonte: Luzente, 2022.

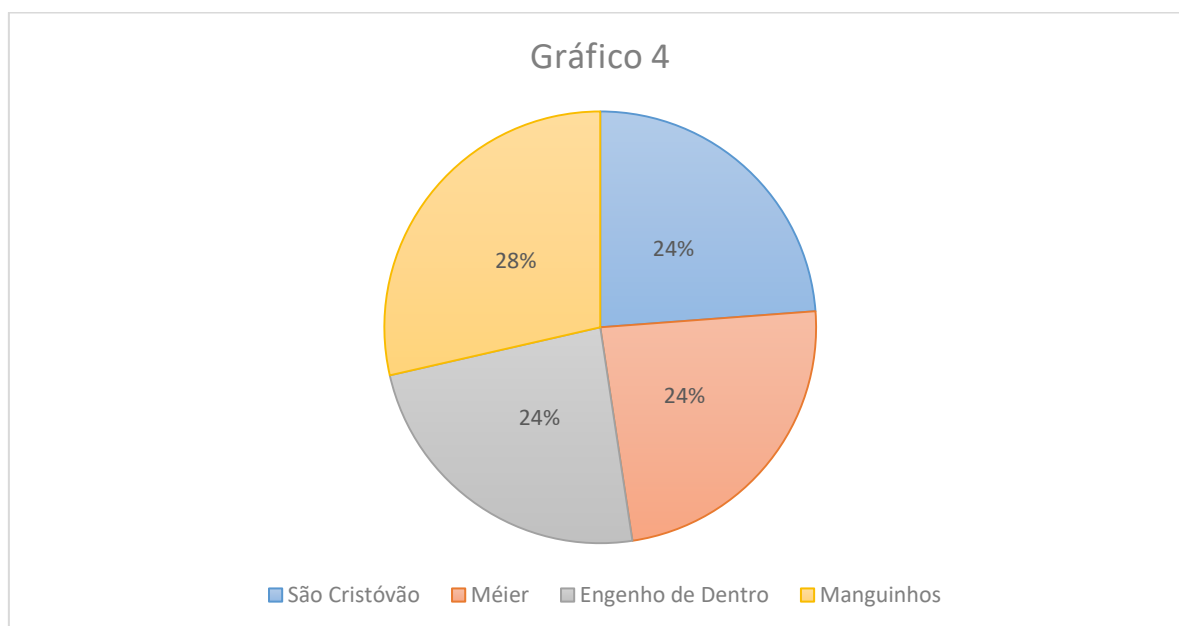
c) Os lugares de destaque na baixada fluminense foram Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias, contando com um total de 5 artistas/expositores (Gráfico 3);

Gráfico 3: Artistas/ Expositores da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro

Fonte: Luzente, 2022.

d) Outro ponto importante é a participação de artistas da zona norte, sem levar em consideração os bairros próximos a Favela do Final Feliz⁴⁷, um total de 4 artistas/expositores (Gráfico 4).

Gráfico 4: Artistas/ Expositores de demais bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro



Fonte: Luzente, 2022.

Outros pontos para continuar o debate transescalar:

a) É preciso ressaltar a presença da Escola Municipal Zilda Nunes da Costa no evento, pois, esta proporcionou uma apresentação em formato de Coral Antirracista. A turma tinha cerca de 30 alunos, duas professoras foram responsáveis pelo deslocamento das crianças e pelo ensaio do Coral.

b) Outro ponto importante é a ausência de artistas da Zona Oeste da cidade, isso pode ser explicado a partir da análise da distância geográfica entre a Zona Norte e Oeste associado a dificuldade de acesso devido aos meios de transporte precários. Visto que a estação de trem mais próxima é a da Pavuna, porém o ramal não é o mesmo. Outra opção seria o Metrô, porém ele não chega até as áreas mais periféricas da Zona Oeste, abrange apenas a barra. As opções de deslocamento por meio do

⁴⁷ O levantamento consta no Gráfico 1.

rodoviarismo são longas e incluem mais de um ônibus, na maior parte das vezes, o que encarece muito o trajeto.

A partir da interpretação do mapa e dos gráficos percebe-se que o evento acontece na escala local, no entanto, através da articulação em redes (físicas, virtuais e sociais) o evento ganha um caráter transescalar, assim, articulando outros espaços da cidade em prol da promoção da arte, educação e cultura. Desse modo, a escala geográfica ganha um sentido mais amplo atravessadamente pela rua, pela cultura de rua que é popular e marginalizada. A FLICC foi uma insurgência fugaz, de curta duração, ao mesmo tempo que foi surpreendente e revolucionária. Esta é apenas uma forma de expressar o potencial do vivido da cidade, por saberes populares, por praticantes dos lugares e pela solidariedade. (RIBEIRO, 2009, p. 154). A FLICC foi uma manifestação cultural orgânica e criativa que permitiu um jeito subversivo de apropriação do espaço.

Sob esta perspectiva, pretende-se estabelecer uma forma de análise que construa um campo de disputa discursivo sobre o que é a Favela do Final Feliz. Portanto, este espaço não existe apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na organização popular. Sob estas premissas, os movimentos culturais, articulações entre artistas/expositores e mobilizações sociais que promovem a festa são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão, a partir da realidade de um espaço segredo.

De forma bem objetiva, se faz necessário escutar aqueles que protagonizam o cotidiano, vivem o espaço e presenciam as mudanças com o intuito de “constituir novas afinidades, novas identidades, novos espaços em comum, novas comunidades de destino, novas territorialidades. E agora, sem dúvida, não mais 'por cima', pelos 'de cima' e para os 'de cima'” (Porto-Gonçalves 1998). Carlos (1996) complementa o debate assumindo o caráter revolucionário das insurgências urbanas, “assim, a metrópole é o lugar da atomização da vida, mas de outro lado, é o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de um sonho comum através das apropriações possíveis a partir de uma trajetória comum de vida” (p.82).

O debate realizado até o momento se constrói unindo o anseio de entender as diferentes práticas espaciais e seu potencial revolucionário. Nesse breve tópico, acrescenta-se ao debate do urbano uma outra forma de existir na favela,

com funcionalidades específicas orientadas pelas demandas existenciais. Compreende-se que a escala enquanto artifício analítico permite compreender as dinâmicas espaciais e a cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) enquanto escolha metodológica é uma ferramenta para movimentação social, trazendo para o campo teórico as insurgências dos homens lentos (SANTOS, 1997).

4.2

“O que está acontecendo no meu Quintal?”: Projeto Agroecológico Quintal escola Chico Mendes.

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.”

Manoel de Barros

Para iniciar o debate gostaria de esclarecer as motivações que fazem o Coletivo COE acreditar no Quintal como um instrumento que introduz e resgata valores inerentes a algumas práticas que com o passar dos anos são abandonadas, esquecidas ou banalizadas. A intensão é, primeiramente, resgatar o potencial da simbologia do quintal no que diz respeito à história e sua representatividade na produção e reprodução da vida, sem esquecer de destacar a sua importância para a sociabilidade da comunidade do entorno e o fortalecimento de laços.

A partir disso, coloco-me a questionar a potência inerente aos quintais dentro do espaço urbano. À vista disso, percebo ao andar pela favela a imensa quantidade de casas com quintais, e mesmo nas casas com pouquíssima infraestrutura, sempre os vejo. O conceito de quintal se tornou ainda mais presente na minha vida depois do meu envolvimento com o coletivo COE, percebi o quanto o quintal é um importante espaço para a sociabilidade em muitas casas dentro das periferias urbanas, que convivem, em certa medida, bem menos com a verticalização do que nos grandes centros urbanos.

Lembro da infância vivida no quintal, das árvores frutíferas (uma goiabeira, um cajueiro, um limoeiro e três bananeiras), das brincadeiras e das relações criadas nesse espaço. A reunião com os vizinhos e os primeiros laços construídos

na rua, se consolidam quando você chama alguém para entrar no seu quintal. Na favela, principalmente, existem alguns rituais clássicos que envolvem essa espacialidade, os famosos churrascos de domingo, as festinhas de aniversário, o banho de mangueira e sem esquecer do primeiro contato com o que seria a prática de produção agrícola.

A construção do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes não foge dessa lógica. Já que o próprio nome quintal remonta uma zona de conforto. E para os sujeitos favelados, é de extrema importância a existência desse espaço. Isso posto, a ideia é mostrar como esse espaço está permeado de relações afetuosas que são criadas por meio da sociabilidade existente entre os sujeitos, e nesse caso em específico, que estão inseridos no projeto. Então, a intensão dentro da proposta de construção do projeto é mostrar como o quintal enquanto um lugar é educativo e fomenta a construção de outra mentalidade.

No primeiro semestre de 2020 conheci o Coletivo COE e iniciei minha trajetória de participação junto a eles no desenvolvimento de propostas e projetos. Nesse mesmo período, o Coletivo havia comprado um terreno de 560 metros quadrados para implementar um projeto que pudesse pensar na luta pela soberania alimentar⁴⁸, com intuito de que neste local sejam produzidos alimentos orgânicos pelos próprios moradores. O terreno foi quitado a partir de uma “vaquinha” online, com o apoio de editais públicos e dos colaboradores do projeto.

Considerando o momento de crise sistêmica capitalista e pandemia da Covid-19, percebemos que a população residente de favelas foi drasticamente atingida pelos problemas relacionados à ausência de políticas governamentais de fato eficazes no momento da pandemia. Isso é demonstrado em uma pesquisa realizada pela Central Única de Favelas (Cufa) em conjunto com o Instituto Data Favela e Locomotiva, no ano de 2021 na Cidade do Rio de Janeiro. O resultado da investigação revela que 82% da população de favelas cariocas depende de doações para alimentar a família. Ainda de acordo com os dados, o número médio de refeições por dia dessas famílias é 1,9.⁴⁹ O impacto da pandemia da covid-19 sobre esse território fica evidente na fala de um dos componentes do Coletivo COE ao afirmar que:

⁴⁸ “Precisamos lutar para que qualquer pessoa envolvida em qualquer ponto da cadeia alimentar tenha poder de decisão no seu processo de trabalho ao se organizar coletivamente, seja como família ou como cooperativa, possuir coletivamente a terra para plantar, os meios de produção para colher, transportar, distribuir, processar e prepara alimentos.” (Bartholl, 2022, p. 173)

⁴⁹Podemos encontrar mais detalhes a respeito disso no site: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/18/mais-de-80percent-das-familias-que-vivem-em-favelas-dependem-de-doacao-para-se-alimentar-diz-levantamento.ghtml>. Acesso em 01/08/2021

Nos últimos meses, vimos a emergência de ações que partissem de nós moradores, quem está realmente vivenciando os problemas provocados pela pandemia, de forma que nosso coletivo aproveitou a rede de amigos e parceiros que já dão suporte a biblioteca para constituir um cinturão emergencial de solidariedade para o enfrentamento da crise provocada pela pandemia do corona vírus. (informação verbal)⁵⁰

Figura 20: Reportagem do Jornal O Dia sobre a vaquinha para quitar o terreno.

O DIA | SEGUNDA-FEIRA, 10-8-2020 RIO DE JANEIRO 7

Biblioteca no Chapadão lança vaquinha para criar horta urbana

Projeto pretende arrecadar R\$ 15 mil para quitação de terreno. Igreja dará lugar à sala multimídia

RENNAN SCHIUNDT
rennan.schiundt@odia.com.br

Com mais de quatro mil títulos, a Biblioteca Paulo Freire, no Complexo do Chapadão, na Zona Norte, há 14 anos é um oásis de cultura em meio ao cenário de violência. Na contramão do terror, a instituição, que utiliza a literatura como ferramenta de transformação socioeconômica, tenta agora arrecadar R\$ 15 mil para a compra de um terreno ao lado da sede, onde será implementado um projeto de agricultura familiar. O expectativa é que pelo menos 250 famílias sejam beneficiadas. Com a verba, também será possível transformar uma antiga igreja em uma sala multimídia.

No total, os imóveis foram orçados em R\$ 21 mil, sendo que a instituição já deu uma entrada de R\$ 6 mil, restando agora quinze parcelas de R\$ 1 mil, que serão pagas mensalmente. "Estamos recorrendo a amigos e parceiros que conhecem o nosso trabalho para que nos ajudem nesse projeto desafiador. Existe uma carência muito grande por aqui. Não temos tempo para esperar o poder público agir", afirma o coordenador do espaço, Jocemir Reis.

Com as novas aquisições — um terreno de 35 metros de comprimento por 16 metros de largura, no qual será implementada uma pequena produção agroecológica e cursos de horta orgânica e sintrópica (prática de manejo regenerativa), e um espaço onde funcionava uma igreja, que dará lugar a uma sala de exibição de vídeos e palestras —, a biblioteca pretende ampliar ainda mais o alcance. E, claro, garantir conforto e conhecimento.

Em junho, aliás, a biblioteca completou aniversário. Segundo Reis, "a aquisição dos

Professor e morador da região, Jocemir Reis pretende criar um projeto de agricultura familiar no Morro do Chapadão para beneficiar 250 famílias

imóveis foi uma das formas de comemorar", brinca. Professor de filosofia, ele tem papel fundamental na região e é responsável por ajudar diversos moradores a impressarem na faculdade pública, por meio do pré-vestibular comunitário.

É o caso de Diogo Oliveira, que quando chegou à biblioteca não havia nem terminado o Ensino Médio. "Fui o primeiro da minha família a cursar o ensino superior", diz o estudante da UERJ, que está no 6º período de Artes Visuais.

AJUDA VEM DE LONGE
Mineira radicada em São Paulo, Pilar Lacerta, diretora da Fundação SM, é uma das parceiras da biblioteca. Embora ainda não conheça pessoalmente o trabalho desenvolvido no Chapadão, desde 2015 ela oferece apoio. "Isso me dá muita esperança. São pessoas que estão preocupadas com o bem de todos", diz Pilar.

Interessados em ajudar podem entrar em contato pelo telefone (21) 97340-5772.

Recorremos a amigos e parceiros. Existe uma carência muito grande. Não temos tempo para esperar o poder público agir"
JOCEMIR REIS, professor

Literatura invade posto policial

➤ Recém-inaugurada, a Biblioteca Margi-now, em Antares, na Zona Oeste, também está precisando de ajuda. De acordo com o responsável pelo espaço, o escritor Jessé Andarilho, estantes e prateleiras são muito bem-vindas. O local, que funciona em um antigo posto policial que estava abandonado, empresta cerca de 200 livros por mês.

"Estou muito surpreso. Achei que a biblioteca fosse atender apenas a pessoas mais velhas, caras da minha idade. Mas, não. As crianças invadiram os adolescentes idem. Vem gente de todas as idades. Não há discriminação para o empréstimo e, até agora, não tivemos baixa em nenhum livro", conta Andarilho.

Há cerca de dois meses, o rapaz ganhou uma banca de jornal que logo foi transformada em biblioteca. Os livros ficam expostos nela, à disposição dos moradores de Antares, além dos bairros vizinhos. "Os gostos são os mais variados. Um dos estilos que chama a atenção da garotada são os títulos de vampiros. Pensei que eles fossem curtir mais a literatura marginal. Mas uma vez me surpreendi", confessa Andarilho. Informações pelo instagram: com/jesseandarilho.

Um dos criadores da Flup, Júlio Ludemir e o escritor Jessé Andarilho

Fonte: Jornal O Dia

⁵⁰ Fala de Jocemir Reis proferida em outubro de 2020.

O problema relativo à insegurança alimentar é uma realidade vivenciada na favela, e ainda assim, o Estado se manteve ineficaz no atendimento e na elaboração de políticas públicas de fato eficientes para a resolução do problema, e em consequência disso a população das periferias urbanas esteve desamparada. Por isso, como resultado nota-se o enfrentamento das consequências da pandemia com o apoio das organizações e movimentos sociais como os principais formuladores de propostas para lidar os problemas relacionados a fome e ao desemprego.

As mobilizações de emergência não podem ser reduzidas meramente à ajuda filantrópica numa lógica de caridade (SPADES, 2020) de cima para baixo, e sua dimensão de solidariedade em relações horizontais intraclasse e território precisam ser reconhecidas, destacadas e fortalecidas como fundamento para o avanço das lutas. Em países ricos como os EUA, milhões de toneladas de alimentos são destruídas devido a cadeia de produção-distribuição danificadas, enquanto muitos dos pobres do próprio país carecem de meios para conseguir alimentos decentes em seus pratos. A pandemia do corona vírus corre risco de levar a uma pandemia de fome – e são os mais pobres nos países mais pobres que mais sofrerão. (BARTHOLL, 2022, P. 175)

Nesse contexto, no primeiro semestre de 2021, o coletivo começou a elaborar ações de fato eficientes para estabelecer a construção do nosso projeto de soberania alimentar. Desse modo, demos início ao curso de Agroecologia no Quintal Escola Chico Mendes. Sendo a agroecologia, entendida como uma prática de produção agrícola que respeita a ecologia local incorporando valores culturais e tradicionais as práticas de cultivo, entendo que “a agroecologia não é apenas um corpo de conhecimentos úteis, passíveis de serem aplicados, mas se configura como prática social, ação de “manejo” da complexidade dos agroecossistemas particulares” (GUHUR E TONÁ, 2012, pág. 64), portanto consideramos a importância do lugar pois estamos inseridos em um espaço de múltiplas relações naturais e sociais que são determinadas e determinantes para nossa prática agroecológica (GUHUR E TONÁ, 2012).

A agricultura urbana de base ecológica, praticada nos quintais produtivos, maximiza o controle biológico natural de pragas e doenças, desenvolvendo um processo de autorregulação. De maneira oposta, o uso de agrotóxicos e/ou adubos químicos, tendem a descontrolar todo o sistema biológico, tornando as plantas vulneráveis ao ataque das pragas, rompendo com o equilíbrio ecológico e degradando a natureza (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016, pág. 91).

4.2.1

O 1º Ciclo de Oficinas do Quintal Escola Chico Mendes

"Uma horta é um bom lugar para começar. E pra continuar, até acabar. Seria bom saber que alguém colherá coisas que nós semeamos, depois da nossa partida, e as plantas continuarão, como um gesto nosso de amor."
(HORTA - RUBEM ALVES)

No primeiro momento, o curso contou com um total de 7 adolescentes⁵¹ de 10 a 16 anos que moram próximo do Quintal. O curso, cujo nome é "O que está acontecendo no meu Quintal?"⁵², foi elaborado em coletividade, com o desenvolvimento de uma metodologia específica⁵³ e própria para o processo formativo dos cursistas com base no conhecimento territorial e em uma bibliografia que foi debatida entre os membros do coletivo. A importância dessa construção em coletivo resultou em um material teórico que será muito útil para os próximos

⁵¹ No primeiro ciclo de oficinas foram selecionados apenas 7 adolescentes devido o momento de pandemia da Covid-19, dessa maneira, priorizamos evitar aglomerações. As atividades são sempre realizadas seguindo as recomendações de segurança da Organização Mundial da Saúde e do Governo local. Os cursistas são: Gabriel, Brenda, Maria Eduarda, Roger, Alisson, Késsia e Antoni.

⁵² Vale dizer que o nome do curso foi escolhido por um dos cursistas o Gabriel.

⁵³ Dito isso, a execução do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes é inspirada na proposta metodológica Sisteminha da Embrapa. O "Sisteminha" constitui-se em um sistema integrado para produção de alimentos, desenvolvido para gerar segurança e soberania alimentar para seus usuários. O sisteminha tem como principais vantagens o baixo custo de investimento inicial; É uma solução integrada, que pode ser facilmente adaptada às necessidades, experiência, preferências do produtor e condições edafoclimáticas e de mercado local; É apropriada para pequenos espaços (a partir de 100 m²), em áreas urbanas e rurais; e é uma solução dimensionada para atender às necessidades nutricionais de uma família de quatro pessoas, no atendimento às recomendações nutricionais da Organização Mundial da Saúde (OMS). A tecnologia é fundamentada em quatro princípios: 1) miniaturização, 2) replicabilidade, 3) escalonamento da produção, 4) segurança alimentar e nutricional.

cursistas para elucidar as questões relacionadas à agroecologia, soberania alimentar, agricultura urbana e sustentabilidades.

O primeiro ciclo de oficinas foi idealizado e realizado de maneira autônoma. Em verdade, possuía um único patrocinador, que era o dono da padaria que fica na mesma rua que o quintal. O dono da padaria fornecia os lanches que aconteciam nos intervalos das oficinas. O primeiro ciclo do curso contou com um total de 13 encontros que aconteciam semanalmente, duas vezes por semana, na quarta e na sexta-feira. Os temas eram variados, e contaram com a realização de oficinas sobre uso e manejo do solo, desenvolvimento sustentável e educação ambiental, agroecologia e agricultura orgânica, hortas verticais em ambientes urbanos e oficinas artísticas para a produção de adereços e plaquinhas para a decoração do Quintal. Na Tabela 9 estará sistematizado os temas das oficinas e seus objetivos gerais.

Tabela 10: Temas das oficinas e seus objetivos gerais

Encontros	Temática	Objetivo geral
1º encontro	Dinâmica para quebrar o gelo	Apresentar da proposta do curso aos alunos ingressantes.
2º encontro	Conhecendo o Quintal Escola Chico Mendes	Entender o que é quintal e sua importância para a construção de memórias, pertencimentos e amor.
3º encontro	Introdução a Agroecologia	Compreender a prática agroecológica.
4º encontro	Estudo dos Solos	Realizar a oficina: “Compreendendo a importância do solo através da interação com a agroecologia”.
5º encontro	Manejo do Solo para a produção agrícola	Desenvolver a oficina: “Técnicas de

		manejo e correção do solo. ”
6° encontro	Momento para analisar a progressão do projeto através das expressões artísticas	Construir coletivamente placas, vasos, macramês para ornamentar nosso quintal. Realizar a oficina: “Fábrica de afetos”;
7° encontro	De onde vem o nosso alimento?	Compreender a importância das sementes e das mudas. Além de distinguir sementes crioulas e transgênicas.
8° encontro	Compostagem	Desenvolver composteiras orgânicas.
9° encontro	Hortas em pequenos espaços / hortas verticais	Desenvolver a oficina: “Hortas em pequenos espaços: é possível cultivar na minha casa? ”
10° encontro	Agronegócio	Exibir o documentário: “o veneno está na mesa” e proporcionar um debate sobre.
11° encontro	Agricultura familiar	Diferenciar os diferentes modos de

		produção agrícola existente.
12° encontro	Agroecologia e Agricultura orgânica	Reforçar a importância dos conceitos para a prática de manejo agrícola que buscamos ter no quintal.
13° encontro	Confraternização	Realizar uma avaliação através de um questionário elaborado no Google Forms e comemorar o encerramento do ciclo.

Figura 21: Oficina: “Técnicas de manejo e correção do solo. ”



Fonte: Luzente, 2021.

Figura 22: Oficina: “Fábrica de afetos”;



Fonte: LUZENTE, 2021.

Figura 23: Hortaliças do Quintal Escola Chico Mendes



Fonte: LUZENTE, 2021.

Figura 24: Oficina: “Compreendendo a importância do solo através da interação com a agroecologia”.



Fonte: Luzente, 2021.

Figura 25: Oficina: “Compreendendo a importância do solo através da interação com a agroecologia”. 2



Fonte: Luzente, 2021.

Figura 26: Preparação de mudas.



Fonte: LUZENTE, 2021.

A execução do projeto ressalta que “Os quintais produtivos desempenham funções essenciais de natureza econômica, social, nutricional, cultural e ambiental, que se destacam na reprodução da vida familiar.” (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016, PÁG. 88). Em vista disso, as nossas práticas territoriais não se limitam apenas a produção de alimentos, extrapolam, temos o quintal como um espaço do desenvolvimento de pertencimento, afeto e aconchego, ressignificando, desse modo, qualquer visão relacionada ao senso comum que coloca a favela como apenas um espaço do medo, da guerra e do tráfico.

Como Ailton Krenak nos lembra “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (2020, pág. 24). Inicialmente, o projeto pretende se constituir como um espaço de referência e apoio a comunidade no enfrentamento aos efeitos do COVID. A médio e longo prazo, será um espaço de aprendizado, vivências, de incentivo à memória, pertencimento, produção cultural, sustentabilidade e desenvolvimento territorial, comprovando o que Manoel de Barros muito bem concluiu: “Meu quintal é maior do que o mundo.”

Os resultados obtidos a partir da avaliação realizada pelos 7 adolescentes sobre o aproveitamento do I Ciclo de Oficinais desenvolvido pelo Quintal Escola Chico Mendes. Enquanto a primeira parte desse trabalho objetivou demonstrar

como ocorreu a construção do curso, nessa a intenção é apresentar os frutos que foram colhidos através do compromisso com o desenvolvimento do projeto.

As respostas foram coletadas através de um formulário virtual que foi disponibilizado para os cursistas responderem de maneira online. Nesta parte buscarei demonstrar os gráficos com os resultados percentuais para as perguntas, e fazer uma breve análise sobre o conteúdo apresentado, a fim de demonstrar, a partir das respostas obtidas a multiplicidade de significados e sentidos que o Quintal Escola Chico Mendes representa.

Gráfico 5: Primeira Pergunta do Questionário

Você possui algum familiar que é agricultor ou que cultiva algum tipo de espécie vegetal?

6 respostas



Fonte: Luzente, 2021.

No Gráfico 5 podemos dimensionar que é inerente à metade dos participantes do curso um passado que remonta práticas agrícolas. A partir disso passei a analisar de maneira mais cautelosa os nomes dos morros que fazem parte do conjunto de favelas do chapadão. Percebe-se pela nomenclatura o passado dessa área tinha uma ruralidade marcada, Morros como Fazendinha, Sítio, Chico Mendes, Vacaria, são alguns exemplos que remontam alguma ruralidade presente em tempos passados nesse espaço. Além disso, a análise da paisagem também contribui, visto que, há uma grande quantidade de quintais que são nitidamente produtivos e espaços destinados à plantação e criação de alguns animais, como porcos, vacas e galinhas.

Portanto, percebo que alguns adolescentes já carregavam conhecimentos sobre como plantar, pois, seus familiares já costumavam desenvolver a prática. Por isso, se torna necessário destacar a “relevância dada à tradição, valores, costumes e hábitos rurais, caracterizando a existência de uma herança cultural no repasse de saberes.” (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016, PÁG. 87).

Por conseguinte, esses fatos históricos serão fundamentais para criar os contornos das práticas exercidas no presente e remontar o caráter identitário do

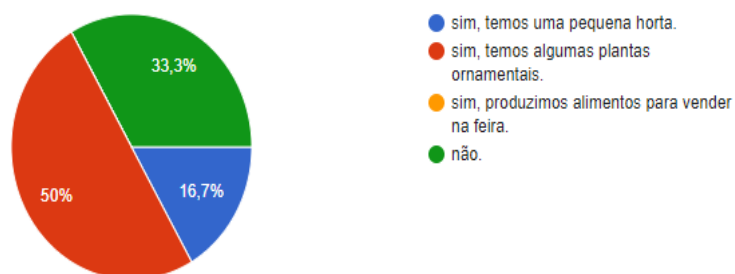
espaço vinculado apenas a uma imagem de favela urbana e dominada pelo tráfico, há o surgimento da redescoberta de múltiplas narrativas sobre o Lugar. Assim como foi notado na pesquisa de DA SILVA E DOS ANJOS, 2016 o plantar seria uma prática relacionada à ancestralidade, “a qual seria transmitida por meio de pais e avós, que passaria a ser assimilada e carregada como herança.” (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016, PÁG. 87).

A análise do Gráfico 5 já abre o debate para observação do Gráfico 2 revelando que mais da metade dos entrevistados já plantavam em suas casas.

Gráfico 6: segunda pergunta do questionário

Na sua casa, vocês costumam plantar?

6 respostas



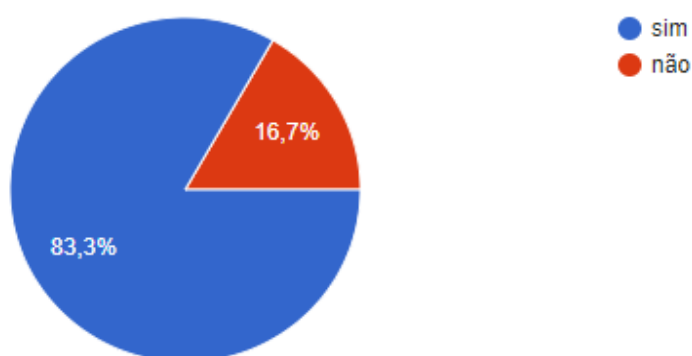
Fonte: Luzente, 2021.

Desse modo, no Gráfico 6 podemos dimensionar que já havia outros quintais produtivos, portanto, os conhecimentos da prática de cultivo de alimentos e manejo do quintal na própria família já era uma realidade (DA SILVA E DOS ANJOS, 2016). Conclui-se que neste gráfico que o ato de plantar é uma prática inerente à maioria dos entrevistados. Porém, o que me parece ser questionável é o rigor conceitual. É perceptível que as práticas de cultivo geralmente não são conceitualizadas, assim, quando oferecemos um curso que apresenta uma série de nomenclaturas para as práticas desenvolvidas espontaneamente há momentos de afastamento da teoria e da prática. Por exemplo, noto que ainda existe um limite existente entre as palavras plantar e agricultura, muitas vezes a palavra agricultura remete ao espaço rural, logo, vejo que há uma negação desse conceito por quem está na área urbana, o que é preciso enfatizar é que há agricultura urbana, em pequenos espaços e em quintais.

Gráfico 7: Terceira Pergunta do questionário

Os debates propostos através do projeto foram inéditos para você?

6 respostas



Fonte: Luzente, 2021.

Na tarefa de aferir os dados do Gráfico 7, acredito que os ineditismos das discussões estejam mais atrelados ao entendimento da importância de compreender quem produz, de onde vem e como é realizada a produção dos alimentos. Os tópicos relacionados à cadeia produtiva do agronegócio despertaram muito interesse entre os participantes do curso, foi perceptível o engajamento nas oficinas que abordamos os assuntos relacionados ao uso excessivo de agrotóxicos, a mecanização do campo e a lógica de mercado da agricultura brasileira. Por mais que esses tópicos sejam abordados na escola, acredito que no quintal pudemos traçar comparativos, pois estávamos dentro de uma lógica de produção agroecológica, desfrutando de vivências orgânicas com o espaço, logo, a comparação entre os modelos de produção se tornou mais nítida e discrepante.

Além disso, ao averiguar o Gráfico 7, conclui-se que nas oficinas buscamos ter certo rigor conceitual ao tratar determinados assuntos, por isso percebemos que há uma grande quantidade de adolescentes que consideram o debate inédito, mas se compararmos com o Gráfico 6 percebemos que existem jovens que já plantavam em seus quintais, porém sem se atentar aos conceitos e a importância da sua prática. Assim, vejo que o projeto colabora para o despertar da consciência crítica sobre os atos cotidianos.

Gráfico 8: Quarta pergunta do questionário



O exposto no Gráfico 8 considero que seja o resultado mais importante da pesquisa desenvolvida até o momento. Não só pelo resultado positivo revelado, mas, sobretudo, por demonstrar que todos os entrevistados consideram que estão fazendo algo de extrema importância e reconhecem seu potencial. Além de certificar que temos um projeto de pensar o urbano, a favela e a agroecologia através das nossas demandas, enquanto comunidade que vive e entende as particularidades do lugar.

Associado ao Gráfico 8 pedi para que os entrevistados justificassem a resposta, explicando o motivo pelo qual eles consideram o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes importante, e obtive as seguintes respostas:

É sempre bom todo mundo saber de onde vem seu alimento e como plantá-lo. (informação verbal)⁵⁴

Acho o projeto extremamente importante porque além de sabermos produzir um alimento saudável, sabemos de onde ele vem. O nosso alimento faz bem para nossa saúde tanto mental quanto física. (informação verbal)⁵⁵

O projeto é importante pois a agroecologia é boa para o meio ambiente. (informação verbal)⁵⁶

Acho importante porque todos deveriam ter uma comida sem agrotóxicos, mas esse tipo de comida é bem mais caro do que

⁵⁴ Fala proferida por Alisson em julho de 2021.

⁵⁵ Fala proferida por Brenda em julho de 2021.

⁵⁶ Fala proferida por Gabriel em julho de 2021.

as outras. Se a gente consegue produzir acaba saindo mais barato. (informação verbal)⁵⁷

Dessa maneira, os depoimentos acima demonstram uma perspectiva crítica acerca dos temas abordados durante o ciclo de oficinas. A partir das respostas fica perceptível o engajamento da jovem em compreender um pouco melhor sua alimentação, construir novos hábitos e pensar que são capazes de garantir a soberania alimentar. Nesse sentido, pode-se perceber que há uma ressignificação do espaço do quintal diretamente relacionada ao espaço das vivências ecológicas, da produção de conhecimento e alimento, além de ser um espaço de fortalecimento identitário e de laços comunitários.

4.2.2

O 2º Ciclo de Oficinas do Quintal Escola Chico Mendes

O sucesso do projeto viabilizou a consolidação da participação do Coletivo COE na Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro, lançada em março de 2021. Este edital público pretende contribuir para a mitigação dos efeitos da pandemia junto a populações em favelas fluminenses, sendo organizado pela Fiocruz⁵⁸. Desse modo, o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes passou a ter investimento de uma instituição de renome no âmbito da saúde, nutrição e preocupação com a questão alimentar, com isso, fortalecendo o Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes enquanto um espaço de aprendizado, produção de pesquisa e conhecimento por sujeitos favelados.

⁵⁷ Fala proferida por Antony em julho de 2021.

⁵⁸ “Com o objetivo de auxiliar na resposta para o enfrentamento da pandemia da COVID19 e seus efeitos nas favelas, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) lança a Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro. A chamada pública irá financiar projetos em todo estado do Rio de Janeiro que contribuam para ampliar a participação social na vigilância em saúde de base territorial nas favelas fluminenses. O objetivo é aprovar 140 projetos que poderão receber apoios no montante total de R\$ 17.000.000,00 que se espera investir. Inicialmente, no entanto, a Chamada Pública selecionará para financiamento imediato os primeiros 41 projetos aprovados com o montante de R\$ 4.500.000,00. Os recursos a serem investidos são provenientes da Lei Nº 8.972/20, do Fundo Especial da ALERJ à Fiocruz. Esses recursos são resultado de um esforço interinstitucional envolvendo UFRJ, UERJ, PUC-Rio, SBPC, ABRASCO, Fiocruz, sindicatos de profissionais das áreas de saúde e assistência social, bem como organizações baseadas em favelas. Juntas, essas entidades elaboraram o o Plano de Ação para Enfrentamento da COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro. Fonte: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-e-favelas-fiocruz-lanca-chamada-publica-de-apoio-populacoes-em-favelas>>

Nesta fase, e com o apoio da FioCruz, os objetivos do projeto sofreram algumas alterações, já que houve um investimento financeiro que possibilitou uma ação de maior magnitude. Sendo assim, os objetivos realizados:

- a. Contribuímos com a alimentação saudável da população da Favela do Final Feliz a curto, médio e longo prazo por meio do cultivo e produção de alimentos no espaço do Quintal Escola Chico Mendes;

Figura 27: Colheita de hortaliças no Quintal Escola Chico Mendes



Fonte: LUZENTE, 2022.

- b. Contribuímos para mitigação dos efeitos do COVID-19 no território através da ação de distribuição de cestas com alimentos orgânicos produzido no Quintal Escola durante a realização das oficinas, contendo hortaliças, ovos e peixe; Cada participante também recebeu por 7 meses uma bolsa auxílio para participar do projeto, para custeio de dados móveis de internet e compra de materiais para iniciar uma pequena horta em casa.

Figura 28: Cesta de hortaliças produzidas no Quintal Escola Chico Mendes



Fonte: LUZENTE, 2022.

c. Promovemos o diálogo com a comunidade, divulgando informações e gerando a conscientização sobre os efeitos e cuidados da COVID - 19, através de envio semanal de cards informativos sobre o vírus, protocolos de prevenção e vacinação via WhatsApp e post nas redes sociais; além de ações de divulgação através de lambe-lambes;

Figura 29: Colagem dos lambe-lambes pela Favela do Final Feliz



Fonte: LUZENTE, 2022.

d. Promovemos um espaço de conscientização e educação sobre alimentação saudável, meio ambiente e sustentabilidade, contribuindo para a melhoria da nutrição e incentivo ao consumo de alimentos orgânicos, através de oficinas de agroecologia e horta orgânica em pequenos espaços com contação de histórias para crianças e adolescentes; aconteceu também de forma remota, através de vídeos pílulas com tecnologia 360° (duração de até 2 min) enviados mensalmente para os participantes via WhatsApp;

Figura 30: Realização de uma aula sobre plantio no Quintal Escola Chico Mendes



Fonte: Luzente, 2022.

O segundo ciclo do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes foi desenvolvido no período de 29 de setembro de 2021 a 30 de agosto de 2022, as ações / atividades desenvolvidas durante os setes meses de execução do Projeto envolveram diferentes atores da comunidade: comércio local, as famílias, osicineiros e os adolescentes participantes do projeto. Sendo o maior objetivo do projeto aproximar os adolescentes e as famílias do convívio com a terra e propiciá-los uma experiência na qual eles tenham o contato direto com as plantas, as ervas medicinais e alimentos orgânicos.

A maioria das oficinas foram realizadas nos espaços de convivência do Quintal Escola. As nossas primeiras oficinas se dedicaram a colocar os jovens em contato com a terra para conhecer sua textura, cor, temperatura e composição. Assim, cada um de nossos encontros foram se tornando experiências novas e extraordinárias. Neste sentido, eles sempre tinham a oportunidade de trazer as

questões, os problemas, as histórias, as dúvidas, as brincadeiras. Desta forma, as curiosidades afloravam: “então quer dizer que todas as plantas têm sexo?” “Tudo vem da rocha mãe?” “Orgânico é quando não tem agrotóxico?” “Então devemos acompanhar o ritmo da natureza?”. Deste modo os saberes eram disseminados e o conhecimento produzido.

Abaixo estão os resultados alcançados pelo Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes em parceria com a FIOCRUZ:

- Realização uma oficina com duração de 7 meses sobre produção de alimentos orgânicos, compostagem, gongo compostagem, fertilização e preparo do solo;
- Capacitação de 25 crianças e adolescentes com a realização do curso / atender 25 famílias com o projeto;
- levando em consideração que cada família possui em média 5 membros, totalizando um número de 125 pessoas impactadas;
- Formação de dois multiplicadores para realização das oficinas;
- Depois de sete meses de projeto o Quintal foi equipado com doze canteiros de hortaliças, um tanque de doze mil litros para produção de tilápias, um viveiro para cinquenta galinhas poedeiras Embrapa-51, equipamentos dos quais estarão disponíveis a comunidade ao término da pandemia do COVID-19.

4.2.3

Perguntas e respostas: como o Coletivo COE avalia o 1º e 2º ciclo de oficinas do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes:

Esta parte, terá como objetivo divulgar as impressões do Coletivo COE sobre os dois ciclos de oficinas que ocorreram no Quintal Escola Chico Mendes. Os textos e as perguntas foram retirados de alguns relatórios que o Coletivo executou durante o período do projeto, e que neste momento final da dissertação serviram como resultado para entender alguns pontos interessantes sobre o projeto. Desse modo, selecionei as perguntas e respostas que contemplariam a discussão que está sendo realizada até o momento.

1) Como se deu a realização do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes?

“A primeira atividade neste espaço foi apresentá-los a cada cantinho minuciosamente preparado pela equipe para a realização desses encontros. Os adolescentes do projeto logo na primeira atividade tiveram a oportunidade de escolher para si um codinome o qual lhe seria atribuído ao decorrer do curso. Este avatar deveria ter uma relação direta com a natureza e aquilo que cada participante considerava ser traços de sua própria personalidade. Assim, a Lara virou a nuvem, a Brenda a Cachoeira, o Antony a águia e assim por diante. As nossas primeiras oficinas se dedicaram a colocar os jovens em contato com a terra para conhecer sua textura, cor, temperatura e composição. Assim, cada um de nossos encontros foram se tornando experiências novas e extraordinárias. Aprendemos como plantar, ter cuidado com os peixes, as galinhas, com nossa própria alimentação; cuidado com a terra. Houve uma oficina onde juntos preparamos o Quintal, especificamente o solo, para receber as sementes e mudas orgânicas. Em seguida realizamos o plantio, a introdução dos alevinos nos tanques, e as aves no viveiro, as pintainhas e as codornas. No tempo da colheita, as crianças tiveram a oportunidade de colher pela primeira vez um alimento plantado por suas próprias mãos. Este foi um dia de festa e muita emoção. Por meio desses encontros alguns dos participantes passaram a cuidar de suas próprias hortinhas em casa.” (Trecho disponível em: RELATÓRIO FINAL PLANO DE ENFRENTAMENTO DE COVID19 NAS FAVELAS)

2) Análise das atividades e estratégias desenvolvidas e sua relação com o alcance dos resultados esperados.

O Projeto Quintal Escola Chico Mendes, é uma tentativa de criação de uma metodologia replicável de utilização de espaços urbanos ociosos para o desenvolvimento integral e sustentável da comunidade. Desenvolvimento em termos educacionais, culturais e de segurança alimentar. Nossa estratégia visa envolver as lideranças comunitárias através de encontros, rodas de conversas, debates, cafés, reuniões e oficinas para produção de espaços nos quais a comunidade possa atuar e se ver atuante nos mais variados problemas a que possam estar submetidas. Neste sentido, nossa estratégia principal é o envolvimento com a comunidade local através daqueles que são tidos como seus representantes e suas lideranças para que diante destes possamos ter maior alcance e mais representatividade. (Trecho disponível em: Edital Casa Fluminense Chamada 2030 para Ação Comunitária)

3) Aprendizagens que foram possíveis a partir do desenvolvimento do projeto:

Aproveitamos o afastamento social PROVOCADO PELA CONJUNTURA DA covid-19 para o fortalecimento das redes de apoio, a construção de novos vínculos sociais e a ampliação na comunicação do projeto. Em termos práticos, temos estudado e aprendido acerca da criação de peixes, galinhas e codornas. Aprendemos e executamos a construção de um teto verde sobre o viveiro de galinhas e planejamos conforme o “Sisteminha da Embrapa” a cartografia e arquitetura do Quintal, o que nos possibilitará mais tarde, transmitir tais saberes nas oficinas. Aproveitamos também esse espaço de tempo para estudarmos sobre hortas orgânicas, agroecologia, produção sustentável de alimentos, entre outros saberes. (Trecho disponível em: Edital Casa Fluminense Chamada 2030 para Ação Comunitária)

4) Qual o diagnóstico rápido da situação no(s) território(s) a ser enfrentada a partir da ação de intervenção proposta?

Cruzando os dados da Coordenadoria de Assistência Social e Direitos Humanos - CASDH, presentes no site Diagnóstico Socioterritorial Participativo, é possível afirmar que o território da Favela do Final Feliz situa-se entre as 5a e 6a CASDH que corresponde basicamente a Região Administrativa XXII e XXV. O território acumula, conforme as Coordenadorias, os piores Índices de Progresso Social - IPS (2018), os piores Índices de Desenvolvimento Social (2010) e o pior Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do município (2010) do Rio de Janeiro. Conforme o mesmo site, e de acordo com o IBGE (2010), as famílias deste território possuem maior número de mulheres, que são as mais impactadas pela pandemia, porque têm rendimentos menores em suas ocupações, estão menos presentes na economia formal e informal e possuem menos acesso à proteção social, segundo IPEA. E ainda vale dizer que em comparação com o resto do município, ocupamos praticamente a última colocação em ofertas de empregos formais. A fome na região do Complexo é resultado dos altos índices de desemprego, e cada vez mais crescente com o avanço da pandemia. As famílias se encontram em situação de extrema insegurança alimentar. A dificuldade de cumprimento do isolamento social (a maior parte dos moradores da favela são trabalhadores de serviços essenciais) e da falta de conscientização, tem deixado a comunidade mais vulnerável à infecção e o número de casos seguiu crescente

no curso do desenvolvimento da pesquisa. Segundo o Painel Rio COVID-19, até o dia 20/04/2021 foram contabilizados em Anchieta 1.207 infectados, em Costa Barros 536, em Pavuna 1.992, em Guadalupe 1.311 e em Ricardo de Albuquerque 585, e número de óbitos confirmados até a data referida foi de: Anchieta 172, Costa Barros 77, Pavuna 279, Guadalupe 202 e Ricardo de Albuquerque: 65. De acordo com o Unicef (2021), a quantidade de alunos, de 6 a 17 anos, que abandonaram as instituições de ensino foi de 1,38 milhão durante a pandemia. Esta realidade se reflete de forma ainda mais expressiva nas favelas, em particular no Chapadão. Com a quarentena e isolamento, muitas crianças e jovens ficaram sem ocupação, sobretudo no contraturno. Ademais, é expressiva e urgente a necessidade de esporte, cultura e lazer no território. Ocupamos praticamente a última colocação em ofertas de aparelhos oficiais de cultura e em nenhum dos bairros oferta de aparelhos de esporte e lazer oficiais. Ainda que de forma remota, o Coletivo e seus projetos possui papel fundamental no atendimento a essas demandas e na transformação dessa realidade. (Trecho disponível em: Edital Casa Fluminense Chamada 2030 para Ação Comunitária)

Chegar ao fim da dissertação é preciso, dizer adeus ao Coletivo não é

Escrever esta dissertação fez parte do meu cotidiano durante dois anos, chego ao final de um processo trabalhoso e cuidadoso, elaborado com responsabilidade social e vínculo afetivo. Durante o percurso de escrita deste trabalho me senti insegura em vários momentos, pelo fato dessa pesquisa não ter um resultado quantitativo, estatístico, lógico. Porém, termino o trabalho tendo a certeza de que esta é uma pesquisa importante para a Geografia, revelando um movimento novo de pesquisar, dando ênfase às práticas espaciais, aos corpos dos sujeitos e ao entendimento de que a pesquisa nunca é neutra.

A teoria feminista, a pesquisa participante/militante e uma geografia que se importa com as subjetividades orientadas por uma episteme dialógica, sensível e criativa (OLIVEIRA, 2012) me auxiliaram a construir todo esse entremeio entre a ciência geográfica e os sujeitos da ação. De fato, é algo novo dentro da comunidade acadêmica, porém, enquanto intelectuais, estamos atentos às novas teorias, explicações e referências que se tornam capazes de pensar em novas epistemologias e, por consequência, pluralizar as pesquisas.

Durante as orientações e todos os debates que tive a oportunidade de participar e apresentar minhas ideias ou até mesmo o meu trabalho, as devolutivas que recebi em relação ao que desenvolvo foram estimulantes, pois o meu ponto de partida tem um vínculo com o lugar que estabeleço raízes e busco entender melhor a minha própria existência a partir da análise deste espaço. Embora, ainda existam muitos pontos relevantes sobre este lugar, aqui quis trazer o que marcou o meu cotidiano durante o tempo do mestrado. Fui muito feliz em fazer parte do coletivo e ter como resultado a escrita desta dissertação.

Quando passei na seleção do mestrado tinha como objetivo principal fazer com que as pessoas conhecessem um pouco sobre o lugar de onde eu venho, chego ao final desse percurso com a certeza de que a favela do Final Feliz, o Chapadão, Anchieta, seja qual for a escala da análise, estão inseridos no Ambiente Acadêmico, e estão sendo reconhecidos de uma maneira positiva, sensível e verídica. Dessa forma, considero que o principal objetivo foi realizado. Aparecemos na Televisão, no canal da FioCruz, apresentei este trabalho em um evento em Portugal, outro em Curitiba, São Paulo, no Museu da Maré, na PUC,

enfim, a universidade tem esse potencial de expandir as fronteiras, fico muito feliz em saber que outras pessoas, de outras realidades, de outros lugares conheçam o meu lugar, e se interessem por ele.

Portanto, ao longo da construção deste trabalho averigua-se a discussão sobre o espaço da Favela do Final Feliz a partir do diálogo com o Coletivo COE, mantendo o foco em buscar fundamentos capazes de melhor compreender a realidade do espaço vivido entremeado pelo discurso geográfico. Nesse sentido, a pesquisa-ação foi a escolha de método que permitiu a aproximação entre a pesquisadora e o objeto sem perder o caráter científico.

Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento. (FREIRE, p. 36, 1971)

O primeiro objetivo específico desta dissertação: Caracterizar o espaço da Favela do Final Feliz dissociado da visão do “sobrevoo”, e compreender a sua inserção no processo de produção da cidade do Rio de Janeiro, concluindo que ao analisar o processo de uso e ocupação do solo suburbano percebe-se que este é o espaço dos trabalhadores subalternizados, da cultura desse povo que batalha e que habita o lugar. Dessa maneira, esse espaço é necessário para o pobre conseguir se consolidar na metrópole. É como diz Simas:

A cidade vista como espaço funcional, prioritariamente destinado à acumulação do capital, elabora estratégias de controle de massas. Os subalternizados, por sua vez, inventam cotidianamente maneiras de construir no perrengue seus espaços de lazer, sobrevivência e sociabilidade. (SIMAS, 2019, p. 86)

O segundo objetivo desta dissertação: aplicar o movimento metodológico da pesquisa-ação numa pesquisa participativa a partir das ações cotidianas em comunidade. Os resultados alcançados através da pesquisa-ação demonstram que “Participar não se limita a opinar sobre um determinado projeto, supõe também a vontade de intervir na produção do espaço.” (FERREIRA, 2020, p.85). Assim, permitindo a possibilidade de enxergar novos atores sociais a partir das vivências, portanto, “trata-se de valorizar a dimensão espacial da vida cotidiana, tal como uma categoria analítica interessante para o estudo do espaço urbano-metropolitano, para aproximar a teoria geográfica das paixões, ideais e intenções que movem as ações sociais.” (SINISCALCHI, 2020, p. 56).

O terceiro objetivo desta dissertação: Explicitar as formas de apropriação do espaço pelo Coletivo COE. A partir do engajamento enquanto pesquisadora-militante, pude entender melhor as proeminências do território, entender as demandas espaciais e organizar coletivamente. Isto fica ilustrado na execução da FLICC e do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes, ambos com características diferenciadas, mas, demonstrando a necessidade da ação social face à constatação da ausência do Estado em seu braço social. Como vimos, até o presente, o braço dominante tem sido o do aparato repressor.

Como Freire (1997) bem escreveu, é necessário ter rebeldia para se libertar das amarras da dominação,

(...) para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra, senão a paz privada dos dominadores. (FREIRE, 1997, p. 92).

Por fim, presumimos que a escala geográfica pode ser um instrumento analítico relevante para compreender a dimensão da ação dos movimentos sociais. Bem como averiguamos as possibilidades e os limites da ação na escala local. Como vimos nos capítulos anteriores, existe um estigma sobre as favelas que é reproduzido e precisa ser constantemente questionado, percebe-se que através da Cartografia da ação (RIBEIRO, 2001) inventiva, pautada em afetos, em uma episteme sensível, dialógica e criativa (OLIVEIRA, 2012) há a possibilidade da construção de uma outra imagem da favela a partir das insurgências, e, assim, construir caminhos para desconstrução de estigmas.

A realidade disseminada pela grande mídia e pelo próprio aparelho Estatal demonstram a favela como um espaço perigoso, repleto de más influências e cerceado pelo medo. Portanto, o que move a prática do Coletivo COE? Demonstrar que a favela do Final Feliz é potência, produz arte, cultura e lazer. Além disso, enfatizar que tem muita gente boa dentro deste lugar, artistas, acadêmicos, agricultores e, acima de tudo, favelados. Finalizo reiterando que há aqueles que estão lutando através do próprio cotidiano e precisam ser notados e reverenciados pela sua (r)existência. Entende-se que assim como os corpos, a Geografia está em movimento, faz parte dos movimentos e é ferramenta para a movimentação.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 1987.

ALMA Suburbana. Direção: Luiz Claudio Lima, Hugo Labanca, Leonardo Oliveira e Joana D'Arc. Rio de Janeiro: Subúrbio em Transe e Núcleo de Arte Grécia, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MHcQVtA1vzA&t=43s> . Acessado em 02 de junho de 2023.

ALVITO, Marcos. **As Cores de Acari**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

ANTAS, Mayra Cristine Pessôa. **A Construção de uma imagem: a representação das favelas cariocas no início do século XX a partir das charges**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2018.

ANTUNES, Thiago. Na hierarquia da violência, Chapadão é o novo Alemão. **O Dia**, 2015. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-05-03/na-hierarquia-da-violencia-chapadao-e-o-novo-alemao.html> . Acesso em 01 de junho de 2023.

ANUNCIAÇÃO ALVES, Glória. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **GEOUSP Espaço E Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 551-563, 2019.

BARTHOLL, T. Favela e soberania alimentar. In: **Vradis, A. et al. Favela, resistência e a luta pela soberania alimentar**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021, p.91-184.

BARTHOLL, Timo. **Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

BRETAS, Aléxia Cruz. " Pode-se levar uma vida boa em uma vida ruim?", por Judith Butler. **Cadernos de ética e filosofia política**, v. 2, n. 33, p. 213-229, 2018.

BRINGEL, Breno Marquês. O lugar nos movimentos sociais e o lugar da geografia na teoria dos movimentos sociais. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 27, n. 2, p. 35-49, 2007.

BURGOS, Marcelo Baumann et al. O efeito UPP na percepção dos moradores das favelas. **Desigualdade & Diversidade**, v. 11, p. 49, 2011.

BURGOS, Marcelo Baumann. Favela: uma forma de luta pelo direito à cidade. **Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond**, p. 373-39, 2012.

CAMPOS, Andreilino. Movimentos em estruturas “sócio-espaciais”: em busca dos sujeitos subalternos. In: SILVA, Cátia; CAMPOS, Andreilino; MODESTO, Nilo (org.). **Por uma Geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, p. 47-65, 2014.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do " espaço criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARDOSO, Adauto Lucio. O Programa Favela-Bairro-Uma Avaliação. **Seminário de Avaliação de Projetos**, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, M. B.. **Questão Habitacional e Controle Social: a experiência dos Parques Proletários e a ideologia “higienista-civilizatória” do Estado Novo**. Orientador: Marcelo Bauman Burgos. 2003. TTC (Graduação) – Curso em Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

CAVALCANTI, Mariana. Á espera, em ruínas: urbanismo, estética e política no Rio de Janeiro da 'Pacificação'. In: **Dilemas: revista de estudos em conflito e controle social**, v. 6, n.2, 2013.

COMPLEXO de Favelas. In: **Wikifavelas**. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexos_de_Favelas . Acessado em 01 de junho de 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**, 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COUTINHO, Maura Neves. **Agricultura urbana: práticas populares e sua inserção em políticas públicas**. Orientadora: Heloisa Soares de Moura Costa.

2010. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

COUTINHO, Maura Neves; DE MOURA COSTA, Heloisa Soares. Agricultura urbana: prática espontânea, política pública e transformação de saberes rurais na cidade. In: **Revista Geografias**, p. 81-97, 2011.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **História oral**, v. 6, 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento social como categoria geográfica. In: **Terra Livre**, n. 15, p. 59-86, 2015.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. In: **Revista Nera**, n. 6, p. 24-34, 2012.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O Rapto ideológico da Categoria Subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)**, 1995. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia – IGEO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA, Álvaro. A cidade que queremos: produção do espaço e democracia. In: **Espaço e Economia**, 2021.

FERREIRA, Alvaro. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. In: **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 14, n. 828, p. 1-13, 2009.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços: heterotopias** (Des espaces autres – conferência no Cercle d'Études Architecturales, 14 de março de 1967).

FRANCO, Marielle. **UPP–A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. Orientadora: Joana D'Arc Fernandes Ferraz, 2014. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Administração, UFF, Niterói, 2014.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. **Pesquisa participante**, v. 8, p. 34-41, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, p. 90, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986 [1970].

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GUHUR E TONÁ, Agroecologia. In: PEREIRA, Isabel Brasil et al. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.

HIERNAUX, Daniel. Pensar a cidade: a dimensão ontológica do urbano. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, p. 197-205, 2006.

HOLLOWAY, John; DOS SANTOS, Maria Rosimary Soares. Mudar o mundo sem tomar o poder. **ORG & DEMO**, v. 4, p. 127-132, 2003.

hooks, bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Teoria feminista**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.

HUDSON, Corrêa; GOMIDE, Raphael. Complexo do Chapadão, a nova fortaleza do tráfico. **Época**, 2015. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2015/05/complexo-do-chapadao-nova-fortaleza-do-trafico.html> . Acesso em 01 de junho de 2023.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. In: **Arquitextos**, São Paulo, ano, v. 8, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética das favelas**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883> . Acesso em, v. 9, p. 10-12, 2001.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 118, p. 567-576, 1979.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**, (Nova edição). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LEFEBVRE, Henri et al. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, A. (org.). O espaço da diferença. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

OLIVEIRA, Anita Loureiro. Por uma episteme dialógica, sensível e criativa: uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro. In: **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 1, pags. 13-29, jan/jun. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/viewFile/3293/8187>

PERLMAN, Janice. Marginalidade: do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969-2002). **Anais do X Encontro Nacional da ANPUR**. Belo Horizonte: ANPUR, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. In: **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A geografia dos conflitos sociais na América Latina e Caribe**. Relatório técnico final, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Da geografia às geo-grafias. Um mundo em busca de novas territorialidades**. México: Instituto de Investigaciones Histórico-Sociales Universidad Veracruzana, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para o estudo de conflitos e movimentos sociais na América Latina. In: **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas**, p. 5-26, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografia e movimentos sociais no processo de globalização em curso: Apontamentos. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 24, n. 1, 1998.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. In: **Cadernos Ippur**, p. 33-52, 2001.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. In: **Otrodesarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática**. Buenos Aires: CLACSO, p. 147-156, 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma Sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. v. 4. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, 2005. p. 411-422.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário**. Forma em crise. Utopias necessárias. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **O espaço geográfico como categoria filosófica**. São Paulo: Terra Livre, 1988.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. In: **Boletim gaúcho de geografia**, v. 21, n. 1, 1996.

SANTOS, Natália Cabral. **A Cultura Suburbana na Cidade do Rio de Janeiro entre o Final do Século XIX e Início do Século XX (1870-1930)**. Rio de Janeiro: Anais da ANPUH, 2011.

SANTOS, Renato Emerson. **Movimentos sociais e geografia: sobre a (s)espacialidade (s) da ação social**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SANTOS, Vitória Carme Correia; SILVA, José Borzacchiello da. O ESTADO E O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL. **Mercator**, Fortaleza, v. 4, n. 7, nov. 2008. ISSN 1984-2201.

SILVA, Adriella Camila Gabriela Furtado; DOS ANJOS, Mônica de Caldas Rosa; DOS ANJOS, Adilson. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. In: **Guaju**, v. 2, n. 1, p. 77-101, 2016.

SILVA, Bezerra. **Eu sou favela**. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment Brasil LTDA, 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5gFoulxkYEZknuUkNzWoRi?si=sLJVmZFaSh-ShnLC1iqkvg> . Acesso em 02 de junho de 2023.

SILVA, Catia Antonia da. **Metrópole e crise societária: resistir para existir**. Rio de Janeiro: Editora Consequencia, 2019.

SILVA, Catia Antonia. Cartografia da ação social: limites e possibilidades da contribuição do fazer geográfico. In: **Revista Tamoios**, v.8, n.1, 2012.

SILVA, Gilson Ribeiro da. **Análise do PAC-Favelas em Manguinhos: Das Remoções à Urbanização**. 104 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

SILVA, José Borzacchiello. Diferenciação socioespacial. In: **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, 2007.

SILVA, José Borzacchiello. Discutindo o Rural e o Urbano. In: **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 08, p. 3-11, 2011.

SILVA, José Borzacchiello. Movimentos sociais e processo de produção da cidade. In: FERREIRA, 214 Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio; SILVA, Augusto César P. da (Org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013, p.169-192.

SILVA, José Borzacchiello. O papel social do geógrafo. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 22, n. 1, 1997.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Moraes. Fazendo Geografias Feministas: apontamentos sobre desobediências epistemológicas. In: **Análises geográficas sobre o território brasileiro: Dilemas estruturais à Covid-19**. Editora UNIFAL–MG, p. 14-29, 2020.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. In: **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, p. 147-166, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes. REVISITANDO A CRÍTICA AO MITO DA MARGINALIDADE. In: **Avessos do prazer**, p. 89, 2005.

TAVARES, Ricarda Lucilia Domingues. **O valor do lugar e o lugar do valor na formação e afirmação das favelas cariocas**. 431 p. Orientadora: Fernanda Furtado de Oliveira e Silva. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFF, Niterói, 2016.

TORRES, Pedro Henrique Campello. " Avenida Brasil-Tudo Passa Quem Não Viu?": formação e ocupação do subúrbio rodoviário no Rio de Janeiro (1930-1960). In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 20, p. 287-303, 2018.

VAINER, Carlos. Utopias Urbanas e o Desafio Democrático. In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 105, p. 25-31, jul./dez, 2003.

ZIBECHI, Raúl. **Movimentos Sociais na América Latina: o “mundo outro” em movimento**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.